



**SESI
CULTURAL**
DIVERSÃO QUE TRANSFORMA.

Núcleo de Dramaturgia

A nova geração
de autores

2014

O Núcleo de Dramaturgia SESI Cultural foi lançado em abril de 2014, com o objetivo de descobrir e desenvolver novos autores no Rio de Janeiro. Por meio de inscrições, 20 textos foram selecionados e os candidatos tiveram a oportunidade de trocar experiências com Carla Faour e Henrique Tavares, dois dramaturgos renomados no cenário carioca. Durante um ano, o projeto ofereceu aulas práticas, além de promover encontros abertos ao público para debates sobre a dramaturgia no Brasil.

O lançamento contou com a consagrada crítica teatral Barbara Heliodora (1923–2015). O Núcleo também recebeu a atriz Claudia Raia, que abordou o gênero musical, e o ator Marcos Caruso, que falou sobre a importância de projetos que incentivam o surgimento de novos dramaturgos para o teatro. Após um mergulho no universo das artes cênicas, sete participantes foram escolhidos para a segunda etapa, que consistiu em dar uma linguagem teatral aos textos iniciais.

O projeto também trouxe de São Paulo o 1º Congresso Brasileiro de Dramaturgia, que aconteceu em dezembro de 2014, com o objetivo de reunir estudantes, profissionais e interessados em teatro, cinema e televisão, para discutir os rumos da dramaturgia. O evento contou com quatro mesas-redondas e a participação de nomes como Aderbal Freire-Filho, Aimar Labaki, Jô Bilac, Marici Salomão e Lauro Cesar Muniz.

Em janeiro e fevereiro de 2015, aconteceram leituras dramatizadas no Teatro SESI Centro e três obras foram selecionadas por uma banca formada por Carla Faour e Henrique Tavares, além de Marcia Zanelatto, Inez Viana e Colmar Diniz, nomes importantes da dramaturgia brasileira. Nesta publicação estão os textos vencedores e o resultado desse belo trabalho realizado ao longo do ano: *Os atrasados*, de Leandro Bellini, *Amores Flácidos*, de Herton Gustavo, e *Vende-se uma geladeira azul*, de Rafael Cal, escolhido para ser montado e encenado pelo SESI em sua rede de teatros.

Na primeira edição do projeto ficou clara a necessidade de um olhar mais atento sobre a dramaturgia, de espaços para discutir o tema e de mais oportunidades para os novos talentos. Por isso, o Núcleo de Dramaturgia SESI Cultural entende que contribui para o desenvolvimento das artes cênicas e o surgimento de autores no Rio.

Boa leitura.



Amores
flácidos



Os atrasados



Vende-se uma
geladeira azul

Herton
Gustavo

pg.004

Leandro Pires
Bellini

pg.076

Rafael
Cal

pg.182



Autor do texto *Amores Flácidos*: Herton Gustavo é ator, dramaturgo e poeta. Formado em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Unirondon e em Teatro pela Escola Técnica Martins Pena, tem em seu currículo três peças de teatro escritas. Recentemente venceu o prêmio de poesia organizado pela Autores S/A e publicará, também em 2015, o livro de poemas *Tango no abismo*, pela Editora Patuá, de São Paulo. Atualmente, assina ainda a dramaturgia da Oficina de Atores da Fundação Cesgranrio.

Herton
Gustavo





PERSONAGENS

Aroldo

Eunice

Advogado de defesa

Advogado de acusação

Representante do Ministério Público

Juíza

Doutora Sidney

Garçom 1

Garçom 2

Garçom 3

Cosme

Moça gorda

Moça magra

Policial

PRÓLOGO

Foco de luz nos dentes de Aroldo, que fala devagar. A luz vai abrindo e revela um homem bonito, mas muito magro e abatido, de mais ou menos 35 anos.

AROLDO *(Em tom formal, próprio de um especialista traduzindo o jargão da sua área para leigos).*

Basicamente, o sorvete é preparado a partir da mistura de água, gordura, açúcar, proteínas, estabilizantes e emulsificantes. Se esse sorvete tem zero por cento de gordura e não possui adição de açúcar, do que ele é feito então? De água e proteína?

A gordura é que dá ao sorvete a consistência cremosa, a textura macia e também influencia no sabor. Então, basicamente, sem gordura não dá pra fazer um sorvete de verdade. Sem gordura nada tem graça. Nada. Mas com essa mania que inventaram de todo mundo querer ficar magro e com esse calor da porra o ano todo, não teve jeito: algum filho da puta teve que inventar um substituto pra gordura, como o soro do leite, por exemplo. No caso do açúcar, que também tem muitas calorias, aconteceu a mesma coisa: foi substituído por edulcorantes sorbitol, ciclamato de cálcio e sucralose. A única coisa que eu fiz de diferente na minha receita foi acrescentar o veneno. De rato.

(Uma projeção anuncia o título da peça: Amores Flácidos.)

CAPÍTULO I

TRIBUNAL DE JUSTIÇA

Aroldo, na qualidade de réu, está sentado no centro do palco, de frente para a Juíza: uma mulher magra, de mais ou menos 55 anos. Ao seu redor estão o advogado de defesa, um homem gordo, com cerca de 45 anos; o advogado de acusação, um homem gordo, de mais ou menos 40 anos; e o representante do Ministério Público, um homem também gordo, de mais ou menos 60 anos. Todos, com exceção de Aroldo, lambuzam-se tomando sorvete de beterraba light.

JUÍZA

Ordem no Tribunal! Ordem! Com a palavra, o advogado de acusação.

ADVOGADO DE ACUSAÇÃO

Aroldo Machado, todas as suas vítimas eram gordas e foram envenenadas com sorvete de beterraba *light*. Por que tanto ódio das gordas? Qual o motivo dessa fixação?

ADVOGADO DE DEFESA

Protesto! Meritíssima Senhora Juíza, a acusação está tentando confundir o réu.

JUÍZA

Protesto aceito. Prossiga sem subjetividades.

ADVOGADO DE ACUSAÇÃO

Meritíssima Senhora Juíza, Digno Advogado de Defesa, Ilustre Representante do Ministério Público, o libelo crime acusatório decorre com exatidão dos fatos constantes dos autos provados sem a menor sombra de dúvida. Esse homem demonstrou completa frieza e falta de caráter ao matar estupidamente 12 mulheres gordas. Por pura maldade. Pelo simples gozo de matar. A autoria do crime está

provada. Doze mulheres gordas. Vítimas de sua vileza, torpeza e covardia. E o que o réu tem a argumentar em sua defesa? Nada. Absolutamente nada. Por isso, Meritíssima Senhora Juíza, impõe-se a aplicação da pena máxima para o crime de homicídio doloso. E falo aqui não apenas em nome de 12 mulheres que foram covardemente envenenadas no Calçadão de Copacabana. Vítimas desse homem calculista e frio, feito um sorvete, com o perdão do trocadilho, que em um ritual repleto de maldade, escolheu uma vítima em cada mês do ano, o que só reafirma que não apenas tinha a intenção de matar, como planejou tudo com requintes de crueldade. Venho aqui fazer um apelo por justiça. Justiça que nada mais é do que a necessidade de garantir a defesa da sociedade que aqui representamos. O réu responde por todas as suas faculdades mentais. Matou por prazer. Matou porque quis. Ele seguramente ignora o que seja o afeto, o amor, como ignora qualquer princípio de caráter. Aplicar uma pena mínima ou ainda deixá-lo em liberdade é ter a certeza de que ele continuará envenenando mulheres gordas e destruindo outras famílias.

JUÍZA

Com a palavra o advogado de defesa.

ADVOGADO DE DEFESA

Meritíssima Senhora Juíza, Digno Representante do Ministério Público, Ilustre Advogado de Acusação. Não se julga aqui as consequências do gesto infeliz do réu. É preciso examinar bem os fatos, as origens e como ele foi executado. O réu é acusado de premeditar os crimes pelos quais é acusado. Não! Absolutamente não! Porque é notório que Aroldo Machado não responde e nem respondia por suas faculdades mentais quando subitamente e involuntariamente cometeu os delitos que cometeu. Meritíssima, essa é a verdade. Simples e pura que emerge dos autos: Aroldo Machado não é um criminoso perverso, cruel e sem sentimentos como foi pintado aqui com matizes de cores quentes para comover os senhores. Nós lamentamos a sorte de todas as vítimas, assim como lamentamos a sorte desse homem infeliz cuja saúde mental fragilizada o deixa instável, confuso

e demasiadamente perturbado. Mas é necessário salientar que o ato tresloucado do réu foi fruto, antes de mais nada, de um desespero particular em encontro a uma preocupação com o coletivo. Veja bem: eu disse coletivo. Cansado de ser cúmplice indireto da crueldade imposta por essa ditadura da magreza, que insiste em subverter a ordem natural das coisas e transformar gordas felizes em seres delgados e sem alegria nenhuma, mas assim pertencentes a um padrão esquizofrênico e agressivo de beleza, Aroldo, não respondendo por sua sanidade mental e guiado pelo impulso e pelo desejo pulsante de não mais concordar com esse tipo de agressão, lutou o quanto pôde para que a ordem das coisas não fosse alterada, usurpada, subvertida, corrompida. É claro que as medidas usadas por esse homem de bom coração, sim, de bom coração, não foram as mais razoáveis e isso se deve, naturalmente, à ausência do seu equilíbrio mental. O que não transforma Aroldo, de maneira alguma, em um assassino cruel, violento, tampouco em um monstro, como insiste, de forma equivocada, o caro colega, advogado de acusação. É válido destacar, ainda, Meritíssima, que todas as mulheres vítimas dessa fatalidade não foram violentadas de nenhuma forma. Envenená-las foi a maneira poética que Aroldo, no auge da sua indignação com essa cultura xiita e estúpida, que transforma magros em seres acima do bem e do mal, encontrou para não compactuar com essa violência psicológica e libertá-las de uma vez por todas dessa imposição absurda em terem que emagrecer. Ouso dizer que Aroldo, Meritíssima, é um mártir, que ainda que tenha falhado, trazia no seu gesto, de certa forma político e irremediável, uma nobre intenção. Matou 12 gordas sim. Mas para abrir os olhos de uma vez por todas da população mundial, que certamente em longo prazo sofrerá de forma positiva as consequências de sua ação. E antes de findar meu argumento, faço aqui uma provocação: o que seria dos ônibus lotados, dos restaurantes a quilo, das churrascarias, dos rodízios, das drogarias com seus sorrisais, das sorveterias, das pipocas do cinema, das lojas de departamento com a sessão de roupas GG, o que seria da nossa economia se todas as gordas decidissem emagrecer? A atitude de Aroldo, hoje manchete no mundo inteiro, que voltou os olhos para esse sorveteiro humilde e trabalhador, ainda que soe fria e mórbida, tem sua cota de valor. Aroldo definitivamente não premeditou esse triste

evento, tampouco agiu por mal. E não é encarcerando-o para que envelheça ao lado de criminosos cruéis e perigosos, como deseja a acusação, que utilizaremos de justiça para com esse pobre ser humano, que de forma lamentável e ausente de qualquer lucidez, como todos nós aqui já sabemos, fez o que fez. Que Aroldo Machado seja julgado com humanidade e assim possa receber com dignidade um tratamento médico em uma clínica especializada e não em uma penitenciária onde ele, que não possui antecedentes criminais, certamente sairia deformado. Tantos outros gênios, que mudaram de forma avassaladora e para melhor os rumos da nossa história, foram taxados de loucos e totalmente incompreendidos. Infelizmente ou felizmente, Aroldo é a bola da vez. Confio na lucidez do vosso julgamento. Vossa Excelência tem a decisão nas mãos.

JUÍZA

O réu tem algo mais a dizer?

AROLDO

O seu sorvete. Derreteu.

CAPÍTULO II

CONSULTÓRIO DE PSICANÁLISE

Eunice, deitada no divã, come e fala de boca cheia. Doutora Sidney chupa um sorvete de beterraba e a ouve com fascínio.

EUNICE

O que foi que disse?

DOUTORA SIDNEY

O seu sorvete. Derreteu.

EUNICE

Ah, sim. Obrigada.

DOUTORA SIDNEY

Não tem de quê.

EUNICE

Cuide-se. E seja feliz.

DOUTORA SIDNEY

Sempre me encantando com sua doçura.

EUNICE

Refiro-me ao torpedo, doutora: "Não quero mais nada contigo. Cuide-se e seja feliz."

DOUTORA SIDNEY

Isso foi tudo o que ele disse?

EUNICE

Sim. Mas a verdade é que não tenho certeza se foi "ele" quem disse.

DOUTORA SIDNEY *(anotando em voz alta)*

Não tem certeza se recebeu essa mensagem ou se isso é fruto da sua mente criativa.

EUNICE

Não, doutora. Não sei se foi ele quem terminou tudo comigo ou se foi ela. É tudo muito novo pra mim. É a primeira vez que levo um pé no rabo. Foi tudo surpreendentemente estranho. Especialmente porque sou solteira. E aqui é tudo muito diferente. No mar isso jamais aconteceria.

DOUTORA SIDNEY

É. No Rio as coisas são bem diferentes mesmo.

EUNICE

Às vezes, a vontade que me dá é voltar de uma vez por todas pro fundo do mar e não sair mais de lá.

DOUTORA SIDNEY

Sempre me encantando com sua impulsividade.

EUNICE

Doutora, me diz como superar essa sensação amarga de ter sido rejeitada, se não sei quem me rejeitou?

DOUTORA SIDNEY

Já pensou em ligar de volta?

EUNICE

Foi a primeira coisa que fiz. Mas só dá caixa postal. É muito humilhante ser desprezada por alguém que nem sei quem é, doutora. Já passou por isso alguma vez?

DOUTORA SIDNEY

Se levarmos em conta que nunca conhecemos realmente quem está ao nosso lado, posso dizer que sim.

EUNICE

E como superou?

DOUTORA SIDNEY

“Só um amor para curar outro amor”. Chico Xavier.

EUNICE

Lindas palavras, doutora. Mas na prática a teoria é outra. E tem outra coisa: sou peixes com lua em aquário. Não lido bem com rejeição. Sou do tipo que tem fome, muita fome de vingança mesmo.

DOUTORA SIDNEY

“A vingança é um peixe que se come frito”. Clarice Lispector.

EUNICE

Mas como me vingar de alguém que nem sei quem é? Estou sendo consumida por um sentimento de impotência que anda acabando com minha autoestima. E quando me sinto impotente, eu como pra não enlouquecer.

DOUTORA SIDNEY

Como?

EUNICE

Doutora, é impressão minha ou está um pouco distante?

DOUTORA SIDNEY

Desculpe, Eunice. É que é tão encantadora sua sinceridade, que acabei mergulhando na sua franqueza e me afogando na espontaneidade que brota desses teus olhos da cor do mar.

EUNICE

É lente de contato, doutora. Meus olhos na verdade são castanhos. Mas como ia dizendo, uso a comida como válvula de escape. Por isso vim até aqui. Preciso de ajuda. Para superar esse término, deixar a ansiedade de lado e parar de comer igual a uma baleia. Preciso recomeçar.

DOUTORA SIDNEY

“Você é linda mais que demais, você é linda sim”. Chico Buarque de Holanda.

EUNICE

Não. Sou gorda. Sou uma sereia gorda. Sempre fui. Por isso troquei o mar pelo Rio, porque tinha esperança que aqui, estimulada por esse culto à boa forma, emagreceria. Mas o tiro saiu pela culatra. Sofri essa decepção e passei a comer mais compulsivamente ainda. Resultado: cheguei à casa dos três dígitos, doutora. Deixei de ser gorda e virei obesa. Tem noção do peso que isso tem na minha vida? Eu que sempre sofri por não me encaixar nos padrões de beleza idealizados por minha família e pela sociedade, agora estou ainda mais distante deles.

DOUTORA SIDNEY

“A calma é a melhor amiga da alma”. Rita Lee.

EUNICE

E tem outra coisa que ainda não falei. E que na verdade nem sei como dizer.

DOUTORA SIDNEY

Prossiga, sem pudores.

EUNICE

Essa torta é de sardinha, doutora. Minha compulsão alimentar é por sardinhas, peixes, camarões e comida japonesa de um modo geral. Não sou boa bisca. De algum modo ajudo a dizimar os meus. Sou praticamente uma canibal. Acordo e durmo

com esse sentimento de culpa. Mas é mais forte do que eu. Quando vejo já estou atracada com um namorado assado com batatas, um salmão com lentilhas, um combo de sushi e sashimi. E agora, pra me enganar, apelei pras tortas de sardinha, pra amenizar minha culpa. Mas não adianta. Sou uma víbora. Mereço mesmo ser desprezada. Mas precisava ser dessa forma tão cruel? Por alguém que nem sei quem é?

DOUTORA SIDNEY

Eu te amo, Eunice.

EUNICE

Como?

DOUTORA SIDNEY

Pode comer sua torta de sardinha à vontade, meu amor. Eu te amo com todas as suas neuras, com toda a sua gula, com toda a sua culpa. Com todas as suas dobras. Eu te amo com todos os dígitos que você imprime na balança. Eu te amo, como nunca amei um paciente em toda minha vida. Eu te amo como nunca me amei em toda a minha vida.

EUNICE

Desculpe, doutora Sidney.

DOUTORA SIDNEY

Pode me chamar só de Sidney, por favor. Já temos intimidade o suficiente. Afinal, a conheço há quase uma hora. E já sei tanto sobre você, que não vejo mais porque esse tipo de formalidade.

EUNICE

Doutora, acho que está confundindo.

DOUTORA SIDNEY

Você precisa permitir-se Eunice. Você está no Rio, aqui é tudo diferente. Muito mais liberal. Dê-me uma chance de fazê-la feliz.

EUNICE

Doutora, com todo o respeito. Meu negócio é peixe-espada. E acho melhor a gente fazer de conta que essa conversa não aconteceu.

DOUTORA SIDNEY

Você não pode estar falando sério.

EUNICE

Por que não estaria?

DOUTORA SIDNEY

Porque dediquei quase uma hora da minha vida pra te ouvir, fui me encantando com cada sílaba que você proferia, com cada som que você emitia, com cada gesto. E você foi aproveitando-se da minha vulnerabilidade pra me seduzir, me iludir e agora me tratar assim?

EUNICE

Eu paguei por essa sessão.

DOUTORA SIDNEY

Não pagou.

EUNICE

É lógico que paguei. Paguei com meu plano de saúde.

DOUTORA SIDNEY

Não aceitamos seu plano de saúde. Não trabalhamos com Unimar.

EUNICE

É claro que trabalham. Dei o cartão do meu plano de saúde pra sua secretária ranzinza efetuar a transação.

DOUTORA SIDNEY

Aquela não é a secretária. Aquela mulher magra, amarga e cheia de varizes que é incapaz de demonstrar afeto é a diarista que limpa meu apartamento de 15 em 15 dias e veio me trazer as chaves e o sorvete de beterraba *light* que comprou especialmente pra mim. O nome dela é Maria José. Apesar de ser incapaz de demonstrar afeto, adora me paparicar. E sabe que tenho uma queda por sorvete de beterraba. *Light*.

EUNICE

Olha, realmente acho que... Disse sorvete de beterraba? *Light*?

DOUTORA SIDNEY

Uhum. Uma delícia. Sorvete de beterraba. *Light*.

EUNICE

Nunca ouvi falar desse sabor.

DOUTORA SIDNEY

Pois é. Nem eu. Até Maria José me apresentar esse sabor, que descobriu em uma sorveteria que tem dentro de uma galeria no centro da cidade e eu nunca mais vou querer saber de outra coisa.

EUNICE

Então deve ser muito gostoso.

DOUTORA SIDNEY

É muito mais que gostoso. É delicioso. É um sabor que só provando mesmo pra

entender.

EUNICE

Uau.

DOUTORA SIDNEY

Posso te confessar uma coisa?

EUNICE

Prossiga, sem pudores.

DOUTORA SIDNEY

Eu não apenas me solidarizo com teu drama, como me identifico com ele. Já tive uma queda por frutos do mar.

EUNICE

Jura?

DOUTORA SIDNEY

Sim. Mas meu fraco mesmo sempre foram as empadinhas de camarão.

EUNICE

Com muito *cheddar* e azeitona?

DOUTORA SIDNEY

E bastante cheiro-verde. Eunice, somos mais parecidas do que pode imaginar. Acredite: para mim também não era nada fácil essa compulsão. Com todo respeito, eu vivia fedendo a peixe. Mas depois que conheci o sorvete de beterraba *light*, minha vida mudou. Não vou dizer que tomei nojo de peixe, pois estaria sendo leviana e admito que ainda tenho minhas crises de abstinência, mas hoje prefiro mil vezes o meu sorvete. Não troco por nada.

EUNICE

Nossa! Nem sei o que dizer.

DOUTORA SIDNEY

Pois eu sei. Você precisa dar-se o direito de experimentar e rever seus gostos. No começo você pode até achar o sabor meio estranho, mas depois que tomar gosto pela coisa, aí não vai querer saber de outra. Pode apostar.

EUNICE

Será?

DOUTORA SIDNEY

Claro! Permita-se Eunice.

EUNICE

Não sei. Ainda estou confusa. Talvez seja melhor não.

DOUTORA SIDNEY

Tem certeza?

EUNICE

Não.

DOUTORA SIDNEY

Imaginei.

EUNICE

Posso?

DOUTORA SIDNEY

É claro!

(Eunice dá uma lambida no sorvete de Sidney e depois uma segunda e uma terceira lambida.)

EUNICE

Você faz isso com todas?

DOUTORA SIDNEY

Não. Só com as sereias.

EUNICE

Vou parecer muito juvenil se eu disser...

DOUTORA SIDNEY

Prossiga.

EUNICE

Que eu te amo?

DOUTORA SIDNEY

É claro que não.

EUNICE

Eu te amo. Como nunca amei ninguém em toda minha vida. Como nunca me amei em toda minha vida.

DOUTORA SIDNEY

"O peixe morre pela boca". Caio Fernando Abreu.

EUNICE

Oi?

DOUTORA SIDNEY

Cai fora daqui, sua piranha gorda.

EUNICE

Como assim? Há pouco disse que me amava!

DOUTORA SIDNEY

Disse. Pretérito. Mas estragou tudo quando correspondeu ao meu amor.

EUNICE

Mas pensei que...

DOUTORA SIDNEY

Pensou errado. Cai fora daqui. Porque amor correspondido é igual peixe estragado. Logo começa a feder.

EUNICE

Não pode estar falando sério. Não pode me jogar no lixo como uma espinha de peixe de rio.

DOUTORA SIDNEY

"Despreza-me que te prezo. Preza-me que te desprezo" Sidney Sheldon.
Cai fora. E até nunca mais. Daqui a dez minutos tenho outra paciente.

EUNICE

Posso, pelo menos?

DOUTORA SIDNEY

Leva o sorvete inteiro, se quiser, desde que suma da minha frente agora mesmo, sua baleia.

(Eunice sai desolada, chupando o sorvete de beterraba light.)

DOUTORA SIDNEY

“Antes só que do mal acompanhada”, já dizia Cecília Meireles. Próxima!

CAPÍTULO III

CAFÉ DE UMA LIVRARIA DECADENTE

Eunice está sentada lendo a contracapa de um livro com desânimo. Aroldo fuma um cigarro. Em volta deles muitos livros velhos e um aroma de café pairando no ar.

AROLDO

O seu sorvete. Derreteu.

EUNICE

Oi?

AROLDO

O seu sorvete. Caiu na sua blusa.

EUNICE

Droga. Outra vez? Detesto desperdício.

AROLDO

É. Deu pra perceber.

EUNICE

Obrigada por me avisar.

AROLDO

Não tem de quê.

EUNICE

Muito prazer. Eunice.

AROLDO

Aroldo.

EUNICE

Berinjela gratinada é uma prima do jiló que subiu na vida. O jiló é um cara que nasceu amargo, que não combina com açúcar. O açúcar adoça tudo profundamente e mesmo assim sempre vai em cana. E como ele é vulnerável! Basta passar o café para que se derreta todinho. O café.

AROLDO

Um café, por favor.

(Olha de relance pra ela) Sem açúcar.

EUNICE

Não entendo o que esse autor diz. Parece que fala pra dentro. Fica difícil entender. Fica difícil continuar lendo. Fica difícil continuar aqui. Falando sozinha.

AROLDO

Fica.

EUNICE

Você disse fica?

AROLDO

É.

EUNICE

Você quer?

AROLDO

O quê?

EUNICE

Que eu fique? Vai ser importante pra você se eu ficar?

AROLDO

Vai ser importante pra você, se for importante pra mim, que você fique?

EUNICE

Não sei.

AROLDO

Não sabe?

EUNICE

É. Nunca sei o que é exatamente importante pra mim.

AROLDO

Ninguém sabe. Mas é preciso fazer de conta que se sabe.

EUNICE

Então digo que é. É importante.

AROLDO

E então eu fico.

EUNICE

E depois que terminar o café?

AROLDO

O que é que tem?

EUNICE

Cada um vai pro seu lado?

AROLDO

É o previsível. Ou não?

EUNICE

Esse é o ponto. Detesto tudo que é previsível. Gosto mesmo é de quebrar a regra. Que nesse caso seria nós dois irmos pro mesmo lado.

AROLDO

Ou não irmos. A gente podia continuar aqui nessa livraria. Eu tomando o meu café. Você folheando esses livros chatos que dizem coisas pra dentro. E o imprevisível tomando conta de nós.

EUNICE

O que tem de imprevisível nisso?

AROLDO

Eu não a conheço. Você não me conhece. São cinco horas da tarde e daqui a pouco cada um de nós inevitavelmente seguiria seu rumo. Eu seguiria pra minha casa, pra minha vida, pra minha mulher, e você pra sua casa, pro seu cachorro e pra sua coleção de esmaltes de cores quentes.

EUNICE

Por que não disse que eu seguiria pra minha casa e para o meu marido também?

AROLDO

Você é casada?

EUNICE

Não. Não tenho talento pra ser esposa. Mas nunca pensei que isso estivesse escrito na minha testa.

AROLDO

Está escrito.

EUNICE

Na minha testa?

AROLDO

Não. Estou lendo o título do livro. Está escrito. É o título.

EUNICE

Não tem cara que gosta de livros sobre espiritualidade.

AROLDO

Mas não gosto.

EUNICE

O que está fazendo aqui na sessão deles então?

AROLDO

Não tenho culpa se o café da livraria fica junto com essa sessão.

EUNICE

É verdade, não tinha reparado.

AROLDO

Você também não tem cara de que gosta de livros.

EUNICE

Sobre espiritualidade?

AROLDO

Não. Livros de um modo geral.

EUNICE

E não gosto mesmo. Só entrei aqui por sua causa. Estava passando em frente à Bolsa de Valores quando o vi saindo e vindo em direção à livraria. Vi quando os papéis que estavam na sua mão caíram e você travou um duelo com o vento para tentar recuperá-los. Sonhei com isso faz uns dois dias. Sonhei. Igualzinho. Sem tirar nem pôr.

AROLDO

Você já não olha como antes. Você cresceu, cresceu demais.

EUNICE

Oi?

AROLDO

O título desse livro. Sobre transformações e mudanças. A sessão de autoajuda está misturada com a de espiritualidade.

EUNICE

Posso saber então o que estamos fazendo aqui?

AROLDO

Oi?

EUNICE

Não seria melhor nós dois irmos para o mesmo lado?

AROLDO

Seria?

EUNICE

No meu sonho, eu seguia pra livraria, a gente conversava e depois íamos os dois,

juntinhos.

AROLDO

Juntinhos? Isso parece bom.

EUNICE

Quis dizer, juntos.

AROLDO

Íamos pra onde?

EUNICE

Pra um lugar onde pudéssemos ser felizes.

AROLDO

Não somos felizes?

EUNICE

Quis dizer, mais felizes.

AROLDO

Bem mais felizes? Isso parece muito bom.

EUNICE

De zero a dez, quanto você é feliz?

AROLDO

De dez a zero, quando você é feliz?

EUNICE

Acha que isso é pergunta que se faça?

AROLDO

Os homens têm uma tendência a achar que sim, as mulheres não.

EUNICE

Para as mulheres a felicidade não é matemática.

AROLDO

Não mesmo. Minha mulher, quando inventa moda de querer ser feliz, sai gastando com tudo que vê pela frente.

EUNICE

Não quero que fale sobre ela. Não pelo menos quando estiver comigo.

AROLDO

Estou com você?

EUNICE

Estamos juntos. Não estamos?

AROLDO

Mas ainda nem sei quem você é.

EUNICE

Você não está sozinho. Também não sei ainda quem sou. De qualquer modo, não fale sobre ela. No meu sonho, você nem sequer cogitava a hipótese de mencionar o nome dela.

AROLDO

No seu sonho, nós olhávamos pra janela às cinco da tarde e víamos o céu cheio de estrelas?

EUNICE

Exatamente. No meu sonho, nós olhávamos pra janela às cinco da tarde e não

víamos nenhuma estrela. Mas mudando de assunto, você tem fogo?

AROLDO

Não. Não fumo.

EUNICE

Não é isso. Quero saber se você é quente. Se tem fogo. Se gosta de uma boa trepada. Desculpe. Juro que tentei não ser direta e dar ao nosso encontro uma pegada quase onírica, mas você é devagar quase parando. Vou ter que ser mais clara. Daqui a pouco vai dar seis, sete horas da noite e a lua vai se pôr. E o sol vai nascer. O sol das sete da noite me desestabiliza.

AROLDO

Mas aqui dentro estará protegida.

EUNICE

Quem me garante que o sol não vai atravessar o vidro da vitrine e o reflexo dela não vai cegar meus olhos? Ninguém garante. Não tenho tempo a perder. Quer ser meu amante?

AROLDO

Isso é uma cantada?

EUNICE

Não. Isso é uma cantada.

AROLDO

Ah, isso é uma cantada então?

EUNICE

Não, isso é uma cantada. Se disser que sim, a gente sai de uma vez por todas desse lugar.

AROLDO

Não gosta dessa livraria?

EUNICE

Não gosto de nenhuma livraria. Tem cheiro de melancolia. Isso aqui é lugar pra maridos, esposas, velhos e gente flácida. Não é lugar pra mulheres como eu. Nunca li um livro de verdade. Só leio as orelhas, as contracapas. E olhe lá.

AROLDO

Gosto da sua franqueza.

EUNICE

Não sou fraca.

AROLDO

Disse que gosto da sua fraqueza.

EUNICE

Hum...

AROLDO

Gosto de quem simplesmente é.

EUNICE

Por favor, mais respeito comigo. Que tenho idade pra ser sua amante. E não sou tão franca assim.

AROLDO

A lua tá se pondo.

EUNICE

Às vezes eu minto.

AROLDO

É lindo ver a lua se pôr aqui desse ângulo da livraria.

EUNICE

Mas só minto quando é necessário. E sempre é.

AROLDO

E as estrelas começam a se preparar pra receber o sol. Elas começam a se movimentar pelo céu, num fluxo só. Parece coreografado.

EUNICE

Mas não pense que só as mulheres que têm vocação pra ser amantes é que mentem. As esposas também mentem. No fundo, amantes, esposas, todas as mulheres mentem. Em um verdadeiro fluxo. Quer dizer, quase todas, menos as flácidas.

AROLDO

Hum?

EUNICE

As flácidas não sabem mentir. São sinceras por natureza.

AROLDO

Quando era mais jovem, queria estudar as estrelas. Acabei virando dono de sorveteria.

EUNICE

Mas eu te vi saindo da Bolsa de Valores.

AROLDO

Não. Você me viu saindo da sorveteria, que fica na mesma galeria da Bolsa de Valores.

EUNICE

Mas e aqueles papéis todos que caíram da sua pasta?

AROLDO

Boletos vencidos. Contas a pagar. O aluguel naquela galeria está o olho da cara. Qualquer hora dessas, desisto e viro vendedor de sorvete ambulante.

EUNICE

Eu nunca quis estudar. Sempre quis ser amante.

AROLDO

Pelo menos alguém aqui chegou onde queria.

EUNICE

Cheguei porcaria nenhuma. Queria ser amante efetiva, com estabilidade. Meus casos nunca duraram mais que duas estações. Por isso te segui. Pensei: se aquela cena inteira aconteceu antes no meu sonho, se você surgiu assim do nada no meu sonho, deve ser o amante que tanto espero. Então imaginei tudo: a gente trocaria umas palavras, tomaríamos um café e depois, antes mesmo da lua se pôr, iríamos pro mesmo lado, pra a mesma cama. Num fluxo só.

AROLDO

Esse papo tá me deixando com fome.

EUNICE

Esse papo está me deixando com calor. Pena que aqui não vende sorvete.

AROLDO

É. Inverno é assim mesmo. Quente.

EUNICE

É. Já não se fazem mais invernos como antigamente.

AROLDO

Acho que vou pedir uma berinjela gratinada.

EUNICE

Berinjela gratinada? Que coincidência.

AROLDO

Aqui no café da livraria eles fazem a melhor da cidade.

EUNICE

É porque ainda não comeu a minha berinjela. Boto pimenta.

AROLDO

O quê? Acabou a berinjela?

EUNICE

Se você quiser, posso.

AROLDO

Pode?

EUNICE

Posso.

AROLDO

Tem certeza?

EUNICE

Não. Mas posso.

AROLDO

Olha, agradeço a proposta. Tudo o que tem pimenta me faz um mal danado. Vou pra casa. Comer a berinjela da minha esposa mesmo. Sem pimenta.
(Ao garçom) A conta, por favor.

EUNICE

Mas pensei que...

AROLDO

Deixa que o seu café é por minha conta.

EUNICE

Mas não bebi nenhum café.

AROLDO

Mas vai acabar bebendo, todo mundo é viciado em café.

EUNICE

Não sou viciada em café.

AROLDO

É viciada no quê então?

EUNICE

Não sou viciada em nada.

AROLDO

Essa é uma das fases do vício. A negação. Não seja modesta. Todo mundo é viciado em alguma coisa.

EUNICE

É, acho que pode estar certo. Tá bom, você está certo. Sou mesmo uma viciada.

AROLDO

Sim, estou certo. Eu acho.

EUNICE

Viciada em querer o que não posso ter. Viciada em querer o que é dos outros. Em marido dos outros. Pode apostar que sem essa aliança dourada brilhando aí no seu dedo, não teria te dado pelotas.

AROLDO

Seja otimista. Talvez seja viciada em alianças douradas.

EUNICE

Não tenho vocação pra ourives. Meu vício é em homem casado mesmo. E em sorvete de beterraba. *Light*. O meu preferido. E você?

AROLDO

Eu não sou muito chegado em homens casados não. Pra falar a verdade nem em solteiros. E sorvete, por incrível que pareça, não gosto nem do cheiro.

EUNICE

Um sorveteiro que não gosta de sorvete?

AROLDO

Ironias da vida.

EUNICE

Não é isso. Quero saber qual o seu vício. Não acabou de dizer que todo mundo é viciado em alguma coisa?

AROLDO

Não lhe parece óbvio? Achei que estivesse estampado na minha cara. Sou viciado

em berinjela gratinada mesmo. E em café, é claro. Mas café não conta porque é lugar comum. Vício que todo mundo tem, não conta como vício. O coletivo acaba nos protegendo e o vício é visto apenas como um hábito diário.

EUNICE

Entendi. Eu acho.

AROLDO

Agora, realmente preciso ir.

EUNICE

Olha, quanto ao café, não precisa mesmo se preocupar em pagar. Não vou beber. Me dá azia. E azia me deixa melancólica. E melancolia me abre o apetite. E eu morro de medo de engordar ainda mais e virar uma gorda flácida.

AROLDO

Já que insiste. A conta por favor. Deixa que o seu café é por minha conta.

Ele paga a conta e sai.

EUNICE *(Lendo a contracapa de um livro.)*

E ela nunca mais dormiu. Pra nunca mais sonhar. E a única chance de ser menos infeliz saiu por aquela porta, pra nunca mais. Ela sempre ficava com aquela sensação. De que era sua última chance, que como as outras iam embora num fluxo só de ida. Sem despedida. Sem volta. Que livro estúpido. Coisa melancólica essa livraria. Por favor, um café sem açúcar. Não sei se foi essa conversa ou essa leitura, mas alguma coisa me embrulhou o estômago.

Quando termina de beber o café, vê que ele esqueceu sua carteira e grita:

EUNICE

Ei! Você da berinjela gratinada! Nesse caso só me resta... *(abre a carteira e começa a fuçar)* Cartão de crédito. Cartão do clube. Cartão do plano de saúde. Cartão fidelidade da livraria. Cartão de visita. Cartão de visita? *(pega o telefone dentro da bolsa e digita ansiosa o número dele que está no cartão)* Não pode ter sido por acaso. Impossível. Sonhei com isso faz uns dois dias. Sonhei. Igualzinho. Sem tirar nem pôr.

(Blecaute parcial do palco, que só conta com a iluminação do celular. A luz acende na outra parte do palco. Ela completa a ligação falando sozinha.)

EUNICE

Igualzinho. Sem tirar nem pôr.

(Som do telefone chamando. Ele atende.)

AROLDO

Alô?

EUNICE

Desculpe. Foi engano.

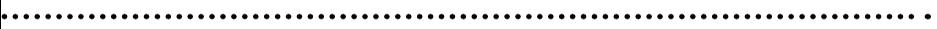
(Ela desliga o telefone. Som do telefone dela tocando. Ela atende.)

EUNICE

Alô.

AROLDO

O convite pra comer sua berinjela ainda tá de pé?



CAPÍTULO IV

COZINHA.

(Eunice corta batatas, em uma cozinha bem organizada, mas caindo aos pedaços: geladeira e fogão enferrujados, quando Aroldo chega e tapa os seus olhos com as duas mãos.)

AROLDO

Adivinha quem é?

EUNICE

Brad Pitt.

AROLDO

Pensou mesmo que o Brad Pitt entrou aqui na nossa sala, tapou seus olhos com as mãos e disse: adivinha quem é?

(Ela continua cortando batatas, ainda de costas para o marido, e ri imaginando a cena.)

EUNICE

Ué, por que não? Hoje em dia, meu filho, não duvido de mais nada.

AROLDO

Era só o que me faltava. O que o Brad Pitt estaria fazendo na nossa casa?

EUNICE

Você não sentiu?

AROLDO

Não senti o quê?

EUNICE

O cheiro.

AROLDO

Cheiro do quê?

EUNICE

Ora, como cheiro do quê? Cheiro da minha rabada.

AROLDO

Está querendo me engabelar e mudar de assunto?

EUNICE

O Brad Pitt poderia estar com fome.

AROLDO

Fome?

EUNICE

É. Já ouvi dizer que ele adora uma rabada.

AROLDO

Me diz assim, com a maior naturalidade, que o Brad Pitt estaria atrás da sua rabada?

EUNICE *(respira fundo enquanto começa a cortar as cebolas)*

Foi só uma hipótese, benzinho. Era só o que me faltava: ficar bravo por causa de uma hipótese. E, de mais a mais, acha realmente que o Brad estaria no Brasil sem que ninguém ficasse sabendo?

AROLDO *(cruza os braços e começa a balançar a perna num típico tique nervoso)*

Ué, por que não? Hoje em dia, meu bem, não duvido de mais nada. Mas o que

mais me espanta é essa sua intimidade repentina com o Brad Pitt. Desde quando chama ele só de Brad, hein? Posso saber?

EUNICE

Ué, sei lá. Acho que desde sempre.

AROLDO

Em dois anos de casados, nunca chamou ele só de Brad na minha frente.

EUNICE

Na sua frente realmente nunca.

AROLDO

Então admite que na minha frente o trata de um jeito e que por trás...

EUNICE

Ah não, chega dessa história! Do que faço ou não por trás. E, de mais a mais, você que começou com isso. De chegar por TRÁS me tapando os olhos.

Aroldo acende um cigarro e anda de um lado para o outro.

EUNICE

E que novidade é essa?

AROLDO

Que novidade?

EUNICE

Esse cigarro aí.

AROLDO

Ué, o que é que tem?

EUNICE

Como assim, o que é que tem? Desde quando você fuma hein?

AROLDO

Ué, desde sempre.

EUNICE

Em dois anos de casados, nunca fumou na minha frente.

AROLDO

Na sua frente realmente nunca.

EUNICE

Então admite que na minha frente é uma pessoa, e que por trás... Sabe que odeio cigarro.

(Toma o cigarro dele e começa a fumar cortando as cebolas.)

AROLDO

Pode ir parando. Porque a interrogada aqui é você.

EUNICE

Interrogada? Então sou suspeita de algum crime agora?

AROLDO

Não pense que suas lágrimas de crocodilo vão me comover.

EUNICE

Não são de crocodilo, são de cebola.

AROLDO

Agora vai pôr a culpa nas verduras?

EUNICE

Cebola é um legume!

AROLDO

E se essa sua hipótese fizesse sentido, hein?

EUNICE

Não é uma hipótese. Cebola é um legume!

AROLDO

Estou falando dele.

EUNICE

Oi?

AROLDO

Estou falando dessa tua obsessão chamada Brad Pitt.

EUNICE

Não sou obcecada, criatura. Sou fã apenas. E isso não tem nada a ver com esse teu ciúme doentio.

AROLDO

Não muda o rumo da conversa. E se tua hipótese fizesse sentido, hein? Se o Brad Pitt tivesse mesmo no Brasil?

EUNICE

Ué, o que é que tem?

AROLDO

Esquece nossa casa. Esquece nossa cozinha. Esquece tua rabada.

EUNICE

Meu Deus, a rabada!

(Ela sai correndo até o fogão e mexe a panela.)

AROLDO

Não me engabela. O que é que tem a rabada agora?

EUNICE

Preciso pôr mais água. Se não ela fica seca por fora e crua por dentro. E o segredo da minha rabada é justamente ficar bem molhadinha.

AROLDO

Imagina apenas que ele estivesse no Brasil. O que teria vindo fazer aqui se nem estamos no carnaval?

EUNICE

Ué, veio lançar um filme.

AROLDO

Ok. Veio lançar um filme, se perdeu na cidade, entrou no nosso bairro, no nosso prédio, sentiu o cheiro da sua rabada, entrou no nosso apartamento, te pegou desprevenida cortando batatas e foi logo fechando seus olhos por trás, na maior intimidade?

EUNICE

Ué, por que não?

AROLDO

Será que só sabe responder "Ué, por que não?"?

EUNICE

Ué.

AROLDO

E não acha estranho que o Brad Pitt entre por essa sala, falando fluentemente o Português?

EUNICE

Ué, por que n...? Já imaginou que ele possa ter feito 24 meses de aula de Português em um curso de idioma lá na terra dele?

AROLDO

E como é que ele passou pelo porteiro sem ser anunciado? Como é que ele tinha a chave do apartamento?

EUNICE

Tenha santa paciência!

AROLDO

Não subestime minha inteligência!

EUNICE

Isso já tá virando é mania de perseguição!

AROLDO

Não se faça de sonsa.

EUNICE

Meu filho, onde é que foi parar seu senso de humor? Não percebe que eu estava brincando? Só não imaginei que fosse detestar tanto minha brincadeira assim. Imagina! O Brad Pitt na minha cozinha. É lógico que isso é impossível, que foi uma grande brincadeira.

AROLDO

Ué, por que não? Hoje em dia, meu bem, não duvido de mais nada.

EUNICE (*Aponta a faca na direção dele.*)

Eu disse que foi brincadeira!

AROLDO

Do jeito que você disse "Brad Pitt".

EUNICE

O que é que tem?

AROLDO

Falou de um jeito, quase como se tivesse se lamentando.

EUNICE

Como é que é?

AROLDO

Quando você disse daquele jeito: "Brad Pitt" era como se tivesse dizendo: "Fazer o quê? Só pode ser o sem graça do meu marido. Não podem ser outras mãos, outro homem, outra vida longe desse país, longe desse apartamento, longe dessa cozinha, longe de tudo que é chato, previsível e sem sal."

EUNICE

Desisto.

AROLDO

Do nosso casamento? Quer o divórcio? Eu sabia.

EUNICE

Que divórcio, Aroldo, se nem casados no papel nós somos.

AROLDO

Eu sabia.

EUNICE

Desisto de você.

AROLDO

Não vai desistir coisa nenhuma. Não antes de me dizer toda a verdade.

EUNICE

Que verdade, homem?

AROLDO

Há quanto tempo vocês estão juntos? Tenho o direito de saber!

EUNICE

Não tá dizendo coisa com coisa.

AROLDO

Eunice, você não tinha esse direito. Sou magro, bonito, porte atlético. Vou à missa aos domingos, evito glúten, nunca como dois tipos de carboidratos de uma só vez.

EUNICE

Seu ciúme está passando dos limites.

AROLDO

Isso não tá cheirando nada bem.

EUNICE

A rabada!

AROLDO

A rabada?

EUNICE

Ela queimou! Culpa sua que me deixa louca!

AROLDO

Não adianta mudar de assunto. Tomei uma decisão. Ou me conta desde quando você e esse Brad Pitt estão... Bem, você sabe. Ou me atiro agora da janela.

EUNICE

Mas estamos no oitavo andar. Meu filho, não tem Brad Pitt nenhum. E de mais a mais, você vai acabar se machucando.

AROLDO

Você é quem sabe. Se é assim só me resta me atirar pra eternidade. Melhor que ficar aqui refém da sua conversa fiada.

EUNICE

Ok. Você venceu. Eu confesso. Quando me tapou os olhos achei mesmo que pudesse ser o Brad. Tivemos uma aventura. Coisa passageira. Mas antes, bem antes de você. E hoje sei lá, bateu uma nostalgia e quando você chegou, pensei que pudesse mesmo ser ele, querendo matar a saudade da minha rabada.

AROLDO

Desgraçada.

EUNICE

Corno manso.

AROLDO

Vou acabar com sua raça. Gorda bandida.

EUNICE

Acaba. Se é mesmo macho acaba que quero ver.
(Aroldo enforca Eunice, que se contorce até cair desmaiada no chão. Ele dá um grito esganiçado. Eunice, desacordada, começa a se mexer. Os dois caem na gargalhada e começam a se beijar.)

AROLDO

Sua maluca.

EUNICE

O que eu não faço pra te agradar, hein?

AROLDO

Ah, e essa tua rabada tá acabando com meu coração. Pôs batata e bastante cebola?

EUNICE

É claro. E muito manjericão.

AROLDO

Delícia.

EUNICE

E de sobremesa, já pode imaginar o que vou querer, não é?

AROLDO

Sorvete de beterraba.

EUNICE

Light. Uma delícia.

AROLDO

O que você não pede chorando que eu não faço sorrindo?

(Se beijam no chão da cozinha, enquanto a luz cai.)

CAPÍTULO V

QUARTO

Um quarto pequeno, mobiliado com alguns móveis vagabundos e velhos, entre eles uma penteadeira com grandes espelhos, alguns enferrujados pelo tempo. Sobre a penteadeira muitos frascos de perfume e vários enfeites. Apesar de a mobília ser antiga, é tudo muito bem organizado. A luz é pouca e vem de um abajur sobre o criado-mudo ao lado da cama. Foco de luz na boca de Eunice, que está deitada, com as costas apoiadas na cabeceira da cama e chupa um sorvete de beterraba light lambuzando-se com prazer. Aroldo, deitado só de cueca, se espreguiça feliz da vida.

AROLDO

Gozou com gosto, hein?

EUNICE

É. Disso não posso reclamar.

AROLDO

E pode reclamar do quê? Sua galhofeira.

EUNICE

De nada. Não é?

AROLDO

Você não toma jeito, Eunice.

EUNICE

Prefiro tomar sorvete. Mas não pode ser qualquer sabor. Tem que ser sorvete de beterraba. *Light*. O meu preferido.

AROLDO

Vai ser gozada assim lá na...

EUNICE

Aroldo, cai fora.

AROLDO

O quê?

EUNICE

Eu disse: cai fora.

AROLDO

Mas Eunice, a porra do nosso amor ainda tá quente sobre o nosso colchão.

EUNICE

O tempo que tenho pra terminar de tomar esse sorvete é o tempo que você tem pra cair fora. Da minha vida. De uma vez, meu filho. Cai fora.

AROLDO

Tá, eu caio. Mas vou logo avisando que não demora pra eu me levantar!

EUNICE

Já disse: cai fora. Antes desse sorvete de beterraba acabar.

AROLDO

Ok. Mas não dou uma semana pra se arrepender e me procurar implorando de joelhos pra voltar.

EUNICE

Coloque suas roupas numa sacola do Hortifruti e deixe as chaves na mesa de centro da sala. Seja feliz.

AROLDOS

Pelo menos me diz o que foi que eu fiz?

EUNICE

Cai fora, Aroldo.

AROLDO

Eunice, dois anos não são duas décadas. Nunca passou pela minha cabeça que um dia pudesse deixar de me amar.

EUNICE

Agora vai, vai. Que o meu sorvete já está no fim.

AROLDO

Que assim seja, Eunice. Não demora e você vai chorar por mim.

CAPÍTULO VI

BOTECO

Um boteco sujo com alguns poucos homens gordos bebendo. Mesas e cadeiras enferrujadas. Aroldo está sentado em uma delas enchendo a cara e falando sozinho. Ele faz um sinal para o garçom, um homem gordo, de mais ou menos uns 25 anos, que traz mais uma cerveja.

AROLDO

Nunca fui homem de me rastejar por mulher nenhuma. Não ia ser dessa vez que eu ia me prestar a esse papel. Ainda mais me rastejar por uma gorda.

GARÇOM 1

Essa tá trincando.

AROLDO

Eunice é gorda, garçom. Aliás, gorda é apelido. Eunice é redonda, roliça, avantajada. Tudo nela é grande. Os peitos, os braços, a batata da perna, a bunda, as coxas, as mãos. Não há uma parte do seu corpo que seja delgada. Até os dedos dos pés e a buceta são inchados. Agora me diz onde é que já se viu! Eu, um cara magro, bonito, com mais de trinta anos nas costas, me ajoelhar pra que essa gorda fique comigo e manchar de vez minha reputação! Notícia ruim corre logo e não iria tardar pra cidade toda ficar sabendo da minha falta de vergonha na cara. Se ela fosse magra, eu até não dizia nada. Dava meu braço a torcer e me ajoelhava se fosse preciso pra ela voltar. Seria até romântico. Mas me humilhar por uma gorda? Nem a pau. De jeito nenhum. Sem condição.

GARÇOM 1

Ah, isso é verdade, meu camarada. Se você chorar pela gorda, pode escrever, a vizinhança não vai perdoar. Seu rompante de falta de amor próprio vai cair na boca do povo. E sabe como é. O Rio é um ovo.

AROLDO

Mas deixe estar. Não dou uma semana pra aquela adiposa recuperar o juízo, pôr o rabinho entre as pernas e me procurar. Me fala, outro como eu onde, essa gorda vai encontrar?

(Mudança de luz.)

GARÇOM 1

Senhor, hoje faz uma semana que está sentado nesse bar.

AROLDO

Não saio daqui enquanto aquela gorda desgraçada não voltar. Vou dobrar o prazo pra duas semanas.

(Mudança de luz.)

GARÇOM 1

Senhor.

AROLDO

Pra quatro semanas.

GARÇOM 1

Senhor.

AROLDO

Pra oito semanas.

(Mudança de luz.)

GARÇOM 2

Hoje faz seis meses que o senhor não se levanta daqui.

AROLDO

Quem é você? Cadê o...

GARÇOM 2

Sou o novo garçom, senhor. O outro morreu atropelado na Central.

AROLDO

Ah, meu Deus. Eu já tinha me afeiçoado tanto a ele. Onde é que está sendo o velório? Faço questão de me despedir.

GARÇOM 2

Ele morreu há uns dois meses. E o senhor precisa seguir sua vida. Já acabou com nosso estoque de bebidas. E de amendoim.

(Aroldo, em um delírio, dá um beijo no garçom.)

AROLDO

Eu te amo, Eunice. Volta pra mim! Eu te imploro! Não posso mais suportar!

GARÇOM 2

O que é isso, companheiro? Meu nome é Garçom. Sou apenas o funcionário desse bar.

(Aroldo, embriagado, se prostra no chão agarrado ao garçom.)

AROLDO

Quando a gente se conheceu, não estava nos meus planos levar aquela papagaiada

adiante. Ela era gorda demais pra mim.

(Mudança de luz.)

AROLDO

O seu sorvete. Derreteu.

(O sorvete cai sobre a blusa de Eunice, bem em cima dos seios. Eunice passa o dedo no sorvete que caiu sobre a blusa, o levando até a boca.)

EUNICE

Como você já sabe, sou louca por sorvete.

AROLDO

Eu é que tô cada vez mais louco por você.

EUNICE

Até agora não entendi porque aquela conversa fiada de se dizer casado.

AROLDO

Ué. Pra te impressionar. Não disse que tinha uma queda por homem alheio? Não quis arriscar.

EUNICE

Gostou da berinjela? Ou vai me dizer que até nisso mentiu também?

AROLDO

Claro que gostei. Berinjela agora mais do que nunca é meu prato favorito. E obrigado por caprichar na pimenta. Adorei.

EUNICE

Imagina. Não tem de quê.

(Mudança de luz.)

AROLDO

Mas como eu estava passando por uma fase de vacas magras e nunca tinha fodido com uma mulher daquele tamanho e com aquela largura, decidi, naquele dia, que comeria aquela gorda. Custasse o que custasse, eu faria Eunice dar pra mim. Embora eu soubesse, lá no fundo, que não seria tão difícil assim. Ô bicho carente e cheio de amor pra dar é a tal da gorda, garçom.

(Mudança de luz.)

EUNICE

Não dou. Não dou. Não dou. Amasso não é prova de amor.

(Eunice joga a casca do sorvete fora.)

(Mudança de luz.)

(Aroldo se esquiva do garçom.)

AROLDO

E ela não deu.

(Mudança de luz.)

EUNICE

Namoro também não é prova de coisa alguma. Só dou depois que a gente juntar os trapos.

(Mudança de luz.)

AROLDO

Foi assim que me mudei pro conjugado alugado em que ela morava no Rio Comprido, quando finalmente resolveu me dar. Todas as bucetas que eu tinha comido

antes da buceta de Eunice de repente não significavam mais nada pra mim. Ninguém tinha uma buceta tão quente, rosada, molhada, apertada e cheirosa como a dela, que engolia o meu pau como um beijo de amor demorado que a gente pede a Deus que nunca deixe acabar.

(Mudança de luz.)

EUNICE

De sobremesa tem minha bunda, que você também pode lamber, chupar, morder e comer todas as noites.

(Mudança de luz.)

AROLDO

Num verdadeiro banquete de rabo e buceta que eu não encontraria em lugar nenhum, porque pertenciam à única mulher que eu amaria em toda a minha vida, à mulher mais gorda e mais gostosa do mundo: Eunice.

GARÇOM 3

Sem querer parecer mal-educado, mas já passou da hora de o senhor se retirar.

AROLDO

Mas e o outro garçom? Não vai me dizer que morreu atropelado na Central também?

GARÇOM 3

Pedi as contas. Achou coisa melhor. Foi trabalhar em uma churrascaria.

AROLDO

Pelo menos alguém teve um final feliz.

GARÇOM 3

Teve final feliz porra nenhuma. No primeiro dia de trabalho ele perdeu o dedo com

uma faca de cortar picanha. Ficou aleijado.

AROLDO

Nem sei o que dizer.

GARÇOM

Meu amigo, precisamos fechar o estabelecimento. Queira me desculpar.

AROLDO

Tá certo. Tô há um ano sentado nesse bar. Um ano. Quer saber? Me cansei de esperar. Foda-se o que os vizinhos vão pensar! Foda-se o que os meus amigos vão dizer! Foda-se a opinião dessa cidade ao ver um cara esbelto como eu, me rastejando aos pés de uma gorda! Foda-se!

CAPÍTULO VII

PORTARIA.

Aroldo toca a campainha da portaria e o porteiro, de mais ou menos uns 45 anos, abre o portão.

AROLDO

Bom dia. Eu vou visitar a Eunice no 802.

COSME

Qual o nome do senhor?

AROLDO

Não tá me reconhecendo, Cosme?

COSME

Peraí. Seu Aroldo? É o senhor mesmo?

AROLDO

Sou eu mesmo, Cosme. Em carne e osso. Quer dizer mais osso do que carne.

COSME

Rapaz, e não é que é o Seu Aroldo mesmo? Mas o senhor tá meio abatido!

AROLDO

É. Pior que eu tô, Cosme.

COSME

Não vai me dizer que também inventou de fazer dieta? Porque nessa cidade o povo não fala em outra coisa. Quando não é tudo *light*. É tudo *diet*. É um tal de

não posso comer isso, não posso comer aquilo, de suco verde pra cá, uai protein pra lá. Resultado: um bando de gente abatida.

AROLDO

Não foi dieta não, Cosme. Foram uns problemas na vida. Mas logo logo eu vou estar com uma cara bem melhor. Se Deus quiser.

COSME

É assim que se fala. Vou interfonar pra dona Eunice, pra avisar que o senhor tá aqui.

AROLDO

Não precisa, Cosme. Eu queria fazer uma surpresa pra ela.

COSME

Ah, seu Aroldo, não sei não. A dona Eunice pode não gostar.

AROLDO

Até parece que ela não vai gostar de me ver. *(Aroldo dá uma nota de dez reais para Cosme)* Isso aqui é pra você tomar uma gelada depois, em nome dos velhos tempos.

COSME

Assim o senhor me quebra. Como é que vou lhe dizer não agora? Vá. Suba. Mas, olha, eu tô achando que quem vai ter uma surpresa mesmo é o senhor.

(Mudança de luz.)

(Foco de luz em Aroldo, que toca a campainha ansioso, trazendo um pote de sorvete de beterraba normal. A porta se abre. Foco de luz na boca de Eunice tomando sorvete de beterraba light. Pausa longa.)

AROLDO

É você mesma, Eunice?

(Abre-se a luz e revela-se Eunice. Agora ela é uma sereia, linda, charmosa e magra.)

EUNICE

Redução do estômago, meu bem.

(Aroldo, aos prantos, desaba no chão.)

(Mudança de luz.)

AROLDO

Não consegui dizer mais nenhuma palavra. Sem fôlego e sem forças, desabei no chão.

E chorei uma tarde inteira aos pés daquela Eunice genérica, incrédula e chocada com minha reação. Aquela não era mais a Eunice que eu amava. Não tinha substância, seu corpo não tinha mais dobras. Não tinha mais bunda, nem peito, nem culotes, nem pernas roliças e até sua buceta devia ter murchado. No final do dia, depois de tanto chorar e quase desidratado, em silêncio, deixei o Rio Comprido, desolado, derrotado e ciente de que seria pra sempre sozinho.

(Mudança de luz.)

EUNICE

Tá cedo, Aroldo. Fica mais um pouquinho.

AROLDO

E assim fui embora pra sempre da vida de Eunice, que ficou paralisada na porta do seu apartamento, por sei lá quantos dias, tomando seu sorvete de beterraba *light*

e sem que eu soubesse, chorando baixinho.

EUNICE

Fica só mais um pouquinho.

AROLDO

Juro por tudo que é mais sagrado que, a partir de hoje vou odiar todas as gordas que atravessarem o meu caminho.

(Aroldo sai. Eunice fica tomando seu sorvete e segurando o pote que ele deixou. Doutora Sidney surge de dentro do conjugado, só de camisola.)

SIDNEY

Algum problema, minha gazela?

EUNICE

Problema nenhum, minha rapina. Agora, por favor, joga esse sorvete fora. Que esse não é *light* e engorda que é um horror.

SIDNEY

De jeito nenhum. Esse aqui é puro açúcar e gordura. E você sabe, eu tenho uma queda por tudo que é doce e gorduroso.

CAPÍTULO VIII

CALÇADÃO.

Foco de luz em Aroldo, que atravessa o palco com uma caixa de isopor a tiracolo, vendendo sorvete de beterraba light Eunice.

AROLDO

Olha o sorvete de beterraba *light* Eunice! Cem por cento saúde. Cem por cento sabor. Mata a sede! Mata o calor! Olha o sorvete de beterraba *light* Eunice! Quem vai querer? Dois por cinco! Pra gorda ficar feliz e emagrecer!

(Uma gorda deitada numa canga comendo uma coxinha aborda Aroldo.)

GORDA

Moço! Eu vou querer um.

AROLDO

Opa, é pra já, meu anjo.

GORDA

Tem certeza que não engorda, moço? Eu podia jurar que tinha lido em algum lugar que beterraba é um veneno pra quem quer emagrecer.

AROLDO

Veneno. Até parece. Isso é conversa fiada. E te digo mais, minha filha: beterraba é fonte de vitaminas, proteínas e ferro, ajuda na manutenção dos tecidos cerebrais, regula as funções musculares e nervosas, previne problemas no baço e no fígado, ajuda a desintoxicar o organismo, combate a anemia, estimula a produção de glóbulos vermelhos e fortalece o sistema imunológico.

GORDA

Moço, tô cagando pra tudo isso. Não engordando e matando minha sede tá bom demais.

(Uma magra deitada em outra canga também o aborda.)

MAGRA

Quero um de beterraba *light* também. Tá todo mundo falando desse sabor.

AROLDO

Não tem. Acabou.

MAGRA

Como não tem? Acabei de ouvir você oferecer para ela comprar.

AROLDO

É. Tem sim. Mas não quero te vender. Você é muito magra. E eu não faço negócio com mulher magra demais. Ainda mais, magra e sem bunda. São as piores. Não dá pra confiar. Mulher magra e sem bunda não tem caráter.

MAGRA

Ah, vai se ferrar, seu imbecil!

(A magra sai.)

AROLDO

Então, como eu dizia, pode comprar de olhos fechados. É mais fácil matar que engordar.

GORDA

Deus me livre! Vira essa boca pra lá! (Prova o sorvete) Delícia! É meio azedinho. E bem cremoso, né? Tem algum segredo pra ele ficar tão gostoso assim?

AROLDO

Tem sim. Veneno de rato.

(A gorda cai morta.)

CAPÍTULO IX

TRIBUNAL

AROLDO (OFF)

Mais um ano se passou e eu cumpri minha promessa. Dizem que foram 12, mas perdi a conta das gordas que matei envenenadas, vendendo sorvete de beterraba *light* nos últimos 12 meses no calçadão. Essa manhã recebi minha sentença.

JUÍZA

Artigo 121, parágrafo terceiro do código penal. Considerando o motivo dos crimes e a personalidade do réu, a pena estipulada é de 65 anos de prisão, a ser cumprida em regime fechado.

(Aroldo estende os braços e dois policiais lhe colocam algemas. O grito de Eunice, que assistia ao julgamento, corta o alvoroço da plateia.)

AROLDO (OFF)

Não senti nenhuma pontada de dor ou remorso. Eu já estava morto desde o dia em que não encontrei minha Eunice naquela carcaça emagrecida. E apodreci atrás das grades sem saber porque ela me mandou cair fora naquela noite logo depois que a gente gozou. Embora já não fizesse a menor diferença o motivo da nossa separação, a verdade é que, em algum canto do meu peito, havia um buraco latejando com essa interrogação. A caminho da penitenciária, por ironia ou compaixão, uma policial gorda me ofereceu uma bola de sorvete de beterraba.

POLICIAL GORDA

Aproveita que esse não é *light*. Pode pegar, não vai lhe custar nada.

AROLDO

Enfia essa porra no rabo. Tudo menos sorvete de beterraba.

CAPÍTULO X

QUARTO

EUNICE

Promete que nunca vai me deixar?

AROLDO

Nunca. Nunquinha da Silva.

EUNICE

Que bobagem a minha. Desculpe-me. Mas é que depois que aquela psicanalista maluca me mandou cair fora – eu sei, já faz muito tempo, foi inclusive antes de te conhecer – mas a verdade é que eu, que já não lidava bem com rejeição, fiquei traumatizada demais.

AROLDO

Desse mal você não morre, Eunice. Não te deixo jamais.

(Eles gozam e respiram felizes e ofegantes.)

EUNICE

Ai, que calor. A gente precisa comprar um ar-condicionado. Só esse ventilador não está dando conta. Foi-se o tempo que ter ar-condicionado era artigo de luxo. Hoje em dia, nesse calor do Rio de Janeiro, ar virou necessidade.

AROLDO

Deixa comigo. Do mês que vem não passa. É só eu terminar de pagar as prestações da máquina nova de sorvete que eu compro esse ar.

EUNICE

Por falar em sorvete, me deu uma vontade agora. Você bem que podia ir na cozinha pegar um pouquinho de sorvete de beterraba *light* pra gente, não é?

AROLDO

O que você não pede chorando que eu não faço sorrindo, hein?

EUNICE

Mas só um pouquinho que eu comecei uma dieta hoje.

AROLDO

Dieta nem pensar! Já basta essa mania de tomar sorvete *light*. E olha que você nem precisa disso. Dieta. Vê se pode? Vira essa boca pra lá.

(Aroldo se levanta e vai até a cozinha, quando chega uma mensagem no seu telefone que está em cima do criado-mudo ao lado da cama. Eunice, tomada por uma curiosidade súbita, pega o telefone e lê a mensagem que ouvimos em off com as legendas no projetor.)

CARLÃO (OFF)

A única vantagem é que dá pra sentir prazer duas vezes: uma quando ela tá em cima e a outra quando ela sai de cima de você, não é? Complicado mesmo deve ser pagar a conta da churrascaria. Nessa hora, juro: não queria estar no seu lugar.

(Eunice fica tensa e começa a ler a conversa anterior àquela mensagem.)

AROLDO (OFF)

Até parece que não me conhece, Carlão. Só mudei um pouco de cardápio pra saber como era comer uma gordurinha. Fui gostando das dobrinhas. E lá se vão dois anos que venho deixando me levar.

CARLÃO (OFF)

E ainda tem a cara de pau de dizer que a coisa com a gorda não está séria, Aroldo?
A quem está querendo enganar?

AROLDO (OFF)

Que séria o quê? Comeu cocô? É ruim da gorda me dobrar. Sou Aroldo, Carlão!
Dou nó em pingo d'água. Mas você sabe, eu passei por um período de vacas ma-
gras, ela apareceu, não tinha nada melhor pra fazer. E resolvi comer uma gordurinha
por um tempo depois do jantar.

CARLÃO (OFF)

E bota gordurinha nisso, não é?

AROLDO (OFF)

Você não vale nada! Hein, seu fanfarrão!

CARLÃO (OFF)

Vai, confessa. Te dou minha palavra que não queimo seu filme na praça. Tá com
os quatro pneus arriados pela gorda, não tá?

AROLDO (OFF)

De jeito nenhum. Quem gosta de gordura é pastel.

*(Aroldo volta com uma taça de sorvete. Eunice, abalada, disfarça a sua mágoa, raiva
e decepção. Ele coloca uma colher de sorvete em sua boca, que depois de engolir
o beija com desespero.)*

AROLDO

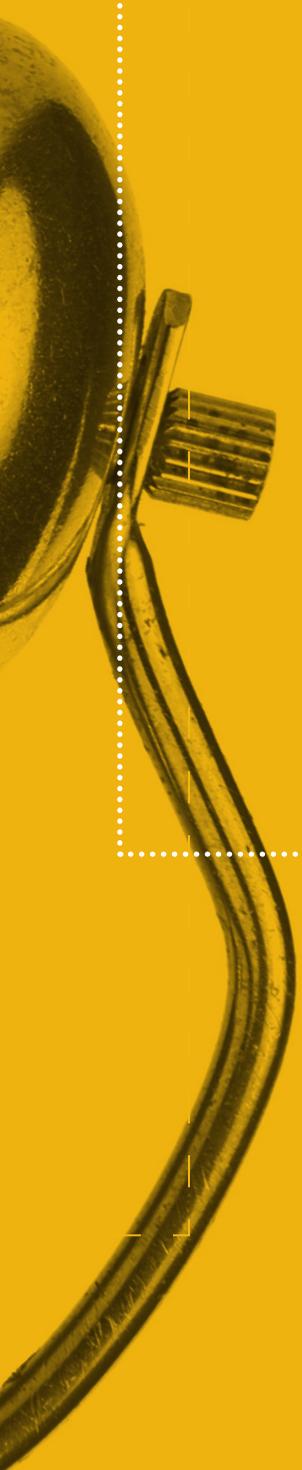
Tudo isso é por causa do sorvete de beterraba *light*, meu amor?



Leandro Pires Bellini

Autor do texto *Os atrasados*:
Leandro Bellini é poeta,
roteirista, dramaturgo e
produtor cultural. Seu
primeiro livro de poesias,
intitulado *Vinte e poucas
verdades, outras nem tanto*,
foi lançado em 2011, pela
Editora Dom Quixote. Estuda
roteiro para TV há mais
de sete anos e já assinou
roteiros de importantes
eventos, entre eles os das
cerimônias do Prêmio
Cesgranrio de Teatro,
apresentados ao longo dos
anos por Christiane Tortoni,
Miguel Falabella, Marília
Pêra, Lília Cabral e Paulo
Betti. Amante do teatro,
Leandro investiga novas
possibilidades de explorar
o humor na dramaturgia.





Os Atrasados



PERSONAGENS

Álvaro

Pedro

Marieta

Naymara

Ítalo

Aviso Sonoro *Sexy*

Seu Olavo

Atendente Núbia

Comandante (voz em *off*)

Repórter de TV (gravado)

APRESENTAÇÃO

Os Atrasados é um espetáculo teatral que trata do ritmo alucinado da vida atual e que, por meio de uma linguagem cômica, traz à tona o drama da falta de sentido dessa correria já estabelecida e banalizada na sociedade.

A peça discute o completo descaso na prestação de serviço dos dias atuais e é no contexto dessa crítica que se desenvolvem outros questionamentos paralelos.

Os Atrasados é um espetáculo que coloca uma lente de aumento nas mazelas do cotidiano e das relações interpessoais, fazendo uso do absurdo e do ridículo como recurso para que o espectador veja-se do lado de fora da situação, para que ele perceba sua rotina sob uma ótica menos viciada.



CENA 1

(As luzes acendem-se. Há barulho de muita gente falando em meio aos avisos sonoros típicos de um aeroporto. No palco, passageiros com bagagem de mão andam apressados de um lado para o outro. Entra o jovem Álvaro em cena em um ritmo lento, contrastando com o ritmo dos demais. Traz com ele pulseirinhas artesanais para vender e uma mochila rasgada. Álvaro fecha os olhos e o barulho das pessoas vai diminuindo até que haja silêncio. Os passantes agora estão como estátuas.)

ÁLVARO *(fala para a plateia)*

Meu nome é Álvaro. Desde pequeno que o meu nome é Álvaro. Eu cresci e meu nome ainda é Álvaro. Sempre foi e acho que sempre será. Engraçado isso, né? Como algumas coisas simplesmente não mudam. Tem coisas que não foram feitas pra mudar.

Eu já pensei em mudar meu nome. Mas depois desisti. Bobagem mexer nisso! Deixei do jeito que tá.

Também já pensei em mudar meu jeito de andar, meu jeito de falar, minha comida preferida, todo o meu paladar. Já quis mudar de um tudo nessa vida. Mas depois eu parei, olhei, pensei, tornei a olhar e... quer saber? Vou mudar nada não. Eu tô feliz, num tô? No meu ritmo ou na minha falta de ritmo, eu vou bem do jeito que eu vou. Pra que imitar o mundo? Pra que me virar do avesso se depois não vou saber desvirar?

Desisti de me mudar. Se o mundo quiser, ele que se mude.

Tem gente que acha que mundo é feito nome, que não foi feito pra mudar. Pelo menos é o que parece, porque é raro eu ver alguém tentar. O que essa gente faz é só copiar, é se encaixar, e mesmo quem não cabe se aperta. Mas tem que se encaixar!

Eu vago por aí, meio que perdido, meio que deslocado, eu vago sem compasso e tenho quase certeza de que eu vago na contramão. Mas tudo bem. É andando com meus pés que eu gosto de andar.

Cada um que siga seu caminho. Eu não me importo de ir sozinho, e se pra mim não houver caminho, eu simplesmente sento e aprendo a ficar. Não tenho pressa nenhuma de ir nem de chegar. Muito prazer, meu nome é Álvaro, sempre foi e sempre será.

(Subitamente os passantes voltam a seus movimentos frenéticos e o barulho retorna. Álvaro tenta conseguir a atenção deles para obter uma informação. Todos o ignoram.)

ÁLVARO *(primeira tentativa de abordagem)*

Com licença!

ÁLVARO *(segunda tentativa de abordagem)*

Por favor!

ÁLVARO *(terceira tentativa de abordagem)*

Olá!

ÁLVARO *(quarta tentativa de abordagem)*

Uma informação!

ÁLVARO *(quinta tentativa de abordagem)*

Bom dia!

ÁLVARO

Caramba! Será que ninguém pode me ajudar?

(As luzes piscam como em uma boate enquanto os passageiros andam frenéticos e Álvaro tenta obter ajuda. A movimentação para bruscamente, todos os passageiros mostram para a plateia placas que formam a seguinte frase: "Você sabe com quem está falando?")



PEDRO *(falando para a plateia)*

Bom dia. Meu nome é Pedro e eu tenho um tio que é amigo de um conhecido da vizinha da mãe do porteiro onde mora o presidente dessa companhia. Preciso falar mais alguma coisa? Um *upgrade* urgente, por favor.

(As luzes piscam como em uma boate enquanto os passageiros andam frenéticos e Álvaro continua tentando obter ajuda. A movimentação para bruscamente, os passageiros voltam a mostrar para a plateia placas que formam a seguinte frase: "Você sabe com quem está falando?")

MARIETA *(falando para a plateia)*

Olá, meu nome é Marieta, tudo bem? Então, meu amor, eu vou precisar que você segure um pouco esse voo, tá? É que meu marido deu uma atrasadinha. Esqueceu de botar o relógio para despertar, olha que danado. Mas é coisa rápida: duas, três horinhas no máximo e ele já tá aqui, tá? Como assim não pode segurar o voo?

TODOS OS PASSAGEIROS

Você sabe com quem está falando?

(As luzes piscam como em uma boate enquanto os passageiros andam frenéticos e Álvaro continua tentando obter ajuda. A movimentação para bruscamente, os passageiros voltam a mostrar para a plateia placas que formam a seguinte frase: "Você sabe com quem está falando?")

NAYMARA *(falando para a plateia)*

Bom dia. Meu nome é Naymara e eu morro de medo de avião. Tenho pânico! Tomo remédio, mas não adianta nada. Sempre acabo fazendo o maior escândalo. Eu grito, eu quebro tudo dentro do avião, ninguém me segura, é um horror. A última vez que viajei cheguei a matar uma aeromoça, coitada, que Deus a tenha. A única coisa que me acalma é viajar de executiva. Na executiva eu sossego. Na executiva eu vou que vou! Tranquilíssima. Veja aí o que você pode fazer por mim, filhinha. Obrigada.

(As luzes piscam como em uma boate enquanto os passageiros andam frenéticos e Álvaro continua tentando obter ajuda. A movimentação para bruscamente, os passageiros voltam a mostrar para a plateia placas que formam a seguinte frase: "Você sabe com quem está falando?")

(Ítalo entra em cena arrastando quatro malas gigantes.)

ÍTALO *(falando para a plateia)*

Bom dia. Meu nome é Ítalo. Como assim excesso de bagagem?

PEDRO

E daí que eu estou embarcando com canivete? Tem gente que embarca com criança pequena! Muito pior!

MARIETA

Identidade? Pra quê identidade? Se eu tô te falando que eu sou eu é porque eu sou eu. Você tá achando que eu sou quem? Só faltava essa agora! Identidade! Vocês estão cada dia mais abusados!

NAYMARA

Não, eu não tenho cartão fidelidade. Não, eu não tenho mais de sessenta. Sim, eu estou na fila de prioridade, mas é porque eu mereço. Eu sou uma pessoa boa, especial, eu faço caridade pra fora e sou quase que VIP. Além do mais, a fila das pessoas normais, ali do lado, está dando voltas no planeta Terra, de modo que daqui eu não saio, daqui ninguém me tira.

ÁLVARO

Será que alguém poderia me dar uma informação? É coisa rápida, eu juro! Por favor!

(As luzes piscam como em uma boate enquanto os passageiros andam frenéticos até saírem de cena. Álvaro está sozinho no palco.)



AVISO SONORO SEXY

Atenção senhores passageiros da Fast Airways, voo 78, com destino a São Paulo, favor proceder para embarque no portão número seis.

ÁLVARO

Êpa! É o meu voo! Fast Airways, São Paulo! É o meu voo. Qual é o portão?

AVISO SONORO SEXY

Favor proceder para embarque no portão número três.

ÁLVARO

Três?

AVISO SONORO SEXY

Não, seis.

ÁLVARO

Três ou seis?

AVISO SONORO SEXY

Prezados passageiros, o portão de embarque do voo 78, para São Paulo, mudou. Queiram se dirigir ao portão 12.

ÁLVARO

Portão 12? Onde é o portão 12?

AVISO SONORO SEXY *(pausadamente)*

Mudamos novamente. Portão 526 agora.

ÁLVARO *(atônito)*

Que isso?! Que bagunça é essa? Alguém sabe onde é o portão 526?

AVISO SONORO SEXY

Dezenove.

ÁLVARO *(atônito)*

Como?

AVISO SONORO SEXY

Mudou. Para o portão 19.

ÁLVARO

Quer saber? Eu vou me sentar aqui e esperar vocês se resolverem. Eu hein!

(Álvaro senta-se no chão e começa a apertar um cigarrinho. Seu Olavo, funcionário da companhia aérea Fast Airways, aproxima-se de Álvaro.)

SEU OLAVO

O que o senhor está fazendo?

ÁLVARO

Eu? Tô aguardando a informação certa.

SEU OLAVO

Guarde seu cigarrinho, por favor, que isso aqui não é uma *rave*.

ÁLVARO

Num é, mas poderia ser porque tá todo mundo muito doido aqui. A mulher do alto-falante não se decide, as pessoas andam que nem malucas de um lado pro outro sem nem olhar pro lado. Acredita que eu não consegui ninguém pra me dar uma simples informação?

SEU OLAVO

Acredito. Mas eu vou te ajudar.



ÁLVARO

Jura?

SEU OLAVO

Juro.

ÁLVARO

Finalmente! Olha, eu nem sei como agradecer.

SEU OLAVO

Eu vou te ajudar com uma dica!

ÁLVARO

Dica?

SEU OLAVO

Sim, uma dica, um pequeno conselho de alguém mais experiente.

ÁLVARO

Tá bom.

SEU OLAVO

Meu rapaz, quando você precisar de uma informação, principalmente dentro de um aeroporto ou esse tipo de lugar com muita gente circulando, muita gente apressada, você tem que ir direto à pergunta.

ÁLVARO

Direto à pergunta?

SEU OLAVO

Exatamente. Sem gaguejar, sem pedir licença, sem frescura, sem blá blá blá.

ÁLVARO

Sem blá blá blá?

SEU OLAVO

Entenda uma coisa: toda vez que você chega perto de alguém, você tem aproximadamente de 2 a 3 segundos para dizer a que veio.

ÁLVARO

Ah é?

SEU OLAVO

Se você começar sua frase com "Bom dia", "Com licença", "Desculpe incomodar", "Será que eu poderia te fazer uma pergunta?", aí acabou pra você. Gastou os seus poucos segundos e a pessoa foi embora.

ÁLVARO

Jura?

SEU OLAVO

Veja com seus próprios olhos, senhor...

ÁLVARO

Álvaro! Meu nome é Álvaro.

SEU OLAVO

Vamos simplificar a questão pra você, Álvaro. O negócio, no fundo, é muito simples: você tem que chegar perto de alguém e pá! Disparar a pergunta!

ÁLVARO

Assim? Sem nem dar um bom dia nem nada?



SEU OLAVO

Assim, no susto! Observe.

(Seu Olavo se coloca repentinamente na frente de Pedro, que passava apressado, e pergunta:)

O guichê da Gol?!

PEDRO *(respondendo assustado, mas sem parar)*

Lá!

SEU OLAVO *(voltando-se para Álvaro)*

Viu?

ÁLVARO

Nossa. Eu tava fazendo completamente errado. E o guichê é pra lá mesmo?

SEU OLAVO

Não. O guichê da Gol, no caso, é pro outro lado. Mas que diferença faz? O importante é que a pessoa te respondeu, não é mesmo?

ÁLVARO *(gaguejando)*

Num sei... talvez... Isso tudo parece um pouco estranho...

SEU OLAVO

Não tem nada de estranho. Você queria a informação, você teve a informação! Funcionou, não funcionou?

ÁLVARO

É. Acho que sim. Mas esse negócio de chegar e já perguntar as coisas sem nem dar bom dia, sem cumprimentar, isso é meio sem educação, né senhor...

SEU OLAVO

Olavo.

ÁLVARO

Isso é meio sem educação seu Olavo.

SEU OLAVO

Meu rapaz, eu já percebi que você não entende nada da vida. Mas eu te explico, afinal eu tô aqui para ajudar. Então preste atenção: as pessoas, hoje em dia, não querem saber da sua educação.

ÁLVARO

Ah não?

SEU OLAVO

Não! Sabe o que elas querem? A sua agilidade.

ÁLVARO

Sério? Uau. Vivendo e aprendendo!

SEU OLAVO

Pois então aprenda, mas aprenda rápido.

ÁLVARO

Seu Olavo, aproveitando que o senhor tá aqui, todo solícito, me ajudando com tanta boa vontade, eu queria fazer uma perguntinha sobre meu voo da Fast Airways.

SEU OLAVO

Vai viajar pela Fast? Eu trabalho lá!

ÁLVARO

É mesmo? Que sorte a minha!



SEU OLAVO

Sou supervisor de *check-in*. Cá entre nós, um dos melhores funcionários da empresa.

ÁLVARO

Que bom! Realmente foi Deus então quem colocou o senhor no meu caminho!
É que eu preciso muito saber como é que eu faço para...

SEU OLAVO (*interrompendo Álvaro*)

Não posso falar!

ÁLVARO

Como?

SEU OLAVO

Eu adoraria te ajudar, mas infelizmente a minha hora de almoço já terminou. Olha que azar. No caso, azar o seu, claro! Coitado.

ÁLVARO

Mas é só uma informação!

SEU OLAVO

Eu sei meu querido, mas é que eu sou muito profissional. Não chego atrasado do almoço em hipótese nenhuma!

ÁLVARO

Mas é um segundo! Seu Olavo, eu sou seu cliente!

SEU OLAVO

Você é cliente da Fast Airways! Não confunda as coisas! Garoto inexperiente! Ah, não faz essa cara, vai! Olha só, pra você não dizer que eu te deixei na mão, eu vou anotar aqui o número do serviço de informações do aeroporto. Se você for

um rapaz de sorte, vai conseguir falar com eles antes do seu voo sair. Olha que bacana! Mas ó, se eles te atenderem, lembre-se: rápido e direto. Sem *nhem nhem nhem*, nada de bom dia, de boa tarde, nem qualquer outra frescura. É *pá pum!*

ÁLVARO

Mas...

SEU OLAVO

Não precisa agradecer não. Eu faço de coração. Eu sou assim, sou bom. Nasci bom! Se precisar estamos aí, prontos para ajudar. Tá joia? Boa sorte! Boa viagem! E ó: escolheu bem! A Fast é uma companhia ótima!

ÁLVARO

Oito e vinte. Nenhuma placa, ninguém pra dar informação! Nada!

(Álvaro deita sua mala de mão no chão e sobe em cima dela. Lambe o dedo indicador e levanta-o para sentir a direção do vento. Vendo a cena estranha, os passageiros que passam encontram tempo disponível para parar, observar Álvaro e debochar dele. Assim que percebe a atenção das pessoas, Álvaro se anima novamente e lança sua pergunta:)

ÁLVARO

Olá! Bom dia! Tudo bem? Vocês estão me olhando? Olhando pra mim? Que bom! Que ótimo! Porque eu preciso fazer uma pergunta, uma única pergunta!

(Ao ouvirem isso, as pessoas voltam a circular pelo aeroporto em um ritmo alucinante. Álvaro olha a cena com tristeza.)

ÁLVARO

Devia ter ido de ônibus.

(Álvaro sai de cena.)



CENA 2

(As pessoas que circulavam pelo aeroporto agora fazem uma fila em frente ao guichê da Fast Airways. Álvaro não está em cena. A atendente do guichê – Núbia – está ao telefone ignorando a fila à sua frente, e as pessoas começam a ficar impacientes. Na fila estão Nayara, Pedro e Ítalo.)

ATENDENTE NÚBIA

Ai Beth, eu não tô acreditando. Quantas e quantas vezes eu te falei pra não confiar nele. Tava na cara, né Beth, tava na cara que isso ia acabar acontecendo. Eu te falei pra não se envolver com homem solteiro. Homem solteiro não presta. O homem pra respeitar a gente tem que ter o rabo preso. O solteiro não tem nada a perder, é solto na vida. Agora, o casado não! Homem casado tem medo de escândalo, se caga de medo de um telefonema no meio da noite. É neles que a gente tem que investir. São eles que comem na mão da gente. Mas você num me escuta.

NAYMARA

Gente, tem mais de vinte minutos que essa mulher tá pendurada no telefone!

PEDRO

Ela não vai começar o *check-in* não, é?

AVISO SONORO SEXY

Atenção senhores passageiros do voo 78, com destino a São Paulo, última chamada, o embarque será encerrado em 15 minutos.

ÍTALO

Como assim vai encerrar o embarque? Nós nem fizemos *check-in* ainda! Ei, mocinha! Nós estamos atrasados. Dá pra sair do telefone e atender a fila?!

ATENDENTE NÚBIA *(de volta ao telefone)*

Lh...tava demorando. Adivinha, Beth! O que pode ser? O que que há de pior nesse mundo, de mais terrível? Claro, né amiga! É passageiro. Mania que esse povo tem de querer embarcar!

PEDRO

Nós não temos o dia inteiro não!

ÍTALO

Já anunciaram que o embarque vai ser encerrado! O voo vai sair minha filha!

ATENDENTE NÚBIA

Gente carente, eu hein! Num pode ver um balcão que já quer tudo ser atendido.

NAYMARA

E aí, vai começar ou não vai esse *check-in*?

(Os passageiros da fila ficam agitados.)

ATENDENTE NÚBIA *(falando com as pessoas na fila)*

Olha só, vamo parar de escândalo aqui no meu balcão que tá muito cedo ainda pra fazer *check-in*. Tem que esperar. Quem quiser ser atendido vai ter que esperar até que eu me sinta pronta!

AVISO SONORO SEXY

Atenção senhores passageiros da Fat Airways, voo 78 com destino a São Paulo, vocês estão superatrasados. Se vocês não fizerem esse *check-in* imediatamente, o voo irá decolar vazio.

(Atendente Núbia tira um resolver da gaveta e atira no alto-falante interrompendo o comunicado.)



ATENDENTE NÚBIA

Mulherzinha chata! Cruz-credo! Eu ainda mato essa desgraçada. É velha! Vocês sabiam que ela é velha? Fica aí tirando onda de gatinha, fazendo essa voz sensual, mas é velha que eu sei! Muxibenta! Já te vi no vestiário! Tem a perna toda metralhada de celulite, uma coisa horrível. Calei sua boca agora, enjoada!

PEDRO (*tentando ser delicado*)

Mocinha...

ATENDENTE NÚBIA

Meu nome é Núbia.

PEDRO (*tentando ser delicado*)

Núbia, você me desculpe ter que interromper sua ligação, mas como você mesma ouviu no auto-falante, nós estamos atrasados! Será que nós poderíamos começar o *check-in*?

ATENDENTE NÚBIA

Nossa! O que é isso? Um passageiro gentil? Tá achando que me engana, peste? Não caio nesse golpe não. Não existe passageiro legal. Tá me tratando bem só pra eu te atender, né? Interesseiro. Num gosto de gente interesseira não, sai daqui!

NAYMARA

Qual o seu nome mocinha?

ATENDENTE NÚBIA

Quer saber o meu nome pra quê? Não perguntei seu nome, pra que que você vai perguntar o meu?

NAYMARA

Então, meu bem, vamos ser práticas: quanto é que você quer pra largar esse telefone e começar logo o nosso *check-in*?

ATENDENTE NÚBIA

Ai, que absurdo! A senhora me ofende, sabia? A senhora acha o quê? Que eu tô à venda?

NAYMARA

Não, não, não! De jeito nenhum, eu não tô achando nada disso. Eu só pensei que...

ATENDENTE NÚBIA

Duzentos reais.

NAYMARA

É justo. Duzentos é justo. Cada um contribui com uma parte, por favor.

ATENDENTE NÚBIA *(pegando o dinheiro)*

Obrigada. Tá faltando dez.

NAYMARA

Dez?

ATENDENTE NÚBIA

É que eu cobro duzentos mais a condução.

NAYMARA

Alguém me dá mais dez reais, por favor? Toma querida.

ATENDENTE NÚBIA

Obrigada. Tô me sentindo mais estimulada agora.

NAYMARA

Que bom. Isso é importante.



ÍTALO *(cochichando no ouvido de Pedro)*

Esse aeroporto é cheio de golpistas, isso sim.

ATENDENTE NÚBIA

Eu rendo mais quando eu me sinto estimulada, sabe?

NAYMARA

Claro, normal isso. Todo mundo, né?!

ATENDENTE NÚBIA

Só me dá um segundinho que eu tenho que terminar de ver esse negócio da escala de vocês em Salvador.

ÍTALO

Escala em Salvador?

PEDRO

Mas o nosso voo é Rio–São Paulo.

ATENDENTE NÚBIA *(novamente ao telefone)*

Começa de novo, amiga. Começa a estória outra vez que eu acabei perdendo o fio da meada. Você tava na sala, fazendo unha, quando ele chegou... tá. Que cor era o esmalte?

ÍTALO

Ô mocinha, que história é essa de escala em Salvador?

PEDRO

Nós não vamos para Salvador! Nosso destino é São Paulo!

ATENDENTE NÚBIA (*respirando fundo*)

Eu não estou acreditando. Por que a Fast não me coloca para fazer *check-in* Rio–Paris, Rio–Nova York? Eu já falei que não gosto de atender a passageiro de ponte aérea, cacete! Quando é que o mundo vai descobrir o meu valor, meu Deus? Quando?

NAYMARA

Eu cansei de ser gentil! Nós exigimos que você comece imediatamente esse *check-in*!

PEDRO

Ou então devolva o nosso dinheiro.

ATENDENTE NÚBIA

Beth, eu vou ter que desligar. Não dá amiga, esses idiotas me deram duzentos reais mais a condução e eu vou ter que começar o *check-in*. Hoje é dia de pagar o carnê, amiga. Não dá pra recusar. Depois eu te ligo. Beijo.

(*Núbia bate o telefone.*)

ATENDENTE NÚBIA

A culpa é da Beth! Tô querendo atender a vocês, mas ela fala pelos cotovelos, essa desgraçada!

ÍTALO

Nós não estamos entendendo essa história de escala pra Salvador!

ATENDENTE NÚBIA

Sei. No caso o senhor não sabe o que é escala ou não sabe o que é Salvador?



PEDRO

Eu sei perfeitamente o que é uma escala e também onde fica Salvador. Mas nós estamos indo do Rio de Janeiro pra São Paulo, de modo que não faz sentido nenhum irmos pra Bahia fazer uma escala!

ATENDENTE NÚBIA

Bahia! Acertou! Nem todo feio é burro, tá vendo só!

ÍTALO

Mas você é uma abusada!

NAYMARA

Calma, deixa que eu resolvo isso. Minha querida, essa história de escala na Bahia não faz o menor sentido!

ATENDENTE NÚBIA

Faz sentido sim! Faz sim! Escala em Salvador é uma questão de segurança!

NAYMARA

Segurança?

ATENDENTE NÚBIA

É! Segurança.

PEDRO

Como assim questão de segurança?

ATENDENTE NÚBIA

Vem cá, o que que vocês entendem de avião? Vocês são piloto, por acaso? Quem é piloto aqui levanta a mão! Olha isso! Ninguém levantou a mão! Então se num é piloto num dá palpite no voo! Eu hein! Esse povo quer ensinar a gente a fazer

nosso trabalho. Sai fora! Depois o avião cai, explode e a culpa é nossa!

PEDRO

Gente, vamos deixar essa história de escala pra lá e vamos logo fazer esse *check-in* antes que a gente perca esse voo!

NAYMARA

Mas eu não quero ir pra Salvador!

PEDRO (*gritando desesperado*)

Não interessa pra onde a gente vai, nós vamos perder o voo!

ATENDENTE NÚBIA

Gente, vocês são muito estressados. Estão com pressa por quê? Se eu falei que vocês não estão atrasados é porque vocês não estão!

(Entra em cena a senhora que faz o aviso sonoro sexy. Ela está malvestida, mal maquiada e tem o cabelo completamente desarrumado. Traz em uma das mãos um cigarro e na outra um microfone acoplado em uma caixa de som. Lança olhar de desafio para a atendente Núbia.)

AVISO SONORO SEXY

Atenção, atenção, senhores passageiros da Fast Airways, voo 78, com destino a São Paulo. É lamentável que vocês tenham escolhido essa companhia de merda para voar. O embarque de vocês está quase terminando e se essa incompetente dessa atendente de *check-in* não agilizar o procedimento, vocês vão ficar no chão, entenderam bem?! No chão! Pronto, falei!

ATENDENTE NÚBIA

Ah, falou?

AVISO SONORO SEXY



Falei!

ATENDENTE NÚBIA

Falou? Então tá bom!

(Núbia abre a gaveta, pega o revólver e puxa o gatilho. Não sai bala.)

ATENDENTE NÚBIA

Só um minutinho, por favor. Velha safada.

AVISO SONORO SEXY *(zombando de Núbia)*

Que foi? Vai me matar agora, por acaso?

(Núbia volta para o guichê, recarrega o revólver e atira na senhora do aviso sonoro sexy.)

ATENDENTE NÚBIA

Nossa! Que alívio! Meu Deus, que alívio! Vocês não imaginam como eu sonhei com esse momento! Tô nem acreditando. Parece que eu tirei um peso das minhas costas! Escutem a voz do silêncio. Olha que beleza! Não é ótimo o silêncio? Eu perguntei se não é ótimo o silêncio?

TODOS OS PASSAGEIROS ASSUSTADOS

Sim! É ótimo!

NAYMARA *(apavorada)*

Maravilhoso! Viva o silêncio!

ATENDENTE NÚBIA

Vamos agora tranquilamente começar o *check-in*? Com muita calma que eu detesto gente apressada! Tem alguém com pressa aí?

NAYMARA

Não, eu tô ótima.

PEDRO

Eu também tô superótimo.

ATENDENTE NÚBIA

O senhor?

ÍTALO

Eu também tô bem confortável nesse ritmo. Acho que tá fluindo legal.

ATENDENTE NÚBIA

Alguém tem algum problema com escala em Salvador?

PEDRO

Adoro o povo baiano!

NAYMARA

Com certeza! Uma gente alegre, de bem com a vida.

ÍTALO

Viva Ivete!

ATENDENTE NÚBIA

Que bom. O primeiro da fila, por favor.

ÍTALO

Sou eu mesmo.

(Entra em cena Marieta. Ela chega correndo e coloca-se na frente da fila.)

MARIETA



Com licença. Desculpem o atraso! Cheguei.

ÍTALO

Desculpe senhora, mas a fila termina lá.

NAYMARA

Atrás de mim.

MARIETA

Sabe o que é? É que eu estou grávida.

ÍTALO

Ah, tá?! Mas sabe o que é? É que eu estou atrasado!

MARIETA

Ah, tá?! Mas sabe o que é? É que eu estou grávida e atrasada.

ÍTALO

Ah tá?! Mas sabe o que é? É que eu estou atrasado e com uma unha encravada no mindinho do pé. Olha que coisa! Agora, por favor, chega de desculpinha e vai pro final da fila que eu não cheguei cedo no aeroporto pra dar lugar pra uma gordinha atrasada.

MARIETA

Atendente! Por favor, quer esclarecer para este cidadão que mulheres grávidas têm preferência.

ATENDENTE NÚBIA

Pois não, senhora. Mulheres grávidas têm preferência.

ÍTALO

Pois eu não admito isso! Se eu não for atendido primeiro, ninguém será atendido!

(Atendente Núbia tira o revólver novamente da gaveta e começa a limpá-lo com uma flanela.)

ATENDENTE NÚBIA

O senhor deveria falar num tom mais baixo. Não que seja obrigatório, mas é uma sugestão. O senhor acata se quiser.

ÍTALO

Entendi! Tudo bem. Eu gostei da sugestão. Me convenceu. A senhora grávida, por favor, pode ir primeiro! Eu tinha mesmo que comprar uma coisinha ali na loja de conveniências.

ATENDENTE NÚBIA

Ó, num demora não hein, que esse *check-in* tá atrasado e avião num espera passageiro não. A outra que ficava lá chamando o nome dos atrasados no auto-falante não está mais entre nós. Se o senhor ficar pra trás num vem reclamar no meu ouvido depois não.

ÍTALO

Não se preocupe. Eu serei mais rápido do que você imagina.

(Ítalo sai de cena.)

ATENDENTE NÚBIA *(falando apenas para Marieta)*

Sei. Homem fala as coisas e depois num cumpre né. Homem nunca cumpre o que fala. Minha amiga Beth que o diga. Coitada da Beth. Não posso esquecer de ligar pra ela. Vem, meu amor, vamos acabar logo com isso que eu quero ir pra casa ver a novela. Fala pra mim seu nomezinho.

MARIETA

É Marieta! Marieta Assis.

ATENDENTE NÚBIA



Ah, sim! Dona Marieta, mas essa barriga tá grande hein! Tem quantos aí dentro? Dez, vinte? Tá com cara de ter uns trinta.

MARIETA

Posso te contar um segredo? Fica entre nós?

ATENDENTE NÚBIA

Claro. Mulher é pra isso! É pra guardar segredo!

MARIETA

Tô grávida nada. Isso aqui é paçoca. Adoro paçoca.

ATENDENTE NÚBIA

Não diga! Eu já tinha ouvido dizer que paçoca engorda à beça. Pelo visto é verdade!

MARIETA

Tô meio cheinha né? E o pior é que eu nem gosto tanto de paçoca. Mas o que que a gente não faz pelo primeiro lugar na fila, não é mesmo?

ATENDENTE NÚBIA

Passageiro é capaz de qualquer coisa. Já vi tanta doideira que nada mais me assusta.

(Ítalo volta para a cena.)

ÍTALO

Olá, olá, olá! Num disse que eu ia ser rapidinho? Já estou de volta.

ATENDENTE NÚBIA

Olha, que legal! Aguarda aí na fila que eu já te chamo.

ÍTALO

Sabe o que eu decidi, mocinha? Que eu não vou aguardar.

ATENDENTE NÚBIA

Ah, não?

ÍTALO

Não! Aliás, eu decidi que você vai parar o *check-in* dessa gordinha escrota e vai fazer o meu, porque eu já estava no primeiro lugar da fila.

ATENDENTE NÚBIA (*mostrando a arma*)

Senhor, será que...

(*Ítalo tira de sua pasta uma arma que parece ser ainda mais potente do que a de Núbia.*)

ÍTALO

Será que eu vou ter que insistir com você?

ATENDENTE NÚBIA

Gente, as lojas de conveniência do aeroporto vendem de um tudo, né?!

ÍTALO

E então? Posso contar com sua boa vontade?

ATENDENTE NÚBIA

Imagina se não! O que eu mais tenho é boa vontade. Tô aqui pra isso.

ATENDENTE NÚBIA (*se dirigindo à Marieta*)

A senhora queira, por favor, se dirigir ao final da fila.

MARIETA

Mas eu tô grávida! Eu tô quase parindo!

ATENDENTE NÚBIA



Não me obrigue a abrir a boca Dona Marieta.

(Marieta vai para o primeiro lugar da fila.)

MARIETA

Vou ficar aqui então.

ATENDENTE NÚBIA

Façamos um trato!

ÍTALO

Um trato?

ATENDENTE NÚBIA

Sim, um trato! O mundo de hoje anda tão violento, não é mesmo? Tanta gente morrendo a torto e a direito.

(Os passageiros olham para o corpo da velha que ainda está estendido no chão.)

ATENDENTE NÚBIA *(continuação)*

E aí eu pergunto: pra quê? Pra quê? Por quê? Vamos deixar disso. Vamos viver em paz? Isso aqui não é Palestina, isso é Brasil, isso é Rio! Aqui todo mundo vive em paz, não é mesmo?

(Núbia levanta uma bandeira com o desenho de uma pomba branca.)

ÍTALO

Seja mais específica.

ATENDENTE NÚBIA

Alguém da fila conta até três e, no três, nós dois jogamos as armas fora.

ÍTALO

Muito justo.

ATENDENTE NÚBIA

Alguém pode nos ajudar?

NAYMARA

Eu!

(Música de suspense ao fundo. Núbia e Ítalo se curvam, colocam suas armas no chão e fazem menção de jogá-las fora à medida que Nayara conta.)

NAYMARA (continuação)

Um...

(Núbia e Ítalo estão tensos. Olham-se desconfiados sem saber se o outro realmente largará a arma.)

NAYMARA (continuação)

Dois...

NAYMARA (continuação)

Depois do dois vem o... vem o... vem o... vem... o...

PEDRO (irritado)

Três!

(Ambos soltam e isolam suas armas no chão. Núbia volta lentamente para o guichê e Ítalo vira de costas. Viram-se um de frente para o outro e cada um tem nas mãos uma outra arma.)



ATENDENTE NÚBIA

Outra arma?

ÍTALO

Que coincidência.

ATENDENTE NÚBIA

Promoção?

ÍTALO

Pague um, leve dois.

ATENDENTE NÚBIA

Ah, que bacana.

(Núbia e Ítalo curvam-se novamente repetindo o processo. Música de suspense ao fundo.)

NAYMARA

É um...

MARIETA *(acelerando a contagem, impaciente)*

É dois, é três e é já!

(Isolam a arma de novo. Núbia volta lentamente para o guichê e Ítalo vira de costas. Viram-se um de frente para o outro. Música de suspense ao fundo. Ela está com a mão na gaveta e ele com a mão dentro da pasta.)

ATENDENTE NÚBIA

Acabou?

ÍTALO *(tirando a mão de dentro da pasta)*

Eram as duas últimas da loja. E parece que aqui não pode vender granada.

ATENDENTE NÚBIA (*tirando a mão da gaveta*)

É, granada em aeroporto não rola. Eu também não tenho mais nenhuma arma.

ÍTALO

E esse negócio aí na sua mão?

ATENDENTE NÚBIA

É canivete. Mas sou um fracasso com esse negócio de canivete. Deixa isso pra lá.
Vamos ao *check-in*?

ÍTALO

Por favor.

ATENDENTE NÚBIA

Nome completo?

ÍTALO

Ítalo Macedo.

ATENDENTE NÚBIA

Profissão?

ÍTALO

Precisa dizer a profissão?

ATENDENTE NÚBIA

Precisa dizer até o salário. São normas da empresa.

PEDRO

Diz logo senão a gente não embarca hoje.



NAYMARA *(com ares de orgulhosa)*

Eu recebo três e quinhentos, mas meu chefe me prometeu aumento até novembro.

MARIETA

Fica quieta que não tá na sua vez.

ÍTALO

Eu sou autônomo. Meu salário gira em torno de... *(ele fala no ouvido de Núbia)*

ATENDENTE NÚBIA

Só isso? Nossa, até eu tô ganhando mais que o senhor aqui atrás desse balcão. Agora vocês vejam só isso, passageiro faz a maior pose e no fundo é tudo pé rapado que nem a gente. Mil e oitocentos reais! Que tristeza, hein seu Ítalo. E o senhor faz o quê da vida?

ÍTALO

Eu sou psicólogo.

(Ao ouvir isso, Núbia fica paralisada, com cara de aterrorizada.)

ÍTALO

Eu falei alguma coisa errada?

ATENDENTE NÚBIA *(entre gritando e chorando)*

Saia daqui! Suma da minha frente! Tirem esse monstro de perto de mim!

(Núbia vai em direção à fila e cai aos prantos nos braços de Pedro.)

MARIETA

Mas o que está acontecendo?

PEDRO

O que foi? O que você tem?

NAYMARA

Isso é síndrome do pânico. Minha mãe também tem essas coisas. Tem que dar rivotril. Alguém tem rivotril?

(Todos tiram cartelas do remédio do bolso e acenam.)

NAYMARA

Dá um de cada. Cada um cede um, vai!

ATENDENTE NÚBIA *(entre gritando e chorando)*

Eu não vou tomar remédio nenhum! Eu quero que vocês sumam com esse homem daqui!

MARIETA

Mas o que foi que ele te fez?

ATENDENTE NÚBIA *(muito dramática)*

A senhora quer saber o que foi que ele me fez? Pois bem, eu vou contar a minha história. Eu era uma adolescente linda, promissora, uma vida inteira pela frente! O céu era o limite! Até que meu pai, muito preocupado, me mandou procurar um psicólogo. E pra quê? Para fazer um teste vocacional.

NAYMARA

Adoro teste vocacional! Já fiz vários.

ATENDENTE NÚBIA

Eu fui. Eu era muito ingênua, eu fui fazer o teste de coração aberto. O tal do psicólogo me aplicou milhões de perguntas. Foram sete dias e sete noites marcando



x pra todo lado. Eram testes de todos os tipos, de todas as cores. Até que no final daquela semana infernal veio o veredito!

NAYMARA

E o que foi que ele disse?

ATENDENTE NÚBIA

Ele disse: "Você tem grande talento para lidar com o público!"

(Naymara começa a bater palmas, empolgada.)

ATENDENTE NÚBIA

Filho da puta! Desgraçado!

(Naymara interrompe as palmas repentinamente.)

ATENDENTE NÚBIA

Desgraçado! Pilantra!

PEDRO

Talento pra lidar com o público é sacanagem! Vamos confessar!

ATENDENTE NÚBIA

E aí eu pergunto pra vocês: pra quê que o meu pai pagou anos de colégio particular pra mim? Pra quê que ele gastou um dinheirão com esse teste? Pra quê? A gente vai fazer teste vocacional é pra descobrir uma vocação de gente, uma vocação decente, uma coisa nobre, uma coisa que te bota pra cima, tipo modelo internacional, atriz de novela, empresária rica. Mas não! Ele me disse que o meu talento era para lidar com o público!

NAYMARA

Isso é muita maldade! Psicólogo é um ser de merda mesmo! Esse povo num tem sensibilidade nenhuma.

ATENDENTE NÚBIA

Não quis me dar uma profissão de gente, o desgraçado! Agora tô eu aqui, atrás do balcão, tendo que lidar com... nossa, num gosto nem de falar essa palavra, tendo que lidar com... com vocês!

NAYMARA

Vem cá, me dá um abraço.

ATENDENTE NÚBIA

Eu não merecia isso!

NAYMARA

Eu sei, meu bem, mas isso é carma, eu aprendi no centro de Kardec, cada um tem o seu.

ATENDENTE NÚBIA

Meu carma é muito pesado, passageiro é um carma muito pesado! É por isso que eu quero matar esse desgraçado! Cadê minha arma? Cadê minha arma pra eu dar um tiro nesse mau elemento?

MARIETA

Mas num foi ele. Foi um outro psicólogo!

ATENDENTE NÚBIA

É tudo igual! É tudo a mesma merda! Tudo farinha do mesmo saco! Estão tudo mancomunados essas desgraças. Some com esse traste da minha frente antes que eu faça uma loucura!



MARIETA

Vai embora, num tá vendo que ela tá nervosa?! Olha o que você fez com ela!

ÍTALO

Mas e o meu *check-in*? Eu preciso fazer o *check-in*!

NAYMARA

Moça, qual o seu nome mesmo?

ATENDENTE NÚBIA

É Núbia, porra! Já falei!

NAYMARA

Atendente Núbia, olha pra mim, olha no meu olho! Para de soluçar e me escuta. Nós precisamos fazer o *check-in* desse senhor.

ATENDENTE NÚBIA

Não!

NAYMARA

Núbia! Você vai ter que ser forte.

ATENDENTE NÚBIA

Eu não sou capaz! Eu não vou conseguir!

MARIETA

Deixa que eu faço. Eu vou agilizar isso porque senão vai todo mundo dormir aqui nesse aeroporto. Fala Núbia, como é que faz esse negócio.

ATENDENTE NÚBIA

Primeiro escolhe a pior poltrona de todas. A lá de trás que é a mais apertada.

MARIETA

A 54E tá boa?

ATENDENTE NÚBIA

Tá perfeita. É de frente pro banheiro. Agora aperta *enter*.

MARIETA

Pronto! Tá aqui seu cartão de embarque. Agora pode ir embora seu Ítalo. Obrigada por viajar com a Fast Airways, sua escolha inteligente.

(Ítalo pega seu cartão de embarque e sai ainda atônito com a situação.)

MARIETA

Agora, a próxima sou eu, que tô grávida. Deixa que eu mesma faço.

ATENDENTE NÚBIA *(com cara de esgotada)*

Não! Eu faço.

NAYMARA

Você precisa se poupar. Você não está bem.

ATENDENTE NÚBIA *(com cara de esgotada)*

Eu vou conseguir. Eu preciso. Eu sou uma profissional. Faço questão.

(Núbia assume novamente seu lugar no guichê.)

NAYMARA

Mulher de fibra essa. Impressionante!

MARIETA

Núbia, bota primeira classe pra mim, por favor? Ou pelo menos executiva.



PEDRO

Ponte aérea não tem primeira classe, ignorante.

NAYMARA

Nem executiva.

ATENDENTE NÚBIA

Não tem o cacete. Quem não tem são as concorrentes. A Fast tem primeira classe, tem executiva, a Fast tem de tudo. É por isso que eu tenho o maior orgulho de trabalhar nessa companhia. Que, aliás, ainda há de reconhecer o meu talento! Escutem o que eu lhes digo! Ainda vou ser famosa nesse aeroporto.

NAYMARA

A gente acredita em você, Núbia!

ATENDENTE NÚBIA

Dona Marieta. A senhora estava falando sério quando disse que queria um *upgrade*?

MARIETA

Claro que sim! Você acha que consegue?

ATENDENTE NÚBIA

Mulher grávida tem preferência! Tá dado o *upgrade*!

NAYMARA

Eu também vou querer!

MARIETA

Obrigada! Você é um ser de luz, sabia? Na hora que eu bati o olho em você eu falei ali pro rapazinho da fila: isso é um anjo que encarnou na Terra pra ajudar a humanidade.

ATENDENTE NÚBIA

O cliente tem sempre razão, não é mesmo?

MARIETA

Claro que é.

ATENDENTE NÚBIA

A senhora também, é alguém muito especial, nem parece um passageiro, parece um ser humano.

MARIETA

Obrigada!

ATENDENTE NÚBIA

Dona Marieta, a senhora teria um tempinho?

MARIETA

Se o avião não sair sem mim.

ATENDENTE NÚBIA

Pode deixar que não sai não. Ainda tem esse bando de gente enjoada aí pra pôr pra dentro. Chega mais perto.

PEDRO *(falando para Naymara)*

O que elas estão cochichando?

NAYMARA

Não sei. Vamos tentar ouvir.

ATENDENTE NÚBIA

O negócio é o seguinte, Dona Marieta: é que eu tô vendendo alguns produtos,



cosméticos principalmente. É uma marca ótima, chama "Natureba". Dá de 10 nas concorrentes. Dá uma olhadinha aí aqui nessa revista, olha que beleza de produtos, tudo de primeira linha. Vê se tem alguma coisa que agrada à senhora.

MARIETA

Cosméticos?

ATENDENTE NÚBIA

Pode olhar com calma, não fica apressada não. Olha esse perfume que maravilha, é lançamento, uma loucura, meio doce e ao mesmo tempo ele é meio cítrico. Tá saindo bastante. As meninas da lanchonete todas já compraram. E creme pras mãos, a senhora gosta de creme pras mãos?

MARIETA

Eu gosto, mas é que...

ATENDENTE NÚBIA

Que bom que a senhora gostou do *upgrade*.

MARIETA

Eu vou levar dois desse daqui.

ATENDENTE NÚBIA

Manga com cajá?

MARIETA

Isso, esse parece ser bom.

ATENDENTE NÚBIA

Manga com cajá é ótimo. Tem um cheiro que é inesquecível. E o perfume?

MARIETA

Não, deixa o perfume pra próxima.

ATENDENTE NÚBIA

Tem certeza? Eu tenho perfume aqui que a senhora passa na segunda e na sexta ele ainda está cheirando. Não quer experimentar? Sem compromisso!

MARIETA

Não, obrigada.

ATENDENTE NÚBIA

Que pena. Eu só vou te pedir o pagamento adiantado. Não que eu desconfie da senhora, Dona Marieta, pelo amor de Deus, não é nada disso. Mas é que tem muito passageiro que fica sabendo da revista, aí encomenda um monte de coisas e depois não aparece para pegar. Olha a sacanagem! Passageiro babaca é o que mais tem. E aí acabou que a gente teve que mudar alguns procedimentos de pagamento aqui no guichê. A senhora entende né?

MARIETA

Claro, só um segundo.

PEDRO *(falando para Naymara)*

Parece que você vai ter que desembolsar um dinheirinho se quiser um *upgrade*.

ATENDENTE NÚBIA

Desculpe, Dona Marieta, a gente também não aceita cheque. Não que eu desconfie da senhora, pelo amor de Deus!

(Marieta começa a revirar a bolsa.)

ATENDENTE NÚBIA *(continuação)*



Alá! Eu acho que eu vi uma nota de cinquenta na sua carteira. Isso, essa mesma. Obrigada. Obrigada por voar com a Fast Airways, sua escolha mais que inteligente, sua escolha inteligentíssima!

MARIETA

Adeus, Núbia. Foi um prazer.

ATENDENTE NÚBIA

Prazer todo meu, Dona Marieta.

PEDRO

Ela tá saindo.

NAYMARA

Agora sou eu!

PEDRO

Imagina, eu tava na sua frente!

NAYMARA

É, mas você deu mole.

ATENDENTE NÚBIA

Olha, olha a confusão vocês dois! Sem afobação! De acordo com os procedimentos de segurança, eu vou chamar agora os passageiros com cartão fidelidade.

PEDRO

Yes! Eu tenho cartão ouro!

NAYMARA

Droga!

ATENDENTE NÚBIA

Calma aí. Deixa de ser ansioso. Quem disse que o primeiro é o cartão ouro?

(Atendente Núbia vai até o microfone.)

ATENDENTE NÚBIA

Dando prosseguimento ao *check-in*, gostaríamos de chamar agora todos os passageiros cartão Diamante Platinum Cristal Brilhante. Passageiros Diamante Platinum sem ser Cristal e sem ser brilhante. Alguém? Ninguém? Ok, vamos prosseguir: passageiros só Diamante. Passageiros só Platinum então. Gente, esse voo tá uma pobreza, Deus me livre. Passageiros...

PEDRO

... ouro! Finalmente! Eu tenho cartão ouro!

ATENDENTE NÚBIA

Desculpe, senhor, ainda não. Passageiros Ouro Branco! Ouro Negro? Passageiros Chokito? Passageiros Ouro com um pouquinho de prata na borda? Alguém? Tudo bem, vai! Sobrou algum passageiro com algum outro cartão de fidelidade aí na fila?

(Pedro levanta seu cartão com cara de poucos amigos.)

ATENDENTE NÚBIA

Pode vir então. Mais rápido se não quiser perder o voo.

PEDRO

O cartão ouro dá direito a *upgrade* automático, não é?

ATENDENTE NÚBIA

É sim senhor, mas eu tô vendo que o seu cartão não é ouro não, seu cartão é banhado



a ouro, dê só uma lida aqui no cantinho. Toma a lupa. Viu aí, quase que apagadinho?

PEDRO

Eu não estou vendo nada.

ATENDENTE NÚBIA

É que a frase tá pela metade. Eles não estão escrevendo mais as frases inteiras, estão com essa mania agora. Mas o cartão do senhor é banhado a ouro.

PEDRO

Desculpe, mas isso não está escrito aqui. Não consigo ler isso.

ATENDENTE NÚBIA

O senhor, no caso, fez até que série?

PEDRO

Núbia, eu não vou mais me irritar com você.

ATENDENTE NÚBIA

Que bom.

PEDRO

Essa bosta desse cartão, banhado a ouro, dá direito ao quê, exatamente?

ATENDENTE NÚBIA

A nada.

PEDRO

Como assim, nada?

ATENDENTE NÚBIA

A nada. Ele é meio que enfeite. O senhor coloca na carteira e deixa enfeitando. É

o que ele faz.

NAYMARA

Coitado, mas ele tem que ter direito a alguma coisa!

ATENDENTE NÚBIA

O máximo que esse cartão dá direito é do senhor embarcar. Mesmo assim, tem que comprar a passagem.

NAYMARA

Bem faço eu que não tenho essas porcarias de fidelidade. Só faz a gente passar raiva. Deus me livre.

PEDRO

Núbia, você por acaso está armada?

ATENDENTE NÚBIA

Não senhor.

NAYMARA

Fala a verdade, Núbia, que a gente já te conhece um pouquinho.

ATENDENTE NÚBIA

Eu tô falando! Eu já joguei todas as minhas armas fora, no meu confronto com o senhor Ítalo, aquela peste.

PEDRO

Ótimo. Então, faça-me o favor: chame o seu supervisor que eu quero fazer uma reclamação.

ATENDENTE NÚBIA

No caso é reclamação sobre mim ou sobre a companhia?



PEDRO

Digamos que se trata de uma reclamação global.

ATENDENTE NÚBIA

Então é sobre mim, que eu não sou idiota. Eu sinto lhe informar, mas o meu supervisor não se encontra.

PEDRO

Ah não?

ATENDENTE NÚBIA

Não. Foi comprar cigarro. Só volta semana que vem. Viciado coitado.

PEDRO

E como eu faço pra deixar registrada a minha reclamação?

(Atendente Núbia dá uma ficha e uma caneta para ele.)

ATENDENTE NÚBIA

Toma.

PEDRO

Certo.

(Ele preenche a reclamação, entrega para Núbia e ela imediatamente amassa e joga no lixo.)

PEDRO

Você amassou!

ATENDENTE NÚBIA

Ai, desculpe, é força do hábito. Mas eu li tudo o que o senhor escreveu e tá ótimo. O senhor redige superbem. Pode ficar tranquilo que estaremos tomando providências a respeito.

PEDRO

Uma outra folha de reclamação, por favor.

ATENDENTE NÚBIA

Num posso.

PEDRO

O quê?

ATENDENTE NÚBIA

Num posso porque nós somos uma companhia amiga da natureza, tem aí um lance de ecologia rolando, é só mesmo uma folha por passageiro.

NAYMARA

Ah, legal essa preocupação ecológica. Gostei dessa companhia aérea!

PEDRO

Você rasgou a minha folha, eu preciso de uma outra.

ATENDENTE NÚBIA

Rasguei não senhor. Eu só amassei. Rasgar é diferente.

NAYMARA

Olha só, desiste desse negócio de reclamar porque senão nós vamos os dois ficar pra trás. Faz logo esse *check-in* e vamos acabar com isso.

ATENDENTE NÚBIA



Ótima ideia, dona! O nome do senhor?

PEDRO

Pedro. Pedro Lisboa.

ATENDENTE NÚBIA

Só um segundinho. (Atendente Núbia começa a digitar compulsivamente no computador). Pedro Lisboa... Pedro... Ué?! A reserva do senhor foi feita com esse sobrenome?

PEDRO

Claro.

ATENDENTE NÚBIA

Tem certeza?

PEDRO

Absoluta. Eu mesmo que fiz.

ATENDENTE NÚBIA

Estranho. Muito estranho.

NAYMARA

Eu acho que ela não está encontrando.

PEDRO

O que está acontecendo, Núbia?

ATENDENTE NÚBIA

É que eu não tô localizando.

NAYMARA

Num disse?

ATENDENTE NÚBIA

Seu voo seria pra hoje mesmo, senhor?

PEDRO

Claro que era pra hoje. Eu tenho uma reunião importantíssima em São Paulo! Como é que a minha reserva pode não estar no sistema?

ATENDENTE NÚBIA

Eu não disse que ela não está no sistema, eu disse apenas que eu não estou localizando-a. Ela pode estar escondida. Mas não fique preocupado porque se eu achar sua reserva o senhor vai poder embarcar.

PEDRO

Se você achar....? Se você achar? Escute aqui mocinha, eu vou embarcar nesse avião custe o que custar!

ATENDENTE NÚBIA *(sorridente)*

A reserva do senhor não teria sido feita no nome de João Campos? Porque João Campos eu tenho no sistema. Flávia Pires também tá no sistema. Não pode ser Flávia Pires? Será que o senhor não confundiu o nome na hora de fazer a reserva? Olha, eu tenho aqui Amaury, Maria Helena, tem Carolina, tem Lucca, tem vários nomes. O senhor, no caso, deve ter feito a reserva com algum desses nomes.

NAYMARA

Será que você não confundiu seu nome na hora de fazer a reserva?

PEDRO *(batendo no balcão)*

Chega! Isso é um absurdo! Eu não vou mais admitir isso!

ATENDENTE NÚBIA



Calma! Credo, que passageiro mais agressivo! Eu hein! Tô tentando te auxiliar e o senhor tá aí me agredindo. Assim eu vou parar. Trate de ficar calmo senão eu paro de procurar. Ora bolas!

NAYMARA

Respira! Puxa o ar. Agora engole. Isso.

ATENDENTE NÚBIA

Continuando! Pedro... Pedro... no caso o Pedro do senhor é com P? Ok, pela sua expressão vejo que a resposta é sim. Vou marcar aqui: sim! Gente, qual o problema desse sistema? Seu Pedro, o senhor não teria feito sua reserva pela internet, teria?

PEDRO

Sim, teria.

ATENDENTE NÚBIA

Humm... *(com cara de quem prevê algo de ruim)*

PEDRO

O que foi?

ATENDENTE NÚBIA

Nada não. Esse negócio de internet não tá dando certo. Falei pra eles que isso não ia prestar. Mas ninguém ouve a gente. Acham que tecnologia vai salvar o mundo. Agora tá ó, vão deixar passageiro no chão.

PEDRO

Como assim "vão deixar passageiro no chão"? Eu fiz minha reserva pela internet, no meu próprio nome, que é Pedro, com P, e eu exijo embarcar nesse avião!

(Pedro sai de cena e volta imediatamente com uma metralhadora.)

PEDRO *(continuação)*

Você, por favor, trate de achar minha reserva imediatamente!

ATENDENTE NÚBIA

Achei. Pedro Lisboa. Tá aqui, bonitinha a reserva.

PEDRO

Ótimo!

ATENDENTE NÚBIA

É que eu tava na página errada. Tava no face. É tanto cutuque que a gente acaba ficando viciado nisso.

NAYMARA

Jura? Por que ninguém me cutuca?

ATENDENTE NÚBIA

Ah, vai ver que a senhora é feia.

PEDRO

Cadê o meu bilhete?

ATENDENTE NÚBIA

Tá aqui. Boa viagem. Olha, não pode embarcar com arma não tá. Entrega lá pro guardinha da imigração. Boa viagem seu Pedro!

PEDRO *(já se retirando)*

Vá pro inferno!

ATENDENTE NÚBIA



O mesmo pra sua mãe. Volte sempre.

(Pedro sai de cena.)

ATENDENTE NÚBIA

Vai sentadinho do lado do seu Ítalo, só pra deixar de ser besta. Arrogante. Detesto passageiro arrogante! Tá na última fila, vai demorar dez horas pra conseguir desembarcar.

NAYMARA

Ah Núbia, você deu um assento ruim pra ele, coitado?

ATENDENTE NÚBIA

Ruim é pouco. A cadeira dele tá soltinha. Se tiver turbulência é capaz dele bater no teto.

NAYMARA

Pobre homem. Mas agora vamos começar meu *check-in*!

ATENDENTE NÚBIA

Seu nome?

NAYMARA

Naymara.

ATENDENTE NÚBIA

Ui!

NAYMARA

Que foi? Não vai me dizer que meu nome sumiu também?

ATENDENTE NÚBIA

Sumiu nada. Foi só um susto que eu tomei com esse seu nome bonito!

NAYMARA

Gostou? Nossa, ninguém nunca disse que meu nome era bonito!

ATENDENTE NÚBIA

Jura? Que estranho!

NAYMARA

Pois é. Mas meu nome tá aí no sistema né?

ATENDENTE NÚBIA

Tá. E se não tiver a gente põe. Aqui é assim, a gente mesmo que tira, a gente mesmo que põe de volta, a gente faz o diabo nesse computador. Tudo depende da nossa motivação.

NAYMARA

Motivação?

ATENDENTE NÚBIA

É. Do nosso humor, na verdade. Às vezes eu tô de mal-humor, aí eu arranco fora a reserva do passageiro. Outras vezes o passageiro é gatinho, joga um charme, e quando a gente vai ver acabou dando um *upgrade* pro cara. Nós atendentes somos muito sensíveis aos estímulos que recebemos, sabe?

NAYMARA

É importante mesmo a gente trabalhar motivado.

ATENDENTE NÚBIA

Num é? A gente rende mais.



NAYMARA

Com certeza.

ATENDENTE NÚBIA

Deixa eu imprimir seu bilhete...

(Pedro volta para cena.)

PEDRO

Desculpe interromper.

ATENDENTE NÚBIA

Ai, gente, ninguém merece. Seu Pedro, parte II – a missão! Num coleciono figurinha repetida não, seu Pedro. Que que foi agora?

PEDRO

É que eu esqueci de perguntar se o meu assento é corredor. Eu só viajo em corredor.

ATENDENTE NÚBIA

Seu Pedro, como é que eu vou saber se é corredor? Eu tenho cara de adivinha por acaso? O senhor vai lá, entra no avião e vê, ué!

PEDRO

Mas é que eu não viajo em janela.

ATENDENTE NÚBIA

Problema do senhor. Homem fresco!

NAYMARA

Ah, Núbia, veja aí no sistema se ele tá na janela ou no corredor. Senão é capaz dele ficar empatando meu *check-in* até amanhã.

ATENDENTE NÚBIA *(com cara emburrada)*

Janela. O senhor está na janela.

PEDRO

Eu não viajo em janelas!

ATENDENTE NÚBIA

Mas essa janela aí é uma beleza, tá em ótimo estado, o senhor vai adorar ela. E, além do mais, o senhor está a apenas três assentos do corredor, dá pra ir andando.

PEDRO

Eu detesto janela!

ATENDENTE NÚBIA

Vamos fazer o seguinte? O senhor senta sua bundinha na janelinha que lhe foi designada e qualquer coisa, se o senhor ficar com medinho, o senhor pede pra aeromoça te trocar de lugar.

PEDRO

Quem é que falou em medo?

ATENDENTE NÚBIA *(no microfone)*

Atenção, passageiro Pedro, não precisa ter medinho de janela. Janela é super seguro!

PEDRO *(arrancando o microfone do guichê)*

Pare com isso! Pare com isso! E eu por acaso sou homem de ter medo de avião? Só me faltava essa agora. Vou te processar por difamação.

ATENDENTE NÚBIA

Tá bom. Aproveita e me processa por preconceito também.



PEDRO

Por preconceito?

ATENDENTE NÚBIA

É, porque passageiro com medinho de janela é passageiro viadinho.

NAYMARA *(espantada, com a mão na boca)*

Jura? Seu Pedro, nem dá pinta! Quem diria?!

PEDRO *(se segurando para não voar no pescoço de Núbia)*

Eu deveria te matar! Mas eu vou me controlar. Eu juro que vou me controlar!

ATENDENTE NÚBIA

Isso. Controla esse piti. Não deixa essa baiana chegar que isso é aeroporto, não é terreiro. E não explode de raiva. Corre que o senhor tá atrasado, se bobear o avião já até saiu...

PEDRO

Uma última pergunta.

ATENDENTE NÚBIA

Achei que não fosse chegar esse momento! A última, vamo lá!

PEDRO

Será que a aeromoça realmente me troca de lugar?

ATENDENTE NÚBIA

Com certeza, querido. Imagina se não?! A aeromoça desse voo é um amor. O senhor vai adorar ela.

PEDRO

É o que veremos!

(Pedro sai de cena.)

NAYMARA

Nossa, ele saiu bravo!

ATENDENTE NÚBIA

Quem mandou viajar por essa companhia?! Chuuupaaa!

NAYMARA

Você tem que atender a muito passageiro viadinho?

ATENDENTE NÚBIA

Ah, é o que mais tem né Dona Nayara. Ponte aérea, já viu. É executivo de São Paulo que vem dar pinta no Rio, é surfista carioca que vai se soltar em São Paulo. Ponte aérea é uma loucura!

NAYMARA

Coitada de você, ter que aturar essa gente.

ATENDENTE NÚBIA

Ih, mas comigo não tem essa não. Passageiro que tenta me derrubar só se dá mal. Quem dá as cartas aqui sou eu, meu bem! Me responda uma coisa, Dona Nayara...

NAYMARA

Naymara!

ATENDENTE NÚBIA

Isso, esse daí! Então, a senhora, por acaso, já andou de primeira classe?

NAYMARA



Várias vezes. Meu salário é muito alto! Três mil e quinhentos reais!

ATENDENTE NÚBIA

Nossa! Que incrível! E a senhora gostaria de andar de primeira classe mais uma vez?

NAYMARA

Mas seria o quê? Um *upgrade*?

ATENDENTE NÚBIA

Claro! Tudo de graça. Só um segundinho que eu vou procurar o melhor assento do avião. Deixei separado pra senhora. Eu tinha te visto ali na fila, aí eu pensei: "Nossa, ela é uma fofa. Vou guardar o melhor lugar pra ela!"

NAYMARA

Caramba! Mas o que que eu fiz pra merecer isso?

ATENDENTE NÚBIA

Fez nada. Eu é que sou assim, toda gentil. Gostou de mim?

NAYMARA

Adorei!

ATENDENTE NÚBIA

Quer fazer um elogio ao meu respeito pro meu supervisor?

NAYMARA

Mas ele não tava ausente por uma semana?

ATENDENTE NÚBIA

Ausente porra nenhuma. Pera aí que eu vou chamar ele aqui pra senhora.

ATENDENTE NÚBIA (*aos berros*)

Seu Olavo! Cliente!

(Entra em cena seu Olavo.)

SEU OLAVO

Pois não?

ATENDENTE NÚBIA

Seu Olavo, esta senhora está insistindo em falar com o senhor. Parece que o assunto sou eu. Já verifiquei no sistema e vi que ela é uma cliente superimportante para a nossa companhia. Uma cliente que só fala realmente a verdade. Dona Nayara...

NAYMARA

Naymara!

ATENDENTE NÚBIA

Isso, esse daí. Fala tudo pra ele, não esconda nada!

NAYMARA

Eu queria falar pro senhor que essa moça é muito boa. A melhor atendente que eu já vi. Olha só, eu chego a ficar emocionada só de falar dela. Ela é realmente muito especial.

ATENDENTE NÚBIA

Tá bom, também não vamos exagerar senão o seu Olavo vai achar que tem alguma coisa errada aqui.

NAYMARA

Era só isso.



SEU OLAVO

Núbia, meus parabéns!! Você é realmente uma funcionária exemplar. Nós temos muita sorte de tê-la no nosso time!

ATENDENTE NÚBIA

A gente faz o que pode né, seu Olavo?! Apesar do salário baixo a gente se esforça para que o cliente se sinta bem acolhido.

SEU OLAVO

Vou indicá-la a "funcionária do mês".

ATENDENTE NÚBIA

Agradeço e concordo. Indica sim.

SEU OLAVO

Obrigado por seu depoimento.

NAYMARA

Não há de quê.

(Olavo sai de cena.)

ATENDENTE NÚBIA

Muito obrigada, viu, Dona Nananara.

NAYMARA

Naymara!

ATENDENTE NÚBIA

Ah! Para de me corrigir! Mulher chata! Credo!

NAYMARA

Desculpe, é que...

ATENDENTE NÚBIA

Tudo bem, esquece. Toma seu bilhete.

NAYMARA

O *upgrade* tá aí?

ATENDENTE NÚBIA

Tá. A viagem é rápida, não vai dar para curtir muito tempo, mas executiva é sempre executiva, não é verdade? Só de você poder entrar primeiro, sentar lá na frente e depois ver aquele bando de gente entrando no avião e passando por você de cabeça baixa, indo lá pro fundão... só isso já vale a pena. Não tem prazer maior que esse, tem? Faz uma coisa pra mim, Dona Naynaynaymara?

NAYMARA *(se segurando para não corrigi-la)*

Claro.

ATENDENTE NÚBIA

Quando o seu Ítalo e o seu Pedro passarem pela senhora, dá um tchauzinho pra eles. Diz que foi presente meu.

NAYMARA

Pode deixar que eu vou dar o recado.

AVISO SONORO SEXY

Atenção, última chamada para embarque do voo 78 da Fast Airways, com destino a São Paulo.

ATENDENTE NÚBIA

Gente, essa velha ressuscitou? Quem tirou o corpo dela daqui? Eu devo ter errado o coração. Minha mira tá péssima. Ou vai ver que já contrataram outra né? Esse



povo tem mania de contratar qualquer um.

NAYMARA

Eu tenho que ir.

ATENDENTE NÚBIA

Vai meu bem. Corre lá.

NAYMARA

Ok! Obrigada por tudo!

ATENDENTE NÚBIA

Foi um prazer!

(Naymara sai de cena.)

ATENDENTE NÚBIA

Mentira, foi não.

ATENDENTE NÚBIA *(para a plateia)*

Mal posso esperar! Funcionária do mês! Daqui uns dias o meu retrato vai tá espalhado por tudo quanto é saguão! Só vai dar euzinha nesse aeroporto. Já tô até vendo foto minha por toda parte! Foto assim de *close*, de corpo inteiro, fotos sensuais nos banheiros. Nossa! Vai ser uma coisa! Vou ficar insuportável. Num vou cumprimentar mais ninguém. Vou ficar o dia inteiro de óculos escuros, vou andar pra cima e pra baixo para as pessoas me reconhecerem bastante. Vou fazer *check-in* só quando eu tiver afim e de quem eu quiser. Só vou atender celebridades, gente VIP, moradores do Leblon. Me esquece ponte aérea que meus dias de glória já foram anunciados. Sucesso, eu tô chegando!

CENA 3

DENTRO DO AVIÃO.

(Marieta e Naymara estão na primeira classe. Ítalo e Pedro entram no avião e Naymara dá tchau para eles com ar de superioridade.)

NAYMARA

Eu tenho tanta pena dessas pessoas que viajam em econômica. Pode não parecer, mas eles são tão gente quanto a gente. Mereciam um pouco mais de respeito.

MARIETA

De espaço, você quer dizer.

NAYMARA

Também. Olha a cara deles. Parecem que tão indo pro matadouro.

MARIETA

Não deixa de ser. Eu sei bem o que é aquilo lá atrás.

NAYMARA

O seu foi *upgrade*?

MARIETA

Foi. A moça que nos atendeu é um amor. E você, *upgrade* também?

NAYMARA

Não. Eu só ando de primeira classe mesmo.

MARIETA

Entendo.



NAYMARA

Mas nada contra vocês da econômica. Imagina. Vocês são tão gente quanto a gente.

MARIETA

Obrigada. Muito gentil da sua parte dizer isso.

NAYMARA

E ó, quero que você fique muito à vontade aqui tá. Nós, da primeira, adoramos receber. Se você tiver alguma dúvida, qualquer coisa, pode me perguntar que aqui eu tô em casa. Tô superacostumada.

(Pedro e Ítalo chegam à última fileira do avião. Ficam em pé analisando seus assentos.)

PEDRO

Qual a sua?

ÍTALO

54E.

PEDRO

É bem do lado da minha: 54F.

ÍTALO

Do lado?

PEDRO

É, do lado, quase em cima.

ÍTALO

Parece que eles andaram diminuindo o espaço das cadeiras.

PEDRO

Eu acho que eles fazem isso semanalmente.

ÍTALO

Você sabe dizer onde começa a minha e onde termina a sua?

PEDRO

Não se preocupe. Depois de cinco minutos você vai estar dormente e não vai sentir mais nada.

ÍTALO

Que bom.

PEDRO

Quer tentar?

ÍTALO

Por que não?

(Pedro e Ítalo tomam seus lugares com dificuldade.)

PEDRO

O bagageiro deve ser mais confortável que isso aqui. Eu vou fazer uma reclamação!

ÍTALO

Boa sorte!

VOZ DO COMANDANTE

Senhores passageiros, bem-vindos à... à... só um minuto, por favor. Bem-vindos à... aqui. Bem-vindos aqui. Quem vos fala é o comandante Socorro e este é um voo para... para... para o seu destino final. É um prazer tê-los a bordo. Tivemos um



pequeno problema de intoxicação com a tripulação proveniente de Montevideu e atrasaremos um pouco até a remoção completa do último corpo. Agradecemos pela compreensão e por escolherem a... a... a nossa companhia.

PEDRO

Só faltava essa: vamos chegar atrasados por causa dos uruguaios.

ÍTALO

Morreram intoxicados coitados. Vou te confessar que eu tô com medo.

PEDRO

De se intoxicar?

ÍTALO

Não, de chegar atrasado em São Paulo.

PEDRO

Sem contar que, sentados aqui atrás, nós seremos os últimos a desembarcar.

ÍTALO

Mas pra desembarcar existem técnicas.

PEDRO

Ah, é?

ÍTALO

Claro! É fácil! Quando o avião pousar, é só você levantar da cadeira onde está, inclinar o corpo pra frente, assim ó, e ficar forçando a passagem o máximo que você puder. Uma hora alguém vai te abrir caminho. Mas não pode titubear, tem que ser firme, tem que forçar mesmo.

PEDRO

E aí eles abrem mesmo o caminho?

ÍTALO

Ah, sempre tem um idiota que vai deixar você passar. E depois que você entra no corredor tudo fica mais fácil. Porque aí a multidão atrás de você vai naturalmente te empurrando em direção à porta. Quanto mais gente atrás, mais rápido você sai do avião.

PEDRO

Interessante. Bom, assentados aqui na última fila vai ser difícil alguém empurrar a gente pra fora.

ÍTALO

É. Hoje o trabalho pesado é nosso.

PEDRO

Culpa da desgraçada daquela atendente mal-humorada. Anotou o nome dela?

ÍTALO

Núbia! Ela que me aguarde!

PEDRO

Ih! Olha lá!

(Atendente Núbia entra no avião vestida de aeromoça.)

ATENDENTE NÚBIA

Bom dia. Bom dia senhores passageiros.

NAYMARA

Núbia?!



MARIETA

Núbia, você aqui?

ATENDENTE NÚBIA

Pois é dona Marieta, a minha amiga comissária fez a passagem, coitada. Intoxicação. Culpa dessas porcarias de comida que eles servem aqui no avião. Aí eu vim pra substituir a infeliz. Pra mim foi até bom, que assim eu faço uma graninha extra. De vez em quando eu faço uns bicos de comissária pra complementar a renda. Sabe como é que é...

MARIETA

Ai, mas você não acha arriscado viajar nesse avião? Afinal de contas ela morreu...

NAYMARA

Intoxicada!

ATENDENTE NÚBIA

Arriscado nada! Eu trouxe minha marmita que não sou boba nem nada. Tô fora do grupo de risco.

NAYMARA

Mas e a gente Núbia?

ATENDENTE NÚBIA

Vocês tão tranquilas. Aqui na primeira classe a gente nunca serve comida vencida. É um princípio da companhia. Eu tenho pena mesmo é do resto, coitado desse povo. Por pior que eles sejam, não mereciam isso.

MARIETA

Pobrezinhos. Mas a comida deles tá mesmo estragada é?

ATENDENTE NÚBIA

A barrinha de cereal tá até fedendo.

NAYMARA

Ai que dó. Mas o importante é que você vai com a gente até São Paulo. Fiquei feliz!

ATENDENTE NÚBIA

Que bom que a senhora gostou Dona Naynanara.

NAYMARA

Meu nome é ... deixa pra lá.

ATENDENTE NÚBIA

A senhora é muito apegada a esse negócio de nome. O que interessa é que ganhou *upgrade*.

MARIETA

Upgrade?

NAYMARA

Vamos mudar de assunto! Gente, o que tá acontecendo lá atrás? Tá um movimento estranho lá na última fila.

ATENDENTE NÚBIA

Esse pessoal da econômica é cheio de mania. Deve ser algum tipo de ritual pro avião não cair. Morrem de medo de avião. Só um segundinho que eu vou verificar o que acontece.

(Atendente Núbia vai até a última fileira do avião.)

ATENDENTE NÚBIA

Posso saber que confusão é essa dentro do meu avião?



ÍTALO

Atendente Núbia!

ATENDENTE NÚBIA

Em pessoa. O que é isso? Treinamento para o *kama sutra*? Onde vocês pretendem chegar com todos esses movimentos?

ÍTALO

Nós gostaríamos de chegar em São Paulo, mas pelo visto isso não deve acontecer hoje.

PEDRO

Na verdade, nós estamos tentando encontrar uma posição confortável, mas isso parece uma missão impossível, não é mesmo?

ATENDENTE NÚBIA

Infelizmente tivemos que reduzir um pouco o espaço entre os assentos, por questão de segurança.

ÍTALO

Não me diga.

ATENDENTE NÚBIA

Mas se vocês apertarem um pouquinho cabe sim. Agora, o passageiro tem que ter boa vontade. Com má vontade ninguém chega a lugar nenhum, não é verdade? Também não dá pra ficar se mexendo muito, viagem de avião não é pra ficar se mexendo. Quer dançar Macarena faz viagem de navio que tem deque, tem até piscina, aqui não! Pziu, preste atenção, vou te ajudar: põe suas pernas aqui...

PEDRO

Aqui onde?

ATENDENTE NÚBIA

Aqui. Não! A perna direita por cima da dele. A esquerda continua onde estava. Pronto. Seu Ítalo, deixa ele pôr a mão aí no meio. Tá ótimo assim.

PEDRO

Como ótimo? Isso é quase uma relação sexual. E o meu assento no corredor? Cadê a comissária simpática que iria me trocar de assento?

ATENDENTE NÚBIA

Ela morreu. Intoxicação. Agora quem tá no lugar dela sou eu e eu não vou trocar ninguém de lugar. E agora vamos fazer silêncio que eu já tô estressada.

PEDRO

Eu exijo uma solução!

ATENDENTE NÚBIA

O senhor não exige nada! Isso aqui é econômica e na econômica passageiro só voa, não exige! Deu sorte de não ficar no chão. O senhor poderia não ter embarcado, sabia? Ingrato. Agora você vê, o passageiro aparece no aeroporto, faz *check-in*, a gente bota ele pra viajar e é isso que a gente recebe em troca. Exigências! E tem outra coisa, seu Pedro: eu tô aqui só fazendo um bico, tô incrementando minha renda. Eu não tenho vocação nenhuma pra esse negócio de aeromoça. Meu talento é pra atendente de *check-in*. Então não me enche a porra da paciência que daqui a pouco minha *fitness* pode acabar.

VOZ DO COMANDANTE

Senhores passageiros, ainda estamos esperando um passageiro atrasado para concluirmos nosso embarque. Estamos tentando localizá-lo e peço aos senhores um pouco mais de paciência. Obrigado por voarem com a... com a... com a gente.



ÍTALO

Só faltava essa! Atrasado por causa de um passageiro atrasado! Um avião inteiro atrasado por causa de um único infeliz atrasado!

PEDRO

Vou aproveitar e responder meus *e-mails*.

ÍTALO

Melhor fazer isso com o *smartphone*. Não dá pra abrir o *laptop* aqui.

PEDRO

Verdade. Obrigado.

(Pedro e Ítalo começam a digitar freneticamente no telefone enquanto Marieta e Naymara o fazem em seus laptops.)

NAYMARA

Gente, assim eu vou chegar atrasada na minha reunião!

MARIETA

Desse jeito meu bebê vai nascer aqui dentro desse avião!

ATENDENTE NÚBIA

Menos dona Marieta, menos, que a gente sabe que isso daí é paçoca.

NAYMARA

Paçoca?

ATENDENTE NÚBIA

Não contou pra amiga, né dona Marieta? Guardando segredo, coisa feia.

PEDRO

Ou esse avião decola ou eu quero meu dinheiro de volta!

ATENDENTE NÚBIA

Calma gente, calma que ainda falta um passageiro e para a Fast Airways cada um de vocês é muito importante. Por isso não podemos decolar se faltar alguém.

(Entra Álvaro no avião fazendo sinal de paz para os passageiros. Ele pacientemente se dirige ao final da aeronave, acomoda sua bagagem de mão e senta-se perto de Ítalo e Pedro.)

ÍTALO

Mais rápido moleque. Tá achando que a gente tem todo tempo do mundo!

PEDRO

Não basta chegar atrasado, ainda fica molengando!

ATENDENTE NÚBIA

Deixem o garoto em paz. Na vida cada um tem um ritmo! Vamos respeitar o ritmo dele, coitadinho! Estão te perseguindo, né querido? Não liga pra eles não.

ÁLVARO

É que eu custei a achar o guichê pro *check-in*. Não tinha ninguém pra me dar informação. E depois eu também custei pra achar o portão de embarque.

ATENDENTE NÚBIA

Coitadinho. Ele é lentinho, qual o problema? Não liga pra eles não bebê, o importante é que você está aqui com a gente agora. Seja muito bem-vindo, tá coisa linda?

ÁLVARO

Obrigado. A senhora é uma pessoa muito gentil mesmo.



ATENDENTE NÚBIA

Imagina, você é que é um gostoso. Senta aí que eu já trago um vinhozinho pra você.

ÁLVARO

Atendente Núbia?

ATENDENTE NÚBIA

Sim?

ÁLVARO

Você acha que vai demorar muito pra chegar os dois desodorantes que eu encomendei?

ATENDENTE NÚBIA

Imagina, demora nada. As coisas da revista chegam rapidinho. Fica aí direitinho que eu já volto.

Álvaro oferece para Ítalo e Pedro pulseiras artesanais:

Vocês se interessam por pulseirinhas? Posso gravar o nome da pessoa amada.

VOZ DO COMANDANTE

Senhores passageiros, o embarque já foi finalizado. Pedimos agora que desliguem todos os aparelhos eletrônicos para a decolagem.

TODOS OS PASSAGEIROS RECLAMAM (exceto Álvaro):

Ah!

(Os passageiros guardam seus objetos eletrônicos, menos Pedro, que permanece digitando escondido. A Atendente Núbia aproxima-se dele.)

ATENDENTE NÚBIA

Senhor Pedro, o telefone, por favor.

PEDRO

Já vou desligar.

ATENDENTE NÚBIA

Agora.

PEDRO

Só um último *e-mail*.

ATENDENTE NÚBIA

Se o senhor não desligar o avião não vai decolar e vocês vão chegar mais atrasados do que já estão!

(Ítalo toma o telefone da mão de Pedro e entrega para a Atendente Núbia.)

ATENDENTE NÚBIA

Obrigada. Senhor Pedro, o outro telefone, por favor.

PEDRO

Eu só tenho esse.

ATENDENTE NÚBIA

Senhor Pedro, eu faço bico como comissária há anos. O outro telefone, por favor.

(Pedro entrega.)

ATENDENTE NÚBIA

Senhor Pedro...



(Pedro entrega o terceiro telefone.)

ATENDENTE NÚBIA

Os tablets agora.

(Pedro entrega uma pilha de tablets para ela.)

ATENDENTE NÚBIA

Frequent flyers...!

VOZ DO COMANDANTE

A tripulação desse voo agradece a colaboração do Sr. Pedro, bem como a dos demais passageiros. Gostaríamos de lembrá-los que é proibido fumar no interior dessa aeronave e que nossos toaletes estão equipados com detectores de fumaça. Isso é válido para cigarros ou qualquer outro tipo de cigarrinho.

(Nesse momento os passageiros do avião olham para Álvaro.)

VOZ DO COMANDANTE

A partir de agora, gostaríamos que vocês prestassem atenção às demonstrações dos procedimentos de segurança.

ATENDENTE NÚBIA

Saco!

(Durante a apresentação a Atendente Núbia não se mostra familiarizada com as indicações, apontando para lados que não correspondem ao que está sendo falado.)

VOZ DO COMANDANTE

Esta aeronave está equipada com seis saídas de emergência, duas na parte dianteira, duas ao centro e duas na parte traseira. Em caso de emergência, máscaras de oxigênio cairão sob suas cabeças.

ATENDENTE NÚBIA

Ou não.

VOZ DO COMANDANTE

Coloque a sua máscara antes de ajudar a pessoa ao seu lado e antes de postar qualquer coisa em seu *facebook*. Caso sua máscara tenha vindo sem oxigênio, tente manter a calma para não causar pânico nos passageiros com chance de sobrevivência. Luzes no chão guiarão vocês até as saídas de emergência.

ATENDENTE NÚBIA

Ou não.

VOZ DO COMANDANTE

Em caso de pouso na água... (*comandante cai na gargalhada*)... eu não posso ler isso, (*mais gargalhada*)... eu não posso, isso é sacanagem com eles. Vou pular essa parte, se a gente pousar na água vocês nadam que é melhor pra todo mundo.

ATENDENTE NÚBIA

Eu nado que é uma beleza.

VOZ DO COMANDANTE

A companhia... a companhia... a companhia Fast Airways (*os passageiros batem palmas com a capacidade do comandante de se lembrar do nome da companhia*) agradece a escolha de vocês e deseja aos passageiros da primeira classe e da classe executiva um excelente voo. (*Marieta e Naymara levantam-se, olham para trás do avião e agradecem*)

(*O comandante começa a dar o aviso em inglês. A Atendente Núbia inicia a demonstração, mas logo desiste, sentando-se no braço de uma poltrona e balançando os ombros dizendo que não entende.*)



VOZ DO COMANDANTE

Dear passengers, this aircraft is equipped with some...

ATENDENTE NÚBIA

Só fiz até o básico 2. Mas mi español é ótimo! Assim que ele acabar de falar eu vou passar pra ver se os cintos estão apertados. Quem não tiver de cinto apertado tá fodido!

ÍTALO

Minha poltrona tá sem cinto!

ATENDENTE NÚBIA

Não tem importância. O senhor que se exploda. Eu vou distribuir aqui um *kit* de sobrevivência para a classe econômica.

ÍTALO

O que é isso? Um nariz de palhaço?

ATENDENTE NÚBIA

É que, no caso, o oxigênio aqui da econômica tá com um pouquinho de defeito, tá saído um tiquinho de nada. Aliás, eu nem sei se eles chegaram a colocar máscara aqui, sabia? Mas também não importa porque a gente vai estar substituindo a máscara de oxigênio de vocês por esses narizes de palhacito, que são ótimos, lindos, são bem redondinhos, tá cheio de ar dentro deles, quebra um galho aí num caso de emergência.

VOZ DO COMANDANTE

Atenção tripulação, decolagem autorizada. Ah não? Desculpem, foi alarme falso! A torre pediu pra segurar mais um pouquinho. Quer saber, nós estamos atrasados, a gente vai assim mesmo. Queiram se segurar, por favor.

VOZ DO COMANDANTE *falando com o copiloto:*

Rota de colisão o cacete, eu num tô nem aí. Ele que faça a curva.
(*O avião decola.*)

ATENDENTE NÚBIA *no microfone*

Senhores passageiros, nós vamos dar início agora ao nosso serviço de bordo.
Dona Nayninara, aceita champanhe?

NAYMARA *vai até o microfone e olha para os passageiros da econômica*
Aceito sim, obrigada.

NAYMARA

Duas taças! Duas não, Núbia, três. Vou guardar pra depois.

ATENDENTE NÚBIA

Upgrades!

ÍTALO

Até que ela chegue aqui atrás nós vamos estar sobrevoando o Atlântico.

ÁLVARO

Jura!? E eu que pensei que esse voo fosse pra São Paulo.

MARIETA

O que temos pra comer, Núbia?

ATENDENTE NÚBIA

Coisas de rico, dona Marieta. Eu não sei o nome, mas é tudo caro. Espero que gostem.

NAYMARA

Já gostei! Pode deixar dois pra mim, Núbia! Dois não, três!



ATENDENTE NÚBIA

Claro, dona Naynaymara. Quer levar um pra sua mãe?

NAYMARA

E pode? Adoro a Fast Airways.

(Atendente Núbia continua servindo os passageiros até chegar em Ítalo.)

ÍTALO

Qual o menu, aeromoça?

ATENDENTE NÚBIA

Ah, não faz de bobo, seu Ítalo. O senhor vai querer amendoim ou barra de cereal?

ÍTALO

Barra de cereal.

ATENDENTE NÚBIA

Não tem mais. Só tem amendoim.

ÍTALO

Amendoim está bem.

ATENDENTE NÚBIA

Para a mão.

ÍTALO

Como?

ATENDENTE NÚBIA

Para a mão, seu Ítalo. O amendoim agora é servido a granel. É pra otimizar o tempo do passageiro, o senhor não tem mais que ficar horas tentando abrir o pacotinho. A Fast Airways está sempre pensando no bem-estar de seus passageiros.

Para a mão. Ops. Acho que caiu um a mais. Deixa eu contar. Tem sete, passa um pro seu Pedro. São só seis por passageiro. Para beber?

ÍTALO

Água, sem gás.

ATENDENTE NÚBIA

Saco! A econômica dá muito trabalho.

(Atendente Núbia abre uma garrafa de água com gás, sacode para tirá-lo e espirra em Ítalo.)

ATENDENTE NÚBIA

O senhor, o que gostaria para comer?

PEDRO

Acho que eu vou escolher o amendoim a granel também.

ATENDENTE NÚBIA

Ótima escolha. Para beber?

PEDRO

Você tem refrigerante?

ATENDENTE NÚBIA

Nós trabalhamos apenas com guaraná Capivara. É natural da Amazônia.

PEDRO

E é bom isso?

ATENDENTE NÚBIA

É o único que tem.



PEDRO

Algum outro refrigerante sem ser guaraná Capivara?

ATENDENTE NÚBIA

Cala-Cola, original do Pará.

PEDRO

E é bom?

(Atendente Núbia não responde à pergunta dessa vez, fica apenas olhando fixo para Pedro. Ele levanta o copo para ela o servir.)

ATENDENTE NÚBIA

Olá Álvaro, querido, o que você gostaria?

ÁLVARO

Amendoim tá joia.

ATENDENTE NÚBIA

Imagina se eu vou te deixar comer amendoim podre! De jeito nenhum! Pega aqui o cardápio, escolhe o que você quiser. Esse negócio de *quiche* tá uma delícia que eu já provei lá dentro.

ÁLVARO

Se você diz, eu acredito.

ATENDENTE NÚBIA

Hum, adoro quando o passageiro acredita em mim. Já trago pra você, seu gostoso!

ÍTALO

Esse moleque tá pegando a aeromoça.

PEDRO

Com certeza!

ATENDENTE NÚBIA

Toma querido. Bom apetite.

ÁLVARO

Obrigado.

ÍTALO

Sobrou algum amendoim?

PEDRO

Não. Tá com fome?

ÍTALO

Morrendo.

PEDRO

Só tenho Cala-Cola.

ÍTALO

Será que se a gente pedir mais amendoim ela dá? Também acho que não.

(Atendente Núbia surge novamente com dois galões de mate-limão.)

ATENDENTE NÚBIA

Olha o mate! Olha o limão! Olha a empadinha praiana!

ÍTALO

Por favor! Um mate com pouco limão.

ATENDENTE NÚBIA



Isso daqui não é serviço de bordo não, tá seu Ítalo. Isso aqui é pra incrementar minha renda. Se o senhor quiser vai ter que pagar.

ÍTALO

Eu já imaginava. Quanto é a empada?

ATENDENTE NÚBIA

Depende. Sem azeitona são 3 reais, com azeitona são 20.

ÍTALO

O quê?

ATENDENTE NÚBIA

Sem azeitona são 3 reais, com azeitona são 20.

ÍTALO

Eu não vou discutir nem me estressar com você mocinha. Me veja uma empada sem azeitona.

ATENDENTE NÚBIA

Não temos. Só temos com azeitona. É a última, o senhor vai querer?

(Ítalo tira uma nota de R\$ 20,00 do bolso e paga a empada.)

ATENDENTE NÚBIA

Obrigada. Volte sempre.

ÍTALO

Ei! Psiu! Aeromoça Núbia, por favor, volte aqui. Eu acabo de pagar vinte reais em uma empada com azeitona.

ATENDENTE NÚBIA

E...

ÍTALO

E aí eu te pergunto: onde está a azeitona da minha empada?

ATENDENTE NÚBIA

Desculpe senhor, mas nossa política de devolução não cobre empadas que já foram mordidas.

ÍTALO

Eu quero a minha azeitona e quero ela agora!

ATENDENTE NÚBIA

Meu senhor, a empada não está na garantia.

ÍTALO

Chame o piloto dessa joça!

ATENDENTE NÚBIA

Saiu pra comprar cigarro. Quer reclamar eu te dou o número da central de reclamações.

ÍTALO

Qual é?

ATENDENTE NÚBIA

Anota aí o meu celular: 9977-8822. Mas não liga agora que eu estou trabalhando, não posso atender. Obrigada, de nada. Precisa de mais alguma coisa, senhor Álvaro? Vinho? Champanhe?

ÁLVARO

Não, obrigado. Uma simpatia essa aeromoça, não é mesmo? Ela torna o voo



muito mais agradável, não é mesmo? Não poder fumar é uma droga, não é mesmo? Algum de vocês, por acaso, tem um isqueiro?

(Álvaro levanta e vai até a Atendente Núbia. Cochicha algo no ouvido dela. Núbia entrega um isqueiro para ele.)

ATENDENTE NÚBIA

Pelo amor de Deus hein Álvaro, isso fica entre a gente.

ÁLVARO

Claro!

ATENDENTE NÚBIA

Não vai arrumar confusão pro meu lado. E ó, dois tragos e só.

ÁLVARO

Dois tragos no máximo.

ATENDENTE NÚBIA

E ó: três desodorantes!

ÁLVARO

Com certeza! Três desodorantes! Mas sem álcool que com álcool arde.

ATENDENTE NÚBIA

Tudo bem. Sem álcool! Garoto travesso!

(Álvaro vai em direção ao banheiro na parte traseira do avião, com o cigarro apagado na boca e o isqueiro na mão.)

ATENDENTE NÚBIA

Vou descansar um pouquinho que eu tô exausta. Qualquer coisa bate aí na porta

do piloto que ele ajuda vocês. Ou não.

(Atendente Núbia sai de cena.)

ÍTALO

É agora que essazinha me paga.

PEDRO

Como assim? Aonde você vai?

(Ítalo vai atrás de Núbia e sai de cena. Pedro o segue.)

NAYMARA

Onde eles foram?

MARIETA

Devem ter ido usar o nosso banheiro. Vou contar tudo pra Núbia quando ela chegar. Não gosto quando essa gente invade o nosso espaço.

NAYMARA

Eu acho que eles foram se pegar no banheiro.

MARIETA

Como assim?

NAYMARA

Ué, tá sabendo não? O Pedro é viadinho.

MARIETA

Jura?



NAYMARA

A Núbia até anunciou no alto-falante, você não ouviu?

MARIETA

Ouvi não, menina! Mas ele nem se veste de mulher.

NAYMARA

É, mas hoje em dia você já pode ser viadinho sem se vestir de mulher. Tá tudo muito avançado nessa área. Muitos casos assim.

MARIETA

Olha só! Eu não sabia.

NAYMARA

Eu também não entendo muito bem. Mas eu não tenho preconceito. Trato todos eles como se fossem gente. Cumprimento e tudo!

MARIETA

Nossa, você tem a cabeça muito aberta. Gostei de ver!

(Ouve-se um barulho de janela quebrando e a voz de Núbia gritando ao longe.)

NAYMARA

Você ouviu?

MARIETA

Ouvi! Que foi isso?

NAYMARA

Acho que veio de lá. Vamos ver!

(Naymara e Marieta saem de cena para ver o que está acontecendo. Ítalo e Pedro)

voltam à cena encapuzados, sentam-se em suas poltronas e tiram o capuz.)

ÍTALO

Nós precisávamos.

PEDRO

Nós uma ova que eu não fiz nada. Só te acompanhei.

ÍTALO

Não fez nada, mas viu. E gostou do que viu! Portanto é cúmplice!

PEDRO

Me tira dessa. Eu hein!

(Naymara volta para a cena.)

NAYMARA

Gente, alguém viu a Núbia? Nós estamos procurando por ela, mas ela sumiu.

ÍTALO

Vi não. Você viu, Pedro?

PEDRO

Núbia? Quem é Núbia?

ÍTALO

Você quer deixar algum recado caso ela volte?

PEDRO

Mas como ela vai voltar?



ÍTALO

Cala boca!

NAYMARA

Você pode dizer pra ela que eu dei uma passadinha?

ÍTALO

Pode deixar.

(Naymara faz menção de voltar para a primeira classe, mas retorna.)

NAYMARA

Vocês dois, hein! Danadinhos!

(Marieta volta para a cena apavorada.)

MARIETA

Vocês não vão acreditar! A Núbia desapareceu. E a janela do banheiro lá da frente está quebrada!

ÍTALO

Ela se jogou! Coitada, mas ela não era muito normal mesmo, né? Vai ver que foi melhor pra ela.

NAYMARA

E agora, o que a gente faz?

ÍTALO

Eu vou comer um quiche e tomar um pouco de champanhe. Alguém me acompanha?

PEDRO

Quiche de quê?

MARIETA

Espera aí! O que é isso? Um capuz de sequestrador?

ÍTALO

Imagina, esse é um capuz normal!

MARIETA

Olha a etiqueta! Essa marca de capuz é usada por sequestradores. Meu Deus!

ÍTALO

Eu posso explicar.

NAYMARA

Foram vocês.

PEDRO

Vocês não! Foi ele. Eu só assisti.

ÍTALO

Você marretou o vidro.

PEDRO

Mas quem jogou a Núbia foi você.

ÍTALO

Você chamou ela de ordinária!

PEDRO

Mas quem enfiou amendoim na boca dela até não caber mais foi você.

ÍTALO

Você sorriu quando ela caiu que eu vi!



MARIETA

Chega! Assassinos!

ÍTALO

Eu não tive a intenção de matar. Nós estávamos sobrevoando o oceano. Era só pra ela cair n' água e sair nadando pra bem longe de mim. Eu não quis matar, eu não sou assassino.

NAYMARA

E quem te garante que ela sabia nadar? Quem garante que não tem tubarão onde ela caiu?

MARIETA

Nós vamos te entregar para a polícia. Dá sinal Naymara, que nós vamos descer e chamar a polícia.

VOZ DO COMANDANTE

Atenção tripulação, nós detectamos sinais de fumaça vindos do banheiro traseiro da aeronave. Estamos tendo problemas sérios de despressurização. Queiram, por favor, retornarem a seus assentos. Os passageiros da primeira classe, por favor, coloquem suas máscaras de oxigênio e os da classe econômica seus narizes de palhaço. Obrigado.

(Todos retornam a seus lugares assustados. A luz da aeronave começa a piscar e se apaga. Acende a luz do banheiro onde Álvaro está fumando três cigarros simultaneamente. Álvaro joga os cigarros no vaso. A luz do banheiro se apaga e ouve-se um barulho de grande explosão.)

CENA 4

NO ALÉM

(A luz de cena se acende. Os cinco passageiros estão no céu. Todos têm asas. Entra a senhora do aviso sonoro sexy com cara de entediada.)

AVISO SONORO **SEXY**

Sejam bem-vindos.

MARIETA

Mas o que é que significa isso? Onde nós estamos?

ÍTALO

Essa velha não tinha morrido?

NAYMARA

Será que é a tal da escala em Salvador?

PEDRO

E você tá vendo alguma baiana por aqui, sua lesada?

ÁLVARO

Gente, que lindo! Eu tenho asas!

MARIETA

Eu também!

NAYMARA

Eu também!

ÍTALO

O que está acontecendo aqui?



PEDRO

Nós exigimos uma explicação!

AVISO SONORO SEXY

Atenção senhores passageiros do voo 78, com destino a São Paulo, hora de assistirmos ao noticiário da Terra.

MARIETA

Noticiário da Terra?

(A mulher do aviso sonoro sexy pega um controle remoto e liga a televisão. Vinheta do plantão de notícias.)

REPÓRTER NA TV

Um avião da Fast Airways que ia do Rio para São Paulo acaba de explodir em pleno voo. As suspeitas são de que o acidente tenha sido provocado por um cigarro jogado no lixo do banheiro. Não há sobreviventes. Que Deus receba toda a tripulação e o infeliz e desgraçado do fumante.

(Todos olham assustados e com ódio para Álvaro.)

PEDRO

Nós morremos!

MARIETA

Impossível! Não pode ser. Eu tenho uma reunião às dez e meia com meu novo chefe. Eu não posso faltar!

NAYMARA

A culpa é desse moleque irresponsável!

PEDRO

Eu vou matar esse desgraçado!

(Pedro para cima de Álvaro, mas os demais o seguram.)

PEDRO

Você é um assassino!

MARIETA

É. Mas baixa a sua bola que você também não fica atrás não.

NAYMARA

A Núbia tá por aqui?

ÁLVARO

Núbia deve estar habitando esferas mais altas, deve ter virado santa.

(A mulher do aviso sonoro sexy pega novamente o controle remoto e torna a ligar a televisão. Vinheta do plantão de notícias.)

REPÓRTER NA TV

Estamos aqui na Praia de Copacabana e vamos entrevistar uma sobrevivente do acidente com o voo 78 que estava indo para São Paulo. Qual o seu nome?

ATENDENTE NÚBIA

Meu nome é Núbia.

REPÓRTER NA TV

Núbia, você estava dentro do avião que explodiu? O que aconteceu? Como foi que você escapou?

ATENDENTE NÚBIA

Eu era aeromoça daquele avião. Eu tinha ido ao banheiro quando de repente a voz de Deus me falou: pule desse avião que ele vai explodir. Todo mundo vai morrer. Quebre a janela e pule.



REPÓRTER NA TV

E aí você pulou?

ATENDENTE NÚBIA

Claro, não sou besta de desobedecer Deus. Pulei, a sorte é que tinha água embaixo. Aí eu nadei, nadei e acabei dando aqui em Copacabana. Tô acabando de sair da água.

REPÓRTER NA TV

E por que você acha que Deus te avisou sobre o acidente e não ajudou os demais tripulantes?

ATENDENTE NÚBIA

Ah, Ele me explicou isso. Foi o seguinte: primeiro que os passageiros ali eram todos umas pestes, não mereciam sobreviver. Segundo que Deus me disse que eu era uma funcionária tão boa, tão boa, que eu não merecia morrer sem receber uma promoção na empresa onde eu trabalho. E aí *estoy aqui, querendote, promoción!*

REPÓRTER NA TV

Muito obrigado Núbia, vai se enxugar, vai descansar que o percurso deve ter sido longo. E nós ficamos por aqui. Essa foi Núbia, a atendente de *check-in* da Fast Airways, que conversou com Deus, nadou mais de 350 quilômetros e foi salva do acidente com o voo 78. Evaristo.

(A TV apaga.)

ÍTALO

Mentirosa! Conversou com Deus uma ova! Tá querendo mídia, essa desgraçada!

MARIETA

Ela falou mal da gente em rede nacional!

NAYMARA

Eu não esperava isso dela. Eu tô arrasada.

PEDRO

E agora? O que vai ser da gente?

ÁLVARO

Eu gostei desse lugar. Gostei das minhas asas. Eu tô de boa!

AVISO SONORO SEXY

Atenção senhores passageiros do voo 78 com destino a São Paulo, queiram, por favor, me acompanhar.

ÍTALO

Acompanhar?

MARIETA

Mas aonde a gente vai?

AVISO SONORO SEXY

Faremos um *city tour* pelo céu.

(Todos começam a se retirar de cena.)

MARIETA

Bacana. É de graça?

NAYMARA

Eu sempre ficava imaginando como é que devia ser aqui no céu.

PEDRO

A gente vai como? Voando?

ÁLVARO

Tem que bater asa?



CENA 5

O TRIUNFO DE NÚBIA

(No aeroporto. Há cartazes de Núbia para todos os lados.)

SEU OLAVO

Eu sempre soube que você ainda seria nossa funcionária padrão!

ATENDENTE NÚBIA

Eu também seu Olavo, eu também! Eu me esforcei muito pra chegar até aqui. É lindo ver meu nome, meu rosto espalhado por todo esse aeroporto. É o reconhecimento de uma vida inteira de dedicação ao público.

SEU OLAVO

A Fast Airways está muito orgulhosa de você! E eu também estou!

ATENDENTE NÚBIA

Eu posso imaginar chefinho! Afinal de contas foi o senhor que me treinou! Eu devo muito ao senhor.

SEU OLAVO

Ah, que isso! Eu só fiz o meu trabalho. Se você não tivesse talento não teria chegado até aqui. Você merece isso e muito mais.

ATENDENTE NÚBIA

Eu concordo seu Olavo, eu concordo do fundo do coração!

SEU OLAVO

E agora eu gostaria de um minutinho da atenção de vocês, por favor. Eu gostaria de aproveitar a presença de todos para fazer um breve pronunciamento. Primeiramente

eu gostaria de parabenizar a Núbia, por ter sido eleita a funcionária padrão. Foi uma votação unânime Núbia, todo Brasil votou em você. Parabéns! Palmas por favor.

ATENDENTE NÚBIA

Obrigada Brasil.

SEU OLAVO

E é importante lembrar que essa foi uma decisão não só da nossa companhia, dos nossos clientes, mas de Deus, de nosso Pai maior, que reconheceu pessoalmente o valor da Núbia.

ATENDENTE NÚBIA

Obrigada, meu Pai! Valeu o reconhecimento!

SEU OLAVO

E finalmente eu gostaria de informar que a Fast Airways decidiu que Núbia não vai mais fazer *check-in* na ponte aérea.

ATENDENTE NÚBIA

Não?

SEU OLAVO

Não! Seus dias de merda acabaram!

ATENDENTE NÚBIA

Jura, seu Olavo? Eu vou fazer *check-in* pra onde? Paris? Milão?

SEU OLAVO

Você não vai mais fazer *check-in* Núbia. Você acaba de ser promovida para gerente de qualidade da Fast Airways!



ATENDENTE NÚBIA

Eu não acredito! Eu não tô acreditando nisso! O meu dia chegou! Finalmente! Eu fui reconhecida! Eu tenho meu valor. Chupa Brasil!

SEU OLAVO

A partir de hoje, você é responsável pela qualidade do nosso atendimento, pela qualidade do treinamento dos nossos funcionários. Você inclusive é minha chefe, agora.

ATENDENTE NÚBIA

Sério? Que lindo seu Olavo! Eu sempre quis mandar mais que o senhor. Tá demitido! Brincadeira! Vai buscar uma champanhe pra mim, vai traste!

SEU OLAVO

Claro, com licença.

ATENDENTE NÚBIA

Rápido que eu não admito atrasos.

SEU OLAVO

Já estou indo. Aqui está!

ATENDENTE NÚBIA

Obrigada. Gente, eu quero muito agradecer a presença de todos. É realmente muito importante para mim poder dividir com vocês esse momento tão meu. Cada um de vocês foi imprescindível para que eu chegasse até aqui. Eu quero também agradecer muito essa companhia, a Fast Airways, que é uma verdadeira mãe pra gente. Eu tenho muito orgulho de trabalhar aqui. E quero trabalhar aqui até o fim dos meus dias! Vocês vão ter que me aturar! E lembrem-se: vocês podem sempre contar comigo, pro que for! Afinal eu tô aqui pra ajudar! Muito

obrigada e um brinde a mim!

SEU OLAVO

Viva a Núbia!

ATENDENTE NÚBIA

Viva!

FIM



Autor do texto *Vende-se
uma geladeira azul*:

Rafael Cal nasceu em 1985,
é professor e autor. Fundou
e é o responsável pela
dramaturgia da Interferência
Teatral, com prêmios
em festivais nacionais e
regionais. Foi colaborador
do *Blogs do Além* e publica
textos em revistas e
sites literários.

Rafael
Cal





Vende-se
uma
geladeira
azul



vende-se uma geladeira azul

Rafael Cal

PERSONAGENS

ANNA

BERNARDO

JOÃO

Prólogo

Passado. Há três crianças correndo pela casa, passando pela cozinha. Os três têm idades próximas, em uma escadinha, entre 6 e 8 anos. São dois meninos, Bernardo e João, e uma menina, Anna. A correria é acompanhada por uma grande algazarra, como se estivessem em uma brincadeira de pique muito animada. João aponta a geladeira azul no centro da cozinha.

JOÃO

Quero sorvete!

ANNA

Ai, que saco.

BERNARDO

Pô, você só quer comer. Vamos chamar a vovó pra pegar o sorvete pra você.

ANNA

Parece que tá numa eterna larica...

JOÃO

Lombriga?

ANNA

Larica.

BERNARDO

O quê?

JOÃO

O que é larica?

ANNA

Não sei. Só ouvi a vovó dizendo noutra dia que tava na maior larica enquanto atacava a geladeira.

BERNARDO

Atacava a geladeira?

ANNA

É, tem sempre alguma coisa gostosa aí dentro, né?, e ela fica com a cara enfiada aí dentro às vezes.

JOÃO

É.

BERNARDO

Larica parece com lombriga.

JOÃO

Não tenho lombriga!

ANNA

É, não tem, não disse que tem, deixa de ser chato. E, Bernardo, deixa de ser criança também.

BERNARDO

Mas eu sou criança.

ANNA

Então, deixa de ser chato.

JOÃO

É, deixa de ser chato.

BERNARDO

Não sou chato. Vamos chamar a vovó pra pegar o sorvete.

ANNA

Não, a vovó tá ocupada. E se ela vier aqui vai mandar a gente tomar banho pra jantar daqui a pouco.

JOÃO

Não quero tomar banho.

BERNARDO

Eu quero jantar daqui a pouco.

ANNA

Mas a gente tá brincando, tem que continuar a brincadeira, se a gente parar vai se perder.

JOÃO

É só um sorvete, depois a gente continua.

ANNA

Ai, João, você é muito sem compromisso prum garoto de seis anos de idade.

BERNARDO

Ei, o que a gente vai fazer? Não alcanço o congelador direito.

ANNA

Você tem certeza que tem sorvete?

JOÃO

Tenho, Anna. Eu vi a vovó mexendo nos potes ontem.

BERNARDO

Não tô vendo nada.

JOÃO

Essa geladeira é grande, atrapalha tudo.

ANNA

Vou pegar a cadeira pra ajudar.

Os três arrastam a cadeira juntos e Anna sobe nela pra pegar o pote de sorvete. Ao abrir, descobre que é feijão que está guardado no pote.

ANNA

É feijão.

João chora. Bernardo lamenta. Anna fica meio chateada de ter parado a brincadeira à toa.

JOÃO

Eu odeio essa geladeira.

CENA 1

*Dias atuais. Os personagens são adultos, em torno dos 30 anos.
Anna está na cozinha da antiga casa da avó. O local parece meio abandonado, não há muita coisa, apenas uma geladeira azul e uma mesa. Ela fotografa a geladeira e passa a mexer no telefone. João chega.*

JOÃO

Ei.

ANNA

Oi, tava tentando falar com você.

JOÃO

Meu telefone não pega aqui.

ANNA

Ele não pega em muito lugar, né? Nunca consigo falar com você...

JOÃO

Telefone é um símbolo da dominação do homem, do triunfo do capitalista sobre o ser humano, é...

ANNA

João, corta essa, você só é mão de vaca, compra esses telefones vagabundos que vivem dando pau, não tem nada a ver com a luta anticapitalista.

JOÃO

Você já parou pra pensar que isso talvez seja uma forma de luta também? Bom, mas não estamos aqui pra isso. Como tá tudo?

ANNA

Bem. Meio ocupada.

JOÃO

Como sempre.

ANNA

Como sempre.

JOÃO

Ainda na... na...

ANNA

Na mesma. Fazendo as mesmas coisas.

JOÃO

E trabalhando 24 horas por dia, sete dias por semana.

ANNA

Sou boa no que faço.

JOÃO

Ganhando rios de dinheiro.

ANNA

Não tanto quanto eu poderia gastar.

Os dois riem.

ANNA

E você? Na mesma?

JOÃO

Fazendo uns freelas.

ANNA

Você me disse que tinha pedido demissão.

JOÃO

Tava me estressando muito o trabalho.

ANNA

Bem-vindo à minha vida.

JOÃO

Não, por favor. De jeito nenhum.

ANNA

Mas você não tava naquele site de fofoca?

JOÃO

Editoria de celebridades.

ANNA

Subcelebridades.

JOÃO

Pode ser que você esteja certa. Mas editoria de celebridades confere um certo valor ao trabalho, não?

ANNA

Não, não me parece.

JOÃO

É, também não me parece mais, mas fico insistindo porque normalmente as pessoas não querem conversar tanto tempo sobre isso, como você.

ANNA

Tá, vou parar. Mas só me responde uma coisa: como isso pode ser estressante? Foto de gente na praia, estacionando no *shopping* ou indo comprar pão, como pode?

JOÃO

Eu perdia muito tempo no Photoshop.

ANNA

Entendo.

JOÃO

Mas tô fazendo umas paradas aí pra relaxar.

ANNA

Sei.

JOÃO

Não é fumo.

ANNA

Não?

JOÃO

Não é só fumo. Tô fazendo ioga.

ANNA

Sério?

JOÃO

E correndo.

ANNA

Legal. Parece as mulheres dos meus colegas de trabalho.

JOÃO

Sabia que você ia criticar... porque você é assim, né?

ANNA

Mas tô te elogiando.

JOÃO

Claro.

ANNA

Elas são superdescoladas. Você frequenta o *shopping* às segundas também?

JOÃO

Vai se foder.

ANNA

Tá fazendo efeito, tá bem mais relaxado.

JOÃO

Você é muito crítica. Preciso que você me apoie às vezes.

ANNA

Certo.

JOÃO

Obrigado.

ANNA

Duas perguntas, então.

JOÃO

Diga.

ANNA

Quanto custa a ioga e quando você vai começar a faltar seguidamente até admitir que abandonou de fato?

JOÃO

Eu não sei por que eu ainda converso com você.

Silêncio.

JOÃO

E aqui? O que resolveu?

ANNA

Você não vai gostar de saber.

JOÃO

Como assim?

ANNA

Espera, o Bernardo tá chegando, a gente conversa de uma vez só.

JOÃO

Mas você falou com ele?

ANNA

Você sabe como é o Bernardo e a questão dos atrasos, é patológico.

JOÃO

Verdade.

ANNA

Ele tá no caminho, o trânsito tá ruim, mas ele disse que tá chegando.

JOÃO

Por que a gente não pode ir falando sobre o assunto? É sério?

ANNA

Mais ou menos.

JOÃO

Como mais ou menos?

ANNA

É grave, mas eu ri quando soube.

JOÃO

Riu?

ANNA

Não consegui não rir.

JOÃO

Então, é bom?

ANNA

É grave, eu disse.

JOÃO

Como pode ser grave e você rir?

ANNA

Sei que não parece exatamente plausível, mas é.

JOÃO

Tá muito confuso pra mim.

ANNA

João, a velha é foda.

JOÃO

Era.

ANNA

É. A velha morreu e continua sendo foda.

JOÃO

Foda em que sentido? Porque foda pode ser (*mudando o tom*) "olha, que legal, que foda" ou (*mudando o tom outra vez*) "nossa, como ela pôde fazer uma coisa dessas?, ela é foda".

ANNA

Deixa eu te mostrar uma coisa.

Anna pega uma pasta na bolsa. De dentro da pasta, retira um documento.

ANNA

Vou ler pra você. (*começa a ler*) Número quatro, (*interrompe a si mesma*) ah, vou pular aquela parte dos dados pessoais e do blá blá blá, tá? (*volta à leitura*) Número

quatro: a inventariante declara que o de cujus faleceu sem deixar bens corpóreos ou incorpóreos a partilhar, bem como não existem obrigações a serem satisfeitas pelo espólio.

Bernardo chega.

BERNARDO

Como não tem bens?

ANNA

Bernardo.

BERNARDO

Oi. Como não tem bens?

JOÃO

Filha da puta!

ANNA

Ela doou tudo antes de morrer.

JOÃO

Doou? Que porra é essa?

BERNARDO

Pra quem?

ANNA

Casa de Repouso Fênix.

JOÃO

O lugar que ela tava?

ANNA

Isso.

JOÃO

Doou tudo praquele asilo maldito.

BERNARDO

Como ela pôde fazer isso?

JOÃO

Eu falei que a gente tinha que ter interditado ela, eu falei. Velho é foda.

ANNA

Ainda tô tentando entender por que ela fez isso.

BERNARDO

Eu não acredito que ela fez isso com a gente.

JOÃO

Por que, Anna? Sabe por quê? Porque é velha. E velho é um bicho escroto.

ANNA

Tô tentando assimilar, isso deve querer dizer alguma coisa.

JOÃO

Que ela é uma cretina.

BERNARDO

Era.

JOÃO

É. Porque morreu e continua sendo cretina.

BERNARDO

E você, Anna?

ANNA

Eu?

JOÃO

É. Você não levou nada não?

ANNA

Como assim?

JOÃO

Sei lá, ué, te dei uma procuração.

BERNARDO

Não, não tô falando disso. Mas você não sabia de nada?

ANNA

Como saberia?

JOÃO

Sei lá, você é mulher. Neta dela. Poderia ter te dito.

ANNA

Sei tanto quanto vocês. Quase não fui ao asilo.

JOÃO

Aquele lugar tinha cheiro de mijo.

BERNARDO

Era mais limpo que a sua casa.

ANNA

Você quase nunca ia lá.

JOÃO

Nem o Bernardo.

Anna pega outros documentos e entrega a João e Bernardo. Os dois observam atentamente os papéis e balançam a cabeça.

ANNA

Aqui os papéis das doações que ela fez em vida. Não precisava da gente pra nada.

BERNARDO

Como ela vai deixar a gente assim?

ANNA

Assim como?

JOÃO

Assim, sem nada, ué.

ANNA

Não é bem assim.

BERNARDO

Mas você disse que...

JOÃO

Ela não deixou tudo pro asilo?

BERNARDO

Casa de repouso.

ANNA

Deixou. Mas o diretor de lá me entregou uma carta essa semana e foi por isso que chamei vocês.

Anna pega outro papel na pasta. É uma carta escrita pela avó. Os três se aproximam da folha. Cada um deles lê um trecho.

ANNA

Vocês devem estar se perguntando por que deixei todos os meus bens para a Casa de Repouso Fênix, lugar em que passei meus últimos anos. A resposta é bem simples, tão simples que não acho que preciso dizer a vocês.

BERNARDO

Confio no bom senso dos três e que serão capazes de compreender o que pensava quando tomei essa decisão. Criei vocês pra isso. Tentei, após a morte dos seus pais, criá-los da melhor maneira possível. Não sei se consegui, mas fiz meu melhor.

JOÃO

Queria deixar claro também que não os deixei sem nada. Tampouco os evitei uma herança. O fato é que os bens já não eram meus, já havia repassado tudo à casa de repouso. E, João, por favor, não chame de asilo, soa pejorativo demais. Como disse, já tinha me desfeito de tudo em vida, de modo que não houvesse briga após a minha morte.

BERNARDO

Vocês cresceram e já não os via como gostaria. Nada disso, Bernardo, não se trata, por favor, de nenhuma punição por nada. Envelhecer tem um ônus triste que é ver as pessoas morrendo ou indo embora pras suas próprias vidas. Já esperava por isso de vocês. Entendo, a vida é assim mesmo.

ANNA

Ao dizer que não os deixei sem nada, quero dizer que ficaram com algo que acredito ser uma boa herança pra vocês. Pedi que a Anna fosse avisada desta carta e que os levasse para a minha velha casa. Aí, na cozinha, está o que de mais precioso posso lhes deixar. Essa geladeira azul. Fiquem com ela e façam dela o que acharem melhor. Assim como falei no início, confio no bom senso de vocês. Sejam felizes. Com amor, vovó.

Longo silêncio.

JOÃO

Eu odeio essa geladeira.

CENA 2

O telefone de Bernardo toca. É a esposa. Ele sinaliza para os irmãos e afasta-se um pouco.

BERNARDO

Oi, tudo bem? (...) Sim, todos. Espera um pouco. (...) Tava indo prum lugar mais tranquilo. (...) Sim, né?, tá todo mundo meio estressado aqui. (...) Bom, você não vai acreditar. (...) Não, não. Nem adianta tentar. A vovó deixou uma geladeira pra gente, isso mesmo, aquela geladeira azul da cozinha dela, não sei se você lembra. (...) é, tá o caos aqui. (...) É, amor, uma geladeira. (...) Não, eu não sei, não faço ideia. (...) É uma geladeira, porra, o que eu vou fazer com o raio de uma geladeira velha, azul, não sei. (...) Tá, tá inteira, por fora tá inteirinha, nenhuma marca, nada, não sei por dentro. (...) Bom, se valesse alguma coisa, dava até uma forcinha pra pagar a festa da Maria Eduarda. (...) Não, amor, não é isso. É só que a festa tá bem cara, né? (...) Não tô dizendo pra gente não fazer, só tô dizendo que é uma coisa nossa, não tem nada a ver com a Maria Eduarda. (...) Amor, ela só tem um ano. Quer dizer, nem um ano ela tem ainda, vai fazer. Como ela vai se lembrar de alguma coisa? (...) Eu, por exemplo, não faço ideia de como foi a minha festa de um ano. Você lembra da sua? (...) Pois então. (...) Aliás, as minhas festas de infância me parecem, na memória, todas iguais. Minha avó fazia um bolo, uns salgadinhos e soltava umas crianças correndo por aqui *(numa fusão entre o tempo atual e as lembranças de Bernardo, Anna e João passam correndo, como duas crianças brincando de pique.)*

CENA 3

Passado. Voltam as crianças à cena.

É o aniversário de Bernardo. A cozinha está servindo a uma festa infantil que se passa na sala ao lado. Há coisas relacionadas à festa espalhadas por ali que denunciam o evento. Vez ou outra passam crianças correndo. Bernardo, o aniversariante, parece meio contrariado, sentado em um canto da cozinha. Anna está ajudando a organizar as coisas.

ANNA *(na direção da sala)*

Ei, atenção, crianças, cuidado com a mesa de doces. Não quero ver ninguém mexendo nela, hein? Vovó, já tô levando a outra bandeja, precisa de mais alguma coisa? *(para Bernardo)* Tá tudo bem?

BERNARDO

Oi?

ANNA

Aconteceu alguma coisa?

BERNARDO

Não, nada.

ANNA

Tem certeza?

BERNARDO

Aham.

Anna continua arrumando as coisas na cozinha. João entra e mostra uma espada.

JOÃO

Olha, Bê, olha que legal que eu ganhei da vovó.

BERNARDO

O quê?!

JOÃO

Uma espada! Olha como ela é legal!

BERNARDO

Como assim?!

JOÃO

Pô, Bê, é uma espada, não tá vendo?

BERNARDO

Eu tô vendo a espada!

JOÃO

Então, não é legal?

BERNARDO

Não é nada legal!

JOÃO

Claro que é!

BERNARDO

É claro que não!

JOÃO

Por quê?

ANNA

Olha, o João tem razão, é bem legal.

BERNARDO

Mas não é nada legal!

ANNA

Como não?

JOÃO

É, o que tem de errado com a minha espada?

BERNARDO

Ela é sua espada! É isso que tem de errado!

João fica ofendido e chora discretamente.

ANNA

Ai, olha que grosseria... Pera, João, não fica assim...

BERNARDO

Não foi nenhuma grosseria.

ANNA

Mas por que você tá dizendo isso?

BERNARDO

Anna, é meu aniversário!

ANNA

E o que tem?

BERNARDO

Por que o João tá ganhando presente no meu aniversário?

ANNA

Porque ele é criança, ué.

BERNARDO

Mas eu também sou.

ANNA

Então, e tá ganhando presente também.

BERNARDO

Mas eu tô ganhando presente não por ser criança, mas porque é o meu aniversário, ora.

ANNA

Ué, juntou as duas coisas: é criança e é seu aniversário. Ganhou presente.

BERNARDO

Anna, isso não faz o menor sentido. Ele não tem que ganhar presente hoje!

ANNA

Mas como você é egoísta.

BERNARDO

Não é egoísmo, eu só não entendo.

ANNA

Mas o que tem pra entender?

BERNARDO

O presente!

ANNA

Não tem nada pra entender.

BERNARDO

Hoje é meu dia! Meu!

ANNA

Ai, para.

JOÃO

Você quer meu presente, Bê?

ANNA

Não, João, não faz isso.

BERNARDO

Não, João, não quero.

JOÃO

Porque você pode ficar.

ANNA

Não, não pode, é seu.

JOÃO

Mas é aniversário dele.

BERNARDO

Você tem toda a razão.

ANNA

Não, não tem. Para com isso, Bernardo.

BERNARDO

Anna, ele ganhou uma espada! Uma espada!

ANNA

O que tem uma espada, Bernardo?

BERNARDO

Poxa, é uma espada!

ANNA

É de brinquedo, nem dá pra sair cortando cabeças por aí.

BERNARDO

Mas eu não quero cortar cabeças por aí.

ANNA

Então?...

BERNARDO

É o melhor brinquedo de todos, é o melhor presente de todos!

ANNA

Ai, nossa, como você é esquisito, o melhor presente de todos seria uma viagem pra Europa com tudo pago.

BERNARDO

Eu só tenho 8 anos, vou fazer o quê na Europa?

ANNA

Tem razão, é muito jovem. Não dá pra curtir um vinho, mas pode comer um queijo.

BERNARDO

Tem queijo aqui em casa, não preciso ir à Europa.

ANNA

Ai, como você pensa pequeno...

BERNARDO

Você também é uma criança.

ANNA

Sim, mas...

BERNARDO (*interrompendo*)

Mas nada, você vai fazer o quê na Europa?

ANNA

Não sei, mas parece um presente melhor que esse troço aí.

BERNARDO

É uma espada!

ANNA

Ah, tá, tá.

BERNARDO

Tá coisa nenhuma!

ANNA

Do quê você tanto reclama? Não ganhou nenhum presente legal?

BERNARDO

Anna, eu ganhei meias da vovó.

ANNA

Meias são mais úteis que espadas.

JOÃO

Não sei em que mundo você vive, Anna.

BERNARDO

Obrigado, João.

ANNA

Meias aquecem o corpo no inverno.

BERNARDO

Meias são uma grande droga. E principalmente quando a droga do seu irmão ganha, na droga do dia do seu aniversário, uma droga de espada que você queria ganhar! E não faz essa cara de coitadinho.

ANNA

Para, Bernardo!

BERNARDO

Não paro. Ele tem essa cara de pardal sem asa e é por isso que fica ganhando presente. A vovó deve ter ficado pensando, nossa, vou dar alguma coisa praquela criança depressiva antes que ele tente se matar engolindo soldadinhos de chumbo.

JOÃO

O que é depressivo?

ANNA

Para!

BERNARDO

Sabe o que você é, João? Sabe? Você é um golpista, isso sim! Um golpista! Um falso, um cretino!

Silêncio. Todos estão exaltados: João chora; Bernardo está enfurecido; Anna, com raiva.

ANNA

Sabe por que ele ganha presente no dia do seu aniversário?

BERNARDO

Sei, porque ele é criança, você acabou de dizer.

ANNA

Não, não é só por isso.

BERNARDO

Ah, é?

ANNA

É, é porque ele é legal também.

Silêncio.

BERNARDO

Eu odeio essa festa.

CENA 4

Dias atuais.

Bernardo retorna à cozinha e encontra os irmãos conversando.

ANNA

Lembra que o Bernardo odiou a festa? De quantos anos era?

JOÃO

Não sei.

ANNA

Bernardo, de quantos anos era aquele aniversário que você deu um ataque porque o João ganhou uma espada?

BERNARDO

Não sei do que você tá falando.

ANNA

Jura? Você ficou muito irritado, muito, porque a vovó deu uma espada pro João no dia do seu aniversário.

BERNARDO

Anna, acho que a gente tem coisas mais importantes do que ficar falando de lembranças tristes da minha infância, não?

ANNA

Então, você lembra, né?



BERNARDO

Não, Anna, não. Só quero resolver essa história logo. Quero voltar pra casa. Logo. Tenho coisas pra resolver.

JOÃO

Todos nós temos.

BERNARDO

Ah, João, desculpe, você deve estar muito ocupado tendo que arrumar a sua coleção de quadrinhos.

ANNA

Não vamos começar, hein?

BERNARDO

Eu não tô começando nada.

JOÃO

Nem eu.

BERNARDO

Eu quero resolver. Quero resolver isso e ir logo embora daqui.

ANNA

Então, ótimo.

JOÃO

O que a gente vai fazer pra resolver esse lance?

ANNA

Eu não quero ficar com a geladeira. Já tenho uma geladeira nova, acabei de

comprar. Aquelas com água na porta e o caramba. Tudo muito caro, mas, pelo site, me pareceu a mais moderna. A mais cara, certamente, deve ser.

BERNARDO

Eu também, em princípio, não quereria. A Juliana me fez comprar uma geladeira dessas, toda cheia de coisa. Aliás, ô, João, tu tem geladeira?

JOÃO

Tenho, Bernardo.

BERNARDO

Não sei, né? Convém perguntar.

JOÃO

Não tão moderna quanto a de vocês, mas tenho. Mas é de um modelo novo, tem até uma parte em cima que fica mais gelada e dá pra congelar coisas, como se a gente tivesse no polo norte, acredita? Chama "congelador", parece.

ANNA

Foco, pessoal, foco.

JOÃO (*entre os dentes*)

Babaca.

ANNA

Isso é um estorvo pra todos nós. É só um troço velho que vai ficar ocupando espaço na casa de alguém.

JOÃO

Eu já tenho um monte de coisas comigo que só ocupam espaço.

BERNARDO

Eu só queria entender o que a velha tem, ou tinha, né?, na cabeça pra deixar esse troço pra gente.

JOÃO

Só ela.

ANNA

A gente pode pensar em vender prum ferro-velho.

JOÃO

Deve valer alguma coisa.

BERNARDO

Não sei. Porque, na verdade, um ferro-velho usaria isso pra dividir e vender as peças pra revendedoras. Ainda existe alguém que use essa geladeira?

ANNA

Verdade.

JOÃO

Mas pode ser que dividam em pedaços pra vender pra reciclagem, sei lá.

BERNARDO

É uma possibilidade.

JOÃO

Mas esse esquitejamento da geladeira parece uma coisa errada, não?

ANNA

Hã?

JOÃO

Sei lá, imaginei a geladeira sendo desmembrada e gritando, enfim, deixa pra lá.

BERNARDO

Drogas... tô falando...

JOÃO

Não, cara, deixa de ser babaca, tô falando simbolicamente, né? Eu entendo que a geladeira não tem vida ou sentimentos, porra.

BERNARDO

A velha deixou essa porcaria pra gente só pra dar trabalho.

O telefone de Bernardo vibra. Ele se afasta. Lê uma mensagem no aparelho e olha pra geladeira. Retorna depois de alguns segundos.

BERNARDO

Mas eu posso resolver a história da geladeira. Deixa ela lá em casa.

ANNA

Tem certeza?

BERNARDO

Vamos deixar lá em casa até a gente acertar a coisa do ferro-velho.

ANNA

Mas não vai te atrapalhar?

BERNARDO

A casa é grande.

ANNA

Ai, que bom!

BERNARDO

O quintal é grande. Deixo por lá.

JOÃO

Ótimo!

BERNARDO

E tenho um cliente que tem negócios com um ferro-velho. Faço esse contato e resolvo a coisa toda.

ANNA

Não vou precisar me preocupar com esse troço aí.

JOÃO

No meu apartamento nem cabe.

BERNARDO

Assim, você não precisa ficar enrolada nisso. Você já tem coisa demais.

ANNA

Que alívio!

BERNARDO

A Juliana me ajuda a resolver, ela tem muito jeito pra isso.

JOÃO

É? Que maravilha.

BERNARDO

Sim, sim. Acho que é o melhor pra todos. Se eu posso fazer, não tem porque sobrecarregar vocês.

JOÃO

Claro, claro.

BERNARDO

É um trambolho.

ANNA

Nem pode jogar um negócio desses na rua porque a Prefeitura multa.

JOÃO

A gente ia ter que acabar contratando uma caçamba pra levar isso daqui.

BERNARDO

A Juliana concordou com a possibilidade de ficar com a geladeira.

ANNA

Ah, é? Que beleza.

BERNARDO

Já que se trata de uma herança sentimental.

JOÃO

Puxa, que coisa boa.

BERNARDO

Disse que por ela tudo bem a gente levar pra casa.

ANNA

Hum...

Silêncio longo. Anna e João se entreolham.

JOÃO

A Juliana topou ficar com esse troço aí?

BERNARDO

Sim.

JOÃO

Hum.

BERNARDO

Não entendi esse hum.

JOÃO

Tô pensando.

BERNARDO

Pensando em quê?

JOÃO

Pensando.

BERNARDO

E, você, Anna? Também tá pensando?

ANNA

Tô.

BERNARDO

E eu posso saber em quê?

ANNA

Pensando.

BERNARDO

E vocês dois estão pensando na mesma coisa, por acaso?

JOÃO

Acho que sim.

BERNARDO

E não vão me falar no que é?

ANNA

É o seguinte, Bê, não é meio estranho a Juliana topar que a geladeira fique na casa de vocês?

BERNARDO

Não.

JOÃO

Não mesmo?

BERNARDO

Por que seria?

ANNA

Porque, bem, digamos...

JOÃO *(completando)*

A Juliana é uma escrota, né?

BERNARDO

O quê?!

ANNA

Eu não ia dizer isso.

JOÃO

Mas estávamos pensando, né?

BERNARDO

Vocês tão dizendo que a minha mulher é uma escrota?

ANNA

Não.

JOÃO

Sim.

ANNA

Não, claro que não, o João não quis dizer exatamente isso.

JOÃO

Na verdade, quis.

ANNA

Ele não sabe a hora de parar a brincadeira.

BERNARDO

Por que a minha mulher é uma escrota?

JOÃO

Porque ela é esnobe. Porque ela é nojentinha. Porque ela transformou a sua filha numa árvore de natal ambulante. Quer dizer, ambulante não, porque se aquela criança andasse sairia correndo da mãe. Porque ela odiava a vovó. Porque ela odeia a gente.

ANNA

Na verdade, ela odeia você, João. De mim, ela só tem inveja.

BERNARDO

Hã?!

ANNA

A sua mulher tem inveja de mim, é claro, todo mundo sabe.

BERNARDO

Do que você tá falando?

ANNA

Do meu sucesso profissional, do meu estilo, do meu nariz perfeito sem necessidade de intervenções cirúrgicas.

BERNARDO

A Juliana tinha desvio de septo.

ANNA

Claro, claro.

BERNARDO

Tinha mesmo, por isso a cirurgia, praticamente não mexeram no desenho do nariz.

JOÃO

Claro, imperceptível.

BERNARDO

Vocês não prestam. A pessoa precisava de um tratamento médico, faz um tratamento médico e vocês ficam julgando.

JOÃO

Claro, você tem toda a razão. Desculpe.

ANNA

É, desculpe.

JOÃO

Inclusive, eu só fumo maconha por causa do glaucoma.

BERNARDO

Puta merda, eu não sei o que eu vim fazer aqui.

ANNA

A gente tá perdendo o foco. A gente precisa resolver a questão da geladeira.

BERNARDO

A Juliana é uma pessoa maravilhosa. E muito preocupada com essas questões de família.

JOÃO

Ah, Bernardo, para. Não força a barra, vai.

BERNARDO

Bom, não vou discutir sobre a minha mulher com vocês. Vou levar em conta que

vocês são completamente desequilibrados, um cheio de maconha, a outra cheia de anfetamina na cabeça e relevar tudo o que disseram. Eu posso ficar com a geladeira. O que vamos fazer?

JOÃO

Pode, né?

BERNARDO

Posso.

JOÃO

Mas não quer.

BERNARDO

Não entendi.

JOÃO

Você disse que podia ficar.

BERNARDO

E posso.

JOÃO

Como um esforço pelo grupo.

ANNA

Isso não faz sentido.

BERNARDO

Vocês estão loucos.

O telefone de Anna vibra. Ela lê uma mensagem.

ANNA

Quer dizer que a Juliana achou legal isso?

BERNARDO

Legal, ela não achou.

JOÃO

Não?

BERNARDO

Não. Mas ela não se incomoda.

ANNA

Tem certeza?

BERNARDO

É claro que tenho. Minha mulher não é um monstro, não.

ANNA

Eu não disse isso.

JOÃO

Eu também não. Disse? Saiu em voz alta?

BERNARDO

Vocês são muito injustos. A gente só quer ajudar. Oferecemos a nossa casa, nosso tempo, nosso esforço, e vocês duvidando. Eu não acredito.

JOÃO

É que vocês têm uma geladeira supermoderna, portanto não precisam dessa.

ANNA

E esse troço é muito grande.

JOÃO

Ocupa muito espaço.

ANNA

Vai incomodar.

JOÃO

Claro, olha pra isso, ocupando todo esse espaço.

ANNA

Mas ela não vai se incomodar mesmo com esse trambolho lá na sua casa até achar um ferro-velho? Tem certeza mesmo?

BERNARDO

Olha, eu não acredito que vocês estão fazendo isso.

ANNA

Nem eu.

BERNARDO

Como assim, Anna?

ANNA

Olha aqui, João.

Anna mostra a João a mensagem que recebeu no celular.

JOÃO

Sabia!

BERNARDO

Sabia de quê? Do que vocês sabiam?

ANNA

Dos motivos pra poder ficar com a geladeira.

BERNARDO

Como assim?

ANNA

Antes de vocês chegarem, fotografei a geladeira e mandei pra Cora, uma amiga que trabalha com decoração e coisas antigas.

JOÃO

Putaquepariu, é uma vaca mesmo a sua mulher.

ANNA

João, menos.

BERNARDO

Eu exijo respeito com a minha mulher!

ANNA

Aí, a minha amiga acabou de responder. E sabe qual a resposta, Bernardo?

BERNARDO

Como eu posso saber?

ANNA

Eu acho que você sabe.

JOÃO

Essa geladeira vale uma grana!

ANNA

Essa geladeira azul é artigo de luxo pra colecionadores e pra gente descolada. Esses *hipster* de hoje em dia querem colocar um negócio desse em casa. E a minha amiga disse que, se eu quiser vender, ela tem comprador. Inclusive disse que vai me mandar uma proposta em alguns minutos, só foi checar com o cliente.

BERNARDO

Vocês não podem estar falando sério...

ANNA

Ah, estou. Vale uma grana e, tenho certeza, a Juliana deve saber disso. Porque ela jamais admitiria esse trambolho lá na sua casa.

JOÃO

Mas isso tem cheiro de armação. Quer ficar com a geladeira pra vender.

ANNA

Isso é a cara da Juliana, mas é a cara dela.

JOÃO

Até parece que um dia ela ligou pra alguma coisa da nossa família. Ou da vovó.

ANNA

Muito menos pra uma geladeira como essa. Esse negócio velho.

JOÃO

Nem deve gelar direito.

ANNA

Não combina com a cozinha de vocês.

JOÃO

Nem tem incontáveis divisórias.

ANNA

Nem tem *frost-free*.

JOÃO

Nem gaveta pra ela guardar o queijo *brie* e a geleia de damasco dela pra colocar nos pãezinhos das visitas chiques que vocês recebem em casa.

BERNARDO

Calem a boca! Isso tudo aqui é uma grande droga. Uma grande droga. Uma droga de casa, uma droga de geladeira, uma droga de herança, uma droga de cozinha, uma droga de encontro. Tudo! Eu lembro da festa, sim! E sabe mais do que eu lembro? De que vocês sempre têm que ficar com alguma coisa minha. Isso tudo aqui deveria ser meu. Eu sofri muito aqui, nessa droga de casa, numa droga de infância. Ah, João, tá querendo pegar meu presente de novo? Já não bastaram todos os presentes que você ganhou da vovó nos meus aniversários? Tá querendo fazer dessa droga de geladeira a sua espada de hoje? E você, Ana, quer tomar conta de tudo aqui também? Vocês, vocês, vocês, vocês querem tudo. Eu não aguento mais isso. Eu quero ir embora daqui.

Silêncio.

BERNARDO

Eu odeio essa festa. Quer dizer, eu odeio essa conversa.

CENA 5

A explosão de Bernardo cria um clima ruim entre os irmãos. Aproveitando a oportunidade, Anna sai da sala para atender ao telefone. É uma ligação profissional: ela trabalha em uma multinacional do setor energético e ocupa um alto cargo executivo. Estava no meio de uma negociação importante, mas teve que resolver a questão da geladeira. Com medo que isso pudesse impactar negativamente na sua imagem profissional, mentiu na empresa.

ANNA *(para os irmãos, que não parecem ouvir)*

É... só um minuto, preciso atender, tá? *(falando ao telefone)* Alô? (...) Oi, tudo bem?, tudo, tudo certo (...) desculpe não ter te atendido antes. A negociação por aqui não tá fácil (...) É, pois é (...) A consultoria? Ah, a consultoria vai bem. (...) Mas eu não chamaria de consultoria, é bem mais informal. (...) Na verdade, é só um grupo de estudantes pra quem eu vou falar algumas coisinhas sobre a profissão, sobre os desafios do mercado, sobre o papel de destaque das mulheres nesse novo mercado, coisas do tipo, é mais um bate-papo. (...) Ah, bem, eles são jovens, né? Meio nervosos, um pouco estressados demais pra idade (...) Mas eu sou firme, consigo domá-los (...) Ainda não se acostumaram com a vida real, né?, às vezes, fica até meio difícil conversar, tem que explicar as coisas bem devagarzinho (...)É... a escola?, ah, é uma aqui na zona sul, bem pequenininha, quer dizer, na zona norte, você não conhece, não (...) É um favor prum amigo (...) O nome?... Azul. Escola Geraldo Azul, estranho, né? Também acho. (...) Errr... eu preciso ir agora, mais tarde a gente se fala.

CENA 6

(Pode ser uma cena fundida com a anterior, em que Anna fala ao telefone.)

Depois da explosão de Bernardo, João também aproveita a deixa para andar um pouco pela casa. Primeiro, ouve Anna mentindo pelo telefone para os colegas do trabalho. Depois, vê Bernardo fumando escondido. Tenta relaxar se distanciando-se tudo e todos e vai para o quintal.

Enquanto finge levar uma vida saudável, João continua estressado e passa os dias preenchendo seu vazio interior com muitos doces, drogas de baixa qualidade, superstição barata e autopiedade sem medida.

Ele senta no quintal e tira do bolso uma sacola. De dentro dela, tira um pacote de balas e come tudo.

CENA 7

Bernardo havia saído pra fumar do lado de fora da casa. Volta à cozinha e dá de cara com Anna, que o procurava. Ela fala com Cora, a amiga decoradora que avaliara a geladeira no celular.

ANNA (ao telefone)

Então, vamos fazer assim: vou combinar com eles aqui, espero tua ligação e logo logo a gente bate o martelo, tá? (...) Um beijo.

BERNARDO

Oi, tava te procurando.

ANNA

Não quero brigar.

BERNARDO

Nem eu.

ANNA

Ótimo.

BERNARDO

Não tem porquê.

ANNA

Então, vamos conversar sobre o que interessa: a geladeira.

BERNARDO

Nos livrarmos da geladeira.

ANNA

Pois bem. Tava no telefone com a Cora, a minha amiga decoradora. Pedi que ela sondasse alguns clientes e visse se há alguma proposta.

BERNARDO

Tem alguma coisa?

ANNA

Não confirmei nada, pedi apenas que ela visse isso logo, pra gente poder resolver o mais rápido possível.

BERNARDO

Tenho muita coisa pra fazer, verdade.

ANNA

E eu? Não podia estar aqui de jeito nenhum, tô cheia de coisa, envolvida em uma grande negociação.

BERNARDO

Cadê o João?

ANNA

Não sei, não vejo ele há um tempo.

BERNARDO

Deve estar fumando no meio do jardim.

João entra.

JOÃO

Ei.

ANNA

A gente tava procurando você.

JOÃO

Não tavam nada. Tavam aqui.

BERNARDO

A gente ia atrás de você, porque, afinal, viemos aqui resolver uma coisa importante e você tava sumido por aí.

JOÃO

Tava pensando um pouco.

BERNARDO

Sei.

ANNA

Sobre o que interessa, a geladeira.

JOÃO

Claro.

BERNARDO

Porque ninguém aqui tá com tempo sobrando.

ANNA

Exato. A Cora...

JOÃO

Quem é Cora?

BERNARDO

A amiga decoradora.

JOÃO

A que estragou o esquema da Juliana?

ANNA

Pois bem: falei com ela pra sondar alguns possíveis compradores que ela tem pra geladeira. Ela ficou de me ligar com uma proposta.

JOÃO

Já vendeu?

ANNA

Não, ela ficou de me ligar com uma proposta.

JOÃO

Mas ela tem alguém em mente?

BERNARDO

Deve ter, né?

ANNA

Imagino que sim. Ela conhece bastante gente, trabalha pra essa galera moderninha.

JOÃO

Bom.

BERNARDO

Maravilha.

ANNA

Acho que não demora muito não. Ela disse que teria umas três pessoas a quem esse troço interessaria, pelo menos.

BERNARDO

Ótimo.

JOÃO

Tem muito tempo que vocês falaram?

ANNA

Ainda agora.

BERNARDO

Por quê?

JOÃO

Queria resolver logo.

BERNARDO

Ah, sim.

ANNA

Todos nós.

JOÃO

Não tem porque perder tempo com isso.

BERNARDO

Se eu soubesse que ia ser só isso, tinha deixado pra você resolver isso, Anna.

ANNA

Não sou sua funcionária, Bernardo.

BERNARDO

Não disse isso.

JOÃO

Acho que ele quis dizer que você é mais prática pra essas coisas, sabe resolver bem, arrumar, organizar as coisas.

BERNARDO

Exatamente.

JOÃO

E, claro, ele não precisaria ouvir a Juliana reclamando que ele deu mole e não ficou com a geladeira só pra eles, poderia pôr a culpa tranquilamente em você.

BERNARDO

Cresce, João, deixa de ser babaca.

ANNA

Esse trambolho aí só tá tomando o meu tempo. Hoje é um dia cheio pra mim e ainda tive que vir pra cá resolver isso.

JOÃO

Tá cedo pra ligar pra ela perguntando?

ANNA

Pra Cora?

JOÃO

É.

ANNA

Acabamos de falar.

BERNARDO

Ela disse quanto vale?

ANNA

Talvez uns cinco mil.

JOÃO

Pela geladeira?

ANNA

É.

BERNARDO

Não é muito, mas...

JOÃO

É uma geladeira. De 1947.

ANNA

É de 1947?

JOÃO

Sei lá, é velha pra cacete.

BERNARDO

A vovó dizia que tinha sido a primeira geladeira dela, a primeira que teve depois que casou.

JOÃO

Então, tá vendo? Muito velha.

BERNARDO

A Juliana disse que é *vintage*.

ANNA

Tem gente que usa como estante. Ou só como uma peça mesmo na sala.

JOÃO

Sério?

ANNA

Foi o que ela me disse.

BERNARDO

A Juliana tem uma amiga que tem uma geladeira antiga também.

ANNA

Pois é, ela disse que tem um pessoal que acha legal. E que não é fácil achar uma tão bem conservada como a nossa.

BERNARDO

Então cinco mil é pouco, não?

ANNA

Ela disse que, pelo menos, cinco mil.

JOÃO

E ela tem comissão?

ANNA

Claro.

BERNARDO

Não é sua amiga?

ANNA

É, ué.

BERNARDO

Achei que era uma ajuda de amiga.

JOÃO

Tá pensando na divisão. Cinco, menos a comissão, quanto é a comissão?

ANNA

10%.

BERNARDO

Porra... e você achando que ela é sua amiga.

ANNA

Amigos precisam viver. Pagar contas, sabe? E aí, trabalham pra isso.

BERNARDO

Mas esse é o trabalho dela? Vender geladeiras velhas das casas de pessoas idosas falecidas?

JOÃO

Não, ela ganha dinheiro arrumando a casa de gente metida.

ANNA

A vovó estragou vocês dois.

BERNARDO

Nisso você tem razão. Meia razão. É só olhar pro João.

JOÃO

Voltando ao que interessa: cinco, menos quinhentos, fica quatro e quinhentos. Temos um e quinhentos pra cada um. É isso?

BERNARDO

Se a gente for dividir igualmente, sim.

JOÃO

E por que não seria em partes iguais?

BERNARDO

Não sei, só comentei.

ANNA

Não vejo motivos. Nenhum de nós teve muito tempo pra visitar a vovó mesmo.

BERNARDO

Eu não tinha tempo. Vocês não sabem como é difícil construir uma família.

ANNA

Não sou desocupada, não, Bernardo. Só porque eu não tenho filhos, tenho tempo?

JOÃO

Galera, a geladeira.

ANNA

Tem razão.

BERNARDO

Sabe o que eu acho? Como se trata de uma surpresa essa grana, vocês, como não têm filhos, podiam pensar na sobrinha que têm e dar um presente a ela ou ajudar na festa ou, quem sabe?, um fundo para educação no futuro.

JOÃO

Sabia.

ANNA

Bernardo, desculpe, vi sua filha três vezes. Não pago quinhentos reais por vez nem pra ver o Cirque du Soleil.

JOÃO

A menina nem tem um ano ainda e você já tá mandando esse caô?

BERNARDO

Sei lá, é um dinheiro inesperado, vocês podiam...

JOÃO

Tenho umas coisas pra pagar, vai dar uma aliviada.

BERNARDO

Claro.

ANNA

Viajo no fim do ano de férias.

BERNARDO

Hum.

ANNA

Vou usar pra isso.

BERNARDO

Imaginei.

JOÃO

Férias? Vai pra onde?

ANNA

Nova Iorque. Depois, Londres e Paris.

BERNARDO

Nossa...

JOÃO

Tá com dinheiro, hein?

ANNA

Eu trabalho bastante, mereço.

JOÃO

Claro que sim.

BERNARDO

Vou viajar também.

ANNA

Pra onde?

BERNARDO

Disney, acho.

JOÃO



Tá com dinheiro também, hein?

ANNA

Tá mesmo, festa pra criança, Disney.

BERNARDO

Aí é que você se engana.

JOÃO

Ih, começou a chorar.

BERNARDO

Por isso, perguntei sobre o que vocês iam fazer com a grana da geladeira. Porque...

JOÃO

Bernardo, sua filha tem um ano.

ANNA

Um ano.

JOÃO

Um ano! Porra! Ela não vai lembrar de nada, cara.

ANNA

Pode colar uns papéis crepom meio toscos na parede, enrolar bala de coco naqueles enfeites ridículos e tá tudo certo.

BERNARDO

A criança tem que ter uma festa.

ANNA

Um ano, Bernardo.

BERNARDO

Criança precisa de festa. É importante, fica pra sempre.

JOÃO

Um ano, Bernardo.

BERNARDO

Olha, nós já falamos disso e não vamos voltar a esse assunto, ok?

Silêncio.

BERNARDO

E você não vai viajar, João?

JOÃO

Não sei se vai rolar.

BERNARDO

O dinheiro vai ser pra isso? Vai vender sua parte na geladeira da vó pra torrar em dívidas?

JOÃO

Tenho que pagar algumas contas atrasadas.

ANNA

É triste mesmo.

JOÃO

Paciência.

BERNARDO

Vai fumar essa porra toda, né?

JOÃO

Por que você se incomoda tanto com os meus hábitos?

BERNARDO

Porque eu sou seu irmão.

JOÃO

A Anna também é e não enche meu saco.

BERNARDO

A Anna não tem tempo pra isso.

ANNA

Não tenho mesmo. Cada um faz o que quer da vida.

BERNARDO

Quero ver falar isso quando a gente tiver que rachar a clínica de desintoxicação dele.

JOÃO

Ei!

ANNA

Você vai pra uma clínica de desintoxicação?

JOÃO

Não!

BERNARDO

Não?

ANNA

Você precisa ir pra uma clínica de desintoxicação?

JOÃO

Não, espera, não desviem o assunto. Estamos falando da geladeira. Não sou viciado em drogas. Não mais que vocês.

BERNARDO

Espera lá...

JOÃO

Café, uisquinho, remedinho pra dormir, remedinho pra acordar, cigarrinho escondido. Todo mundo se desestressa de algum jeito. Tenho que pagar contas. Muitas, como qualquer pessoa. E minha vida não é como a de vocês. Ganho pouco, às vezes, gasto mais.

ANNA

Não precisa se aborrecer.

JOÃO

Preciso. Porque é o seguinte: eu esperava ficar com alguma coisa dessa desgraça toda. Vim aqui achando que fosse rolar alguma coisa. Só que só tem essa merda de geladeira. Só uma geladeira. Uma geladeira velha. E, apesar de eu achar que mereço mais, pra gente não ficar aqui eternamente, essa merda dessa geladeira é pra ser dividida em três partes. Vender e dividir. Dane-se se você vai usar sua parte pra doar pro Médicos Sem Fronteiras, se vai comprar vestidos, pagar um animador vestido de palhaço ou tomar champanhe na Torre Eiffel. Não é da minha conta. Eu só quero me livrar dessa merda dessa geladeira, dessa merda desse dia, ir embora daqui.

Silêncio.

JOÃO



vende-se uma geladeira azul

Rafael Cal

Eu odeio essa casa.

CENA 8

Passado. As três crianças estão em cena outra vez.

Anna e Bernardo brincam no quintal.

João passa com uma trouxa de coisas. Está fugindo de casa.

ANNA

Ei! João!

BERNARDO

Aonde você vai?

ANNA

É, pra onde cê tá indo?

JOÃO

Vou embora.

ANNA

Oi?

BERNARDO

Que história é essa?

JOÃO

É, vou embora.

ANNA

Por quê?

JOÃO

Porque não me sinto plenamente satisfeito aqui.

BERNARDO

Como assim?

JOÃO

Não sei. Eu vi a moça falando isso na televisão quando ela ia embora. Não sabia que tinha que explicar essa frase.

ANNA

João, deixa de bobeira, guarda as coisas e vem brincar.

JOÃO

Não, estou decidido. Eu vou embora.

ANNA

Você tá maluco?

JOÃO

Não.

ANNA

Eu não vou deixar você ir embora.

JOÃO

Você não manda em mim.

BERNARDO

Anna, espera...

ANNA

Eu não vou deixar essa criança...

JOÃO

Você não manda em mim!

BERNARDO

Ele tem razão, a gente não manda nele.

ANNA

Bê!

BERNARDO

Tô só dizendo, ué.

ANNA

Você quer que ele vá embora?

BERNARDO

Não! Mas...

JOÃO

Eu vou embora.

ANNA

Ei, espera. Tem frango com aipim pro jantar.

JOÃO

Tá vendo?

ANNA

O quê?

JOÃO

Vocês estão vendo?!

BERNARDO

O quê?

JOÃO

Vocês estão vendo como eu não sou respeitado nesta casa?

ANNA

Como assim?

JOÃO

Frango com aipim?

BERNARDO

É, sente o cheiro que tá vindo da cozinha.

JOÃO

Eu não gosto de frango com aipim.

ANNA

Claro que gosta!

JOÃO

Como eu posso ficar aqui desse jeito?

BERNARDO

Todo mundo come frango.

JOÃO

Eu sou constantemente desrespeitado.

ANNA

João, para com isso. Você gosta de frango com aipim.

JOÃO

Vocês acham que controlam meus gostos.

ANNA

A gente já comeu isso várias vezes.

JOÃO

É a rotina, como ela é cruel.

BERNARDO

Anna, deixa ele. É tudo cena.

ANNA

Eu vou é falar com a vovó.

Anna vai pra dentro de casa falar com a avó.

BERNARDO

João, a gente tem que ser rápido agora. Você quer mesmo ir?

JOÃO

Sim. Eu não me sinto mais part...

BERNARDO *(interrompendo)*

Então, a gente tem que andar logo. Vou te ajudar a fugir.

JOÃO

Vai mesmo?

BERNARDO

Vou.

JOÃO

Obrigado, Bê, você é o melhor irmão do mundo.

BERNARDO

Deixa as coisas escondidas aqui no quintal. Você sai correndo pra não dar tempo da Anna voltar com a vovó e elas te pegarem aqui. Mais tarde, a gente se encontra lá perto da escola e eu te entrego as tuas coisas e umas moedinhas que eu tenho. O que você acha?

ANNA

João! João! Fica! A vó perguntou se você viu o que tem dentro da geladeira.

JOÃO

Dentro da geladeira?

ANNA

É, pra sobremesa.

JOÃO

Não.

ANNA

Tem doce de leite.

JOÃO

Doce de leite?

ANNA

É.

JOÃO

Pra sobremesa?

ANNA

Aham.

João se resigna e volta andando com a trouxa na direção da casa.

BERNARDO

Eu odeio doce de leite!

CENA 9

Dias atuais.

O telefone de Anna vibra. É uma mensagem de Cora sobre a geladeira.

BERNARDO

E aí?

ANNA

Tem uma proposta de seis mil.

BERNARDO

Seis?

ANNA

É mais do que ela tinha dito até.

BERNARDO

Sim. Muito mais.

ANNA

Bom, né? Vou confirmar com ela.

BERNARDO

Menos a comissão dela, sobra mil e oitocentos pra cada.

ANNA

Ai que ótimo que ela arranjou uma compradora.

BERNARDO

Rápido, né?

ANNA

Muito.

BERNARDO

Vou avisar à Juliana.

ANNA

Mas ela é muito boa mesmo.

BERNARDO

Com esse dinheiro dá pra pagar mais da metade da festa.

ANNA

É mais do que gastei com a passagem pra Nova Iorque.

BERNARDO

Vai me dar uma folguinha nas contas. Já posso começar a planejar a viagem.

ANNA

Nossa, é bom quando vem um dinheiro inesperado assim, né? Não vai sobrar nada em Nova Iorque.

Anna ri sozinha; Bernardo manda uma mensagem por celular pra esposa. Os dois comemoram a venda. Anna responde a mensagem de Cora, confirmando a venda.

ANNA

Pronto, tá feito. Ela disse que vai transferir o dinheiro pra minha conta logo, pra garantir o negócio. Mas tem o seguinte, tem trezentos reais do pessoal do transporte. Então, fica por R\$ 5.100 líquido pra nós, tirando a comissão e o transporte.

BERNARDO



É, faz sentido.

ANNA

Alguém tem que pegar esse trambolho. Não cabe no meu carro.

BERNARDO

Nem no meu.

ANNA

E é gente que já trabalha com ela. Não deve demorar.

BERNARDO

Ela já tinha um comprador, tenho certeza.

ANNA

Verdade.

BERNARDO

Muito rápido. Ainda extorquiu do cara uma grana a mais. Experta essa sua amiga, hein?

Anna e Bernardo riem. Depois, um silêncio.

ANNA

Ei, João, por que você tá quieto?

JOÃO

Tô quieto.

BERNARDO

Tá mesmo.

JOÃO

É que... Eu não sei se eu quero vender a geladeira.

BERNARDO

Oi?

ANNA

O quê?

JOÃO

Eu não sei se eu quero vender a geladeira.

BERNARDO

Mas que história é essa?

ANNA

De onde você tirou isso?

BERNARDO

Eu não falei que ele tava com problema com drogas? Alteração de personalidade, sintoma clássico do problema.

JOÃO

Eu não tenho certeza.

ANNA

Você entendeu que vai levar R\$ 1.700 limpinho sem nenhum esforço?

BERNARDO

É que ainda vamos encerrar esse dia de merda de hoje?

JOÃO

Eu não sei se eu quero!

ANNA

Você não quer dinheiro? E as suas dívidas? E as drogas que você tem que comprar por aí?

JOÃO

Não se trata do dinheiro.

BERNARDO

É sempre dinheiro. É o quê? Tá querendo mais? É isso? Você acha que merece mais porque era o predileto daquela velha escrota?

JOÃO

Por que você odeia tanto a vovó?

BERNARDO

Predileto daquela velha escrota! Sabia que isso ia acontecer.

ANNA

Não tem nada disso de predileto, Bernardo. Para com isso.

BERNARDO

É claro que tinha. Ela me odiava. Era tudo pra esse moleque mimado. Tudo. Docinho de leite. Comidinha. Espadinha. Festinha. Deu no quê? Nesse cretino, desocupado, maconheiro e mimado. Você devia ter ido embora naquele dia.

JOÃO

Você bem que queria, né? Você acha que eu não lembro de você me pilhando pra ir embora?

ANNA

Que história é essa?

BERNARDO

Você devia ter ido. Devia ter sumido. Ou eu devia ter vendido você. Melhor do que ter que vender essa merda dessa geladeira agora.

ANNA

Olha, vamos ser práticos, tá? João, eu mandei uma mensagem confirmando. Já tá feito. A geladeira não serve pra nada mesmo, ela nem funciona. É só esse troço aí que a gente tá vendo e que essa galera descolada acha que é objeto de decoração. E sorte a nossa que eles pensam assim.

JOÃO

Eu não assinei nada!

ANNA

Você sabe que não é assim. Não é um imóvel, cara. É uma parte dos objetos da casa que, gentilmente, o advogado da vovó separou porque ela pediu a ele que ficasse com a gente. Vamos pensar direito nas coisas. E resolver, é preciso resolver rápido.

JOÃO

Anna, eu não quero ir embora. Eu sei que eu disse que queria, que não queria saber de nada disso.

ANNA

Então?

JOÃO

Mas essa geladeira, essa geladeira é a única coisa que resta da gente, você não entende? É a única coisa que sobrou do passado.

BERNARDO

E pra que você quer algum resto do passado? Pra que resto daquela maldita infância?

JOÃO

Que infância maldita? A gente foi feliz aqui.

BERNARDO

A gente quem? Eu vivia aqui com você me tomando tudo, todos os espaços, todas as coisas, todo o tempo da vovó.

Bernardo começa a chorar.

JOÃO

Eu não quero vender a geladeira.

BERNARDO

Eu tenho o direito de me livrar do meu passado.

JOÃO

Mas não tem o direito de me livrar do meu.

BERNARDO

Eu não quero nada que me lembre da minha infância, cara.

JOÃO

Eu sei. Inclusive eu e a Anna. Ou a vovó.

BERNARDO

Se eu não vejo vocês é porque a minha vida é cheia. Eu tenho uma família.

JOÃO

Você não vê a gente porque quer apagar tudo.

BERNARDO

Dane-se, isso não é da sua conta, não é da conta de ninguém, isso nem importa aqui. Eu tenho direito de me livrar dela. Olha o que ela fez com a gente, olha como a gente é.

JOÃO

Você não tá mais falando da geladeira, né?

BERNARDO

Não interessa mais. O que importa é que eu quero vender e quero ficar com o dinheiro da venda.

ANNA

João, é um dinheiro bom, a gente quer vender.

JOÃO

É tudo pelo dinheiro?

ANNA

Sem romantizar, vai.

JOÃO

Se eu arrumasse o dinheiro e pagasse a parte de vocês, tava tudo certo?

BERNARDO

Você arrumando dinheiro? Por favor, né?

ANNA

EDUARDO EUGENIO GOUVÊA VIEIRA

Presidente do Sistema FIRJAN

ALEXANDRE DOS REIS

**Diretor Regional do SENAI-RJ e Diretor
Superintendente do SESI-RJ**

LUIZ ERNESTO DE ABREU GUERREIRO

Diretor de Qualidade de Vida

ANTENOR JOSÉ DE OLIVEIRA NETO

Gerente de Cultura e Arte

FICHA TÉCNICA DO PROJETO

Idealizadora: Marina Henriques

Orientadores: Carla Faour e Henrique Tavares

Banca julgadora: Carla Faour, Henrique Tavares, Marcia Zanelatto, Inez Viana e Colmar Diniz

Curadoria artística e produção das leituras dramatizadas: Pedro Nercessian

Fotografia: Robson Maestrelli

Realização: SESI Cultural

PARTICIPANTES DA EDIÇÃO 2014

Aline Santos

Anita Chaves

Antonio Paiva Filho

Clóvis Andrade

Guilherme Schettini

Herton Gustavo

Leandro Pires Bellini

Leandro Souza

Lohan Pignone

Luciane Reis

Lucilia da Costa

Maciel Tavares

Miguel Vasconcellos

Nivea Oliveira

Pedro Alvarenga

Pedro Medina

Rafael Cal

Rita Elmor

Sasha Frank

Thales Paradela

AGRADECIMENTO ESPECIAL

O SESI Cultural agradece a todos que participaram e fizeram do Núcleo de Dramaturgia um sucesso, em especial aos palestrantes, atores convidados que encenaram as leituras dramatizadas e as instituições SP Escola de Teatro e Sociedade Brasileira de Autores – SBAT.

FICHA TÉCNICA PUBLICAÇÃO

Projeto gráfico e diagramação:

Flávia da Matta Design

Impressão: Gráfica Stampapa



Sistema
FIRJAN

FIRJAN
CIRJ
SESI
SENAI
TEL
SISTEMA FIRJAN

INFORMA, FORMA, TRANSFORMA.